



Larissa Meneses dos Santos

A Liderança como Relação: experiências de liderança no movimento de moradia em São Paulo

**Campinas
2015**



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Ciência Política

Larissa Meneses dos Santos

**A Liderança como Relação: experiências de liderança
no movimento de moradia em São Paulo**

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Ferreira Tatagiba

Dissertação de mestrado
apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Ciência
Política, do Departamento de
Ciência Política da Universidade
Estadual de Campinas.

**Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela
aluna Larissa Meneses dos Santos e orientada pela Prof. Dra. Luciana
Tatagiba.**

**Campinas
Março de 2015**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

M524L Meneses dos Santos, Larissa, 1988-
A liderança como relação : experiências de liderança no movimento de moradia em São Paulo / Larissa Meneses dos Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Luciana Ferreira Tatagiba.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Liderança. 2. Intelectuais. 3. Movimentos sociais. 4. Habitação - São Paulo (SP). 5. Ciências sociais - Análise de redes. I. Tatagiba, Luciana Ferreira, 1971-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Leadership as relation : leadership experiences in the housing movement in São Paulo

Palavras-chave em inglês:

Leadership

Intellectuals

Social movements

Housing - Sao Paulo (SP)

Social sciences - Network analysis

Área de concentração: Ciência Política

Titulação: Mestra em Ciência Política

Banca examinadora:

Luciana Ferreira Tatagiba [Orientador]

Andréia Galvão

Adrian Gurza Lavalle

Data de defesa: 13-03-2015

Programa de Pós-Graduação: Ciência Política



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 13 de março de 2015, considerou a candidata LARISSA MENESES DOS SANTOS aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Profa. Dra. Luciana Ferreira Tatagiba

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read "Luciana Tatagiba".

Profa. Dra. Andréia Galvão

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read "Andréia Galvão".

Prof. Dr. Adrian Gurza Lavalle

Resumo

Este trabalho apresenta como seu principal objetivo problematizar a compreensão de liderança em movimentos sociais. Tal problematização está fundamentada de acordo com os seguintes elementos: 1. Concepção da liderança como relação política multifacetada e preenchida por conflitos; 2. Ampliação da perspectiva teórica do que é ser liderança através do conceito de intelectual presente na obra de Antonio Gramsci; 3. Referencial empírico no movimento de moradia em São Paulo entre 2008 e 2012; e 4. Experimentação de diferentes recursos metodológicos. Tendo em vista a escassez bibliográfica dedicada à temática, a pesquisa dedicou-se preponderantemente à investigação empírica e a experimentações teóricas e metodológicas que pudessem abarcar a heterogeneidade do movimento social estudado, os diferentes níveis de militância encontrados, e as relações históricas e complexas entre o Movimento de Moradia em São Paulo, o Partido dos Trabalhadores (PT), e o Estado. Dentre as experimentações metodológicas estão presentes a observação participante, a interpretação de dados colhidos por *survey*, e a análise de redes sociais. Esta última, em especial, permite observar mais precisamente as nuances de centralidade e alianças que compõem a rede de relações de liderança no movimento de moradia em São Paulo. Já entre as experimentações teóricas, destacam-se os paralelos conceituais possíveis entre as categorias intelectuais presentes na obra de Antonio Gramsci e as diferentes faces do papel do líder. Considera-se que Gramsci atribui um papel político relacional e transformador à atividade intelectual análogo ao papel da liderança construída nos movimentos sociais. Ademais, as investigações aqui contidas concentram seu interesse nos percursos e experiências políticas comuns das lideranças, nas relações que fortaleceram ou enfraqueceram articulações e organizações do movimento de moradia em São Paulo.

Palavras-chave: liderança, movimentos sociais, intelectuais, movimento de moradia, análise de redes sociais.

Abstract

This work presents as its main goal to debate the understanding of leadership in social movements. The analytical strategies was grounded in accordance with the following aspects: 1. Conception of leadership as multifaceted political relation filled by conflict; 2. Expansion of the theoretical perspective of what is leadership through the concept of intellectual present in the work of Antonio Gramsci; 3. Empirical reference in housing movement in São Paulo between 2008 and 2012; and 4. Exploratory use of multiple methodological resources. Considering the literature paucity devoted to the subject, the research is mainly devoted to empirical investigation and theoretical and methodological experimentation that could encompass the heterogeneity of the studied social movement, the different levels of militancy found, and the historical and complex relations between the housing movement in the city of São Paulo, the Partido dos Trabalhadores (PT), and the State. Among the methodological experimentations are participant observation, interpretation of data collected by survey, and social networks analysis. That latter method, in particular, allows observing more precisely the centrality's variations, and alliances that build the leadership relations network in housing movement in São Paulo. About the theoretical experiments, we highlight the conceptual parallels between the intellectual categories present in the work of Antonio Gramsci and the different faces of the leader's role. Is considered that Gramsci assigns a relational political and transformative role to intellectual activity analogous to the role of leadership built in social movements. Furthermore, the investigations herein contained concentrate its interests on leadership trajectories, common political experiences and relations that may fortify or weaken the social ties of the housing movement in São Paulo.

Key words: leadership, social movements, intellectuals, housing movement, social network analysis

Índice

Agradecimentos	xiii
Índice de Figuras e Tabelas.....	xv
Lista de Siglas	xvii
Introdução.....	1
1. Sobre o tema e as intenções analíticas	1
2. O início e o caráter experimental do processo de pesquisa	4
3. Objeto de estudo, metodologia, objetivos de investigação e parâmetros teóricos	5
4. Sobre a organização dos capítulos.....	10
Capítulo I: Os intelectuais em Gramsci – algumas pistas para compreensão de liderança	14
1. Sobre a obra de Gramsci: observações e contextos de inserção no Brasil	14
2. A questão dos intelectuais	16
3. Paralelos conceituais possíveis: <i>intelectuais</i> e lideranças de movimentos sociais	22
i. O olhar para os conhecimentos da Vida Prática	22
ii. A distinção intelectual	24
iii. Relações de classe e o papel intelectual	30
iv. Organicidade e Tradição	32
Capítulo II: “Liderança não é Mito” – dinâmicas de liderança no movimento de Moradia em São Paulo	37
1. Breve histórico do Movimento de Moradia na cidade de São Paulo	37
2. As diferentes configurações: níveis de militância e território	47
3. Origens e formação de lideranças no Movimento de Moradia	57
4. A questão da mulher.....	61
5. Conflito intergeracional	70

Capítulo III: A Liderança como relação – redes e centralidades no movimento de moradia em São Paulo	76
1. Indícios teóricos da liderança como relação	76
2. Rede de relações do movimento de moradia em São Paulo	82
i. O que é análise de redes sociais – breve explicação do método, das medidas e dos atributos relacionais.....	86
ii. Rede do movimento de moradia na cidade de São Paulo em 2011	93
iii. As lideranças mais centrais e os diferentes papéis que desempenham	99
iv. Níveis de liderança e a dinâmica das organizações do movimento ..	104
v. Moradia no centro e mutirões: duas faces da mesma luta	109
vi. Uma rede de mulheres	116
 Considerações finais	 121
1. Subalternidade, projeto político e paradigma intelectuais-lideranças no movimento de moradia em São Paulo	121
2. As relações no movimento de moradia em São Paulo: níveis de militância, de território e a questão da organicidade	132
3. Desafios para uma agenda de pesquisa sobre lideranças de movimentos sociais	139
 Referências Bibliográficas	 142
 Anexo	 150
1. Questionário para análise de redes.....	150
2. Medidas de centralidade por eixo de luta do movimento de moradia.....	160
3. Questionário para elaboração do <i>survey</i>	179

Agradecimentos

Sou grata, em primeiro lugar, à minha dedicada orientadora Prof^a Dra. Luciana Ferreira Tatagiba pela exigência sempre apurada, pela compreensão com as duras realidades da vida que entremeiam nossos anseios acadêmicos e pela interlocução sempre rica e entusiasmada.

Agradeço a todos os membros do NEPAC por darem sentido à pesquisa coletiva e compartilhada. Mesmo aqueles que só conheço virtualmente colaboram cotidianamente com meu crescimento como pesquisadora. Em especial, agradeço à Stella Paterniani, Thiago Trindade, Karin Blikstad, Júlia Moretto Amâncio, e Carolina Ferro pela amizade e pelos momentos de debate e construção intelectual e política que compartilhamos.

Agradeço imensamente pela vida universitária repleta proporcionada por todos aqueles que fizeram e ainda fazem do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP um ambiente de intenso debate e desenvolvimento pessoal, coletivo, intelectual e político. Sobretudo, sou grata a todos os estudantes lutadores, afoitos por garantir plena vivência cultural e política a seus pares na universidade e também para além de suas grades e catracas. Fica dedicado aqui um agradecimento especial aos colegas e amigos das gestões de 2007 e 2008 do CACH (Centro Acadêmico de Ciências Humanas) e do Cursinho Seu Zé. Gratidão também aos funcionários sempre solícitos; ao Benê do Xerox pelo auxílio quase diário durante minha permanência no IFCH, a todos os funcionários da antiga cantina que sempre adivinhavam a hora de cansaço em que eu pediria um chá mate gelado.

Muito grata, é claro, aos professores que passaram pela minha trajetória acadêmica. Agradeço aqui, especialmente, aos membros das minhas bancas de qualificação e de defesa: à prof^a Dra. Evelina Dagnino, sempre com questões desafiadoras ao meu pensamento crítico; à prof^a Dra. Andréia Galvão pelo trabalho inspirador; ao prof. Dr. Adrian Gurza Lavalle pelas referências para incursão na análise de redes sociais; e ao prof. Dr. Wagner Romão por ter aceitado estar conosco como banca suplente.

Aproveito para agradecer também a Luiz Kohara, membro fundamental da minha banca de qualificação de quem fui interlocutora privilegiada, pois

muito admiro sua trajetória junto aos movimentos sociais e ao Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos.

Agradeço muito aos militantes e lideranças do movimento de moradia que sempre me receberam de braços abertos e sem os quais este trabalho não teria sido realizado. Nelson, Graça, Dito, Sidney, fica aqui o meu muito obrigada. Agradeço também à Maira Rodrigues pela consultoria e ajuda tão amigável para o trabalho com as redes sociais.

Agradeço imensamente à minha família, principalmente aos meus irmãos Leticia e Leonardo, esteios fundamentais da minha força para prosseguir. À minha mãe, Rosemeire, por todo apoio e amor dedicado, que muito valorizo. À minha avó, Maria Raildes, teimosa, lutadora, ocupante e militante da FLM. Ao meu pai, Wanderlei, pelo suporte para o início da minha vida acadêmica.

Sou infinitamente grata ao meu companheiro Dhieego (Sabu), por compartilhar comigo a vida e o futuro.

Agradeço vivamente a todos os amigos que fiz durante a vida e que tem parte neste trabalho. Às amigas incríveis com as quais tive o privilégio de dividir um verdadeiro lar: Sarah, Natty, Priscila, Livia, Julia, Rulia, obrigada pelo amor e por serem mulheres fantásticas. Aos amigos com os quais dividi lutas importantes para minha formação política: Otávio, Luma, João, Chun, Thaís, Nara, Caio, Marcão, Vinícius, um enorme obrigada. Às amigas de infância: Ana Paula Girardi e Juliana Coutinho por serem referências de apoio e afeto. E a todos os amigos que cultivo no SESC-SP, queridos trabalhadores da cultura que me fortalecem num cotidiano tão árido, mas divertido, muito obrigada.

Agradeço, por fim, à FAPESP¹, ao CNPQ e a CAPES pelos recursos concedidos para o desenvolvimento desta pesquisa.

¹ A FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), por meio do processo de número 2011/05549-5, contribuiu com este trabalho através da linha de fomento Programas Regulares: Bolsas de Mestrado no País, de 01/09/2011 a 30/06/2012.

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1 - Exemplo de agrupamento de organizações.	41
Figura 2 - Dissidências das organizações UMM e FLM.....	44
Figura 3 - Lideranças e a Cidade de São Paulo.....	55
Figura 4 - Rede Estrela.	91
Figura 5 - Rede Círculo.	91
Figura 6 - Rede Linha.	91
Figura 7 - Rede do Movimento de Moradia em São Paulo.....	93
Figura 8 - Rede de Lideranças e Instituições Externas.....	102
Figura 9 - Rede segundo as instituições.	105
Figura 10 - Filiações Institucionais.	107
Figura 11 - Rede Moradia no Centro.....	111
Figura 12 - Rede Mutirões.	114
Figura 13 - Rede e Gênero.	116
Figura 14 - Rede de Gênero no Interior do Movimento.....	117
Figura 15 - Rede de Lideranças Mulheres no Interior do Movimento.....	118
Figura 16 - Rede de Lideranças Homens no Interior do Movimento	119
Figura 17 - Lideranças por Níveis de Militância e Atores Externos.....	133
Figura 18 - Lideranças por Região da Cidade	136
Tabela 1 - Idade dos militantes	73
Tabela 2 - Medidas de Centralidade: <i>Degree</i>	95
Tabela 3 - Medidas de Centralidade: <i>Closeness</i>	96
Tabela 4 - Medidas de Centralidade: <i>Information</i>	97
Tabela 5 - Medidas de Centralidade: <i>Betweenness</i>	98

Lista de Siglas

ASTC-SP: Associação dos Sem-Teto da Cidade de São Paulo

BNH: Banco Nacional de Habitação

CMH: Conselho Municipal de Habitação

CMP: Central de Movimentos Populares

CONAM: Confederação Nacional das Associações de Moradores

FLM: Frente de Luta por Moradia

FNRU: Fórum Nacional de Reforma Urbana

FOMAESP: Fórum de Moradia e Meio Ambiente do Estado de São Paulo

GARMIC: Grupo de Articulação para Moradia do Idoso da Capital

HIS: Habitação de Interesse Social

IPTU: Imposto Predial e Territorial Urbano

MMC: Movimento de Moradia do Centro/ Movimento de Moradia da Cidade de São Paulo

MMRC: Movimento de Moradia Região Centro

MNLM: Movimento Nacional de Luta pela Moradia

MTSTRC: Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto da Região Central

MSTC: Movimento Sem-teto do Centro

PT: Partido dos Trabalhadores

ULC: Unificação das Lutas de Cortiços

UMM: União dos Movimentos de Moradia do Estado de São Paulo

UNMP: União Nacional por Moradia Popular

ZEIS: Zona Especial de Interesse Social

Introdução

1. Sobre o tema e as intenções analíticas

Uma das primeiras constatações quanto à pesquisa de lideranças em movimentos sociais é que não se trata de uma investigação fácil. Não porque qualquer outra investigação científica seja fácil, mas porque a dificuldade da temática do líder deve ser ressaltada, pois ela traz consigo expectativas políticas, uma imensa lacuna bibliográfica e muitos debates teóricos pouco aprofundados e polêmicos. Ou seja, trata-se de uma seara cheia vida empírica e ainda pouco estudada.

No meio acadêmico ou em espaços próprios aos movimentos sociais, são recorrentes depoimentos e impressões sobre a importância das lideranças para o sucesso e o reconhecimento das lutas e pautas coletivas. No entanto, há um diagnóstico generalizado de que houve pouco avanço na compreensão da importância em abordar o tema - tanto em âmbito teórico, como prático – no cotidiano dos movimentos. Este diagnóstico também recai sobre os estudos internacionais acerca dos movimentos sociais, os quais destacam essa lacuna como relevante e apontam a necessidade de maior teorização sobre o tema (cf. ZURCKER e SNOW, 1981; KLANDERMANS, 1989; MELUCCI, 1996; MORRIS, 1999; AMINZADE et al., 2001; BARKER et al., 2001). Esse é também o diagnóstico presente em Morris e Staggenborg, 2002, em uma das únicas publicações especificamente dedicadas ao tema.

Dentro deste debate internacional sobre a questão do líder, as análises refletem orientações conceituais das três principais vertentes interpretativas dos movimentos sociais apresentadas nos anos 1970 e que se mantiveram em destaque ao longo do tempo: a Teoria da Mobilização de Recursos, a Teoria dos Novos Movimentos Sociais e a Teoria do Processo Político (ALONSO, 2009).

Muitos dos autores icônicos dessas vertentes reservaram algumas linhas de seus trabalhos para interpretação do papel das lideranças, em geral, através de referências pontuais àquilo em que consistiria a atividade de liderar. É notável, entretanto, a maior atenção dada ao papel das lideranças pela Teoria da Mobilização de Recursos, que reservou um espaço da sua ideia geral

de movimento social à necessidade de coordenação da ação coletiva e às estratégias que dela se originam para o sucesso ou fracasso dos grupos organizados. No âmbito dessa teoria, caberia ao líder atuar como um captador de recursos externos, função entendida como vital para o sucesso dos movimentos.

Em um contraponto ao foco na *estratégia* do líder, Mellucci (2001, p. 333) – autor ligado à vertente identitária dos novos movimentos sociais –, aponta a liderança como forma de interação através da qual é possível a manutenção e o fortalecimento de uma *identidade* coletiva. A liderança pode ser entendida aqui como parte de um anseio de democratização das relações de poder, em que todos podem assumir os papéis vitais para a existência de um movimento social através da alternância do líder em rodízios.

Em meio à bibliografia brasileira as investigações sobre a questão dos líderes de movimentos sociais foram mais escassas e assistemáticas, bem como se balizaram preponderantemente pela contraposição entre as ideias de *cooptação* e de *autonomia*. Segundo Herkenhoff (1995²), a explicação para estas poucas referências à temática da liderança no Brasil pode residir no fato de que a partir da década de 1970, quando várias das obras nacionais sobre movimentos sociais foram gestadas, a ênfase política e teórica subjacente era a de retratar um povo que se organizava de maneira espontânea e autônoma, isto é, contra ou independentemente do Estado, dos governos e/ou, podemos pressupor, de figuras centralizadoras em geral. Em estudos brasileiros mais recentes³, as lideranças de movimentos sociais aparecem consonantes às suas trajetórias de vida e a momentos subjetivos de uma narrativa política e social intensa, muitas vezes atrelada a um tom de heroísmo e superação.

Sendo assim, na ausência de um balanço teórico mais aprofundado sobre a questão e em meio às diversas análises de trajetórias individuais das lideranças nos últimos anos, é possível que o leitor tenha expectativas de se deparar no decorrer deste texto com alguma destas formas de abordagem. As

² Prefácio do livro *O papel do líder comunitário*, de Beatriz Lima Herkenhoff, Vitória - ES: Secretaria de Produção e Difusão Cultura/UFES, 1995.

³ Ver, por exemplo, os trabalhos de Gabriel Feltran (2005, 2006, 2010), Sader (1988), Gustavo Gomes da Costa (2006).

intenções de análise, entretanto, seguem outros rumos ao propor um novo enfoque àquilo que se denomina liderança.

Com este estudo, buscamos apreender empiricamente a importância da liderança para a construção e a configuração histórica do próprio movimento social. A partir de um amplo estudo de caso sobre o movimento de moradia da cidade de São Paulo, busca-se compreender como as lideranças do movimento, e as diferentes relações que elas estabelecem, caracterizam dinâmicas em organizações que compõem a rede movimentalista, impactando assim a conformação do movimento como um todo. Ou seja, pretendemos explicitar como os processos de formação das lideranças e da construção de suas relações explicam, mesmo que parcialmente, os rumos do movimento e de suas organizações ao longo do tempo.

Se há um consenso nas pesquisas sobre o Movimento de Moradia em São Paulo, ele está na verificação de uma grande heterogeneidade entre as organizações que o compõem e de intensas disputas entre elas pelos poucos recursos para habitação de interesse social na cidade. O que não aparece como consenso na bibliografia ou nem aparece, entretanto, é o que originaria historicamente esta heterogeneidade. A hipótese que desenhemos durante nosso processo de pesquisa é a de que esta configuração heterogênea do movimento de moradia na cidade de São Paulo pode ser parcialmente explicada pelas relações entre as diferentes lideranças que o constituem. Relações que são originárias das também diferentes experiências de luta que compartilharam durante a existência do movimento. Isto porque compreendemos que o compartilhamento de experiências, mais ou menos intensas, entre algumas lideranças, fez com que se constituíssem fortes alianças, e em decorrência destas, fortes e duradouros centros diretivos nas principais organizações do movimento estudado.

Neste sentido, não retomaremos debates acerca da cooptação de líderes populares e suas trajetórias personalistas; não avaliaremos pormenores dos modos de vida, dos afetos, dos detalhes das relações liderança-base ou da formação política individual das principais lideranças. Nosso interesse de investigação se encontra nos percursos e experiências políticas comuns das lideranças, nas relações que fortaleceram ou enfraqueceram articulações e organizações do movimento de moradia. Sem dúvida, não há dissociação

completa e possível entre todas estas dimensões na análise dos papéis desempenhados por líderes de movimentos sociais, no entanto, destacar o foco ampliado de nossa pesquisa em detrimento dos enfoques pontuais mais comumente encontrados se faz necessário.

Este interesse mais amplo advém da nossa trajetória de pesquisa e dos dados encontrados por meio de um trabalho de campo iniciado em 2008. Nos itens a seguir, detalhamos melhor como enveredamos na temática e de que maneira nosso campo empírico foi realizado.

2. O início e o caráter experimental do processo de pesquisa

Com vistas a melhor compreensão das intenções desta pesquisa, é importante situá-la no seu contexto mais amplo e processual. A partir de um grande projeto de pesquisa iniciado em 2008 e coordenado pela Prof^a Dra. Luciana Ferreira Tatagiba, começamos um trabalho coletivo e exploratório para compreensão do movimento de moradia na cidade de São Paulo. Este trabalho permitiu um mapeamento bibliográfico e empírico sobre a história do movimento, sobre suas diversas e complexas organizações, e sobre muitos de seus personagens, sejam eles militantes, lideranças, apoiadores, etc.

Como um reflexo deste trabalho coletivo, enveredei na época uma iniciação científica acerca da formação política no movimento de moradia em São Paulo; e tendo me deparado com profundas lacunas teóricas sobre a temática da formação militante, assim como no que se refere ao exercício da liderança e seus pressupostos, passamos a compreender nestas lacunas um grande incentivo à investigação mais profunda.

A dificuldade inicial de explorar um tema cujos elementos teóricos e bibliográficos específicos são bastante incipientes fez com que nos atentássemos mais aos dados que o campo empírico nos trouxe. O que nos permitiu, posteriormente, tentar encontrar as respostas que necessitávamos em diferentes metodologias e autores.

Desta forma, este trabalho permanece ainda como uma parte, ou um fragmento de um amplo trabalho coletivo de debates teóricos, muitas inserções

em campo, e testes metodológicos; os quais deram origem ao NEPAC⁴ e a um intenso diálogo com os atores das diversas organizações do movimento de moradia da cidade de São Paulo durante os anos de 2008 e 2012. E no decorrer deste texto, tal característica do trabalho ficará evidente, pois se recorre muito aos referenciais de pesquisadores parceiros, ou às elaborações conjuntas, muito típicas do nosso caráter coletivo de experimentação científica. A seguir, tentaremos pontuar mais detalhadamente os objetivos desta pesquisa e os distintos recursos metodológicos utilizados para o desenvolvimento das formulações que serão encontradas aqui.

3. Objeto de estudo, metodologia, objetivos de investigação e parâmetros teóricos

Como já mencionado, a pesquisa conta com um objeto de estudo amplo: as lideranças do movimento de moradia da cidade de São Paulo. Tendo em vista as lacunas da bibliografia, a pesquisa ganhou traços descritivos e se pautou predominantemente pelo mapeamento do campo a partir de uma combinação de métodos de análise.

Uma das estratégias fundamentais da pesquisa foi a observação participante, com a produção de registros de campo por meio de experiências durante os mais diversos eventos do movimento – reuniões dos grupos de base, assembleias de diferentes organizações, atos e passeatas, encontros estaduais e nacionais, além de muitas conversas informais com lideranças e militantes, etc. Todos os eventos nos quais estivemos presentes foram extremamente relevantes para nossa compreensão do campo, devido principalmente à diversidade de situações que abrangeram: desde

⁴ Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC-UNICAMP) está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas. O NEPAC existe desde 2008, mas foi criado oficialmente em 2011, quando passou a integrar o “Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil”, do CNPQ. Coordenado pela Prof^a Dra. Luciana Tatagiba, do Dep. de Ciência Política, o Núcleo congrega alunos e pesquisadores de graduação, mestrado e doutorado atuantes na área de Ciência Política, predominantemente, Antropologia Social e Ciências Sociais. Essa interdisciplinaridade é uma marca do Núcleo e uma condição essencial para o desenvolvimento dos nossos temas de pesquisa. A complexidade dos nossos objetos de estudo requer um intenso esforço de experimentação teórico-metodológico e um intenso diálogo interdisciplinar. Disponível em: <www.nepac.ifch.unicamp.br/pt-br/apresentacao>. Acesso em: 05 jan. 2015.

reintegrações de posse de prédios ocupados no centro da cidade, até longas conversas durante almoços com as lideranças. Os registros destas multifacetadas atividades de campo foram realizados, principalmente, através de etnografias, nas quais os registros de falas dos militantes e lideranças, bem como os diversos fragmentos narrativos remontam parte da história a ser detalhada nesta dissertação.

Outros importantes recursos para a análise desenvolvida neste trabalho advêm da realização de um *survey*, em 2009, no Encontro Estadual da União dos Movimentos de Moradia, uma das mais atuantes organizações do movimento de moradia em São Paulo⁵. Através de 147 entrevistas, este *survey* reuniu um conjunto de valiosas informações sobre o perfil dos militantes e lideranças presentes no evento. Tais informações ainda revelam dados relevantes sobre a realidade do movimento, pois figuram em nosso trabalho como uma das fontes que demonstram, por exemplo, uma não renovação dos quadros de liderança no movimento social estudado.

Entre 2010 e 2011 enveredamos por um processo de aprendizado coletivo acerca da análise de redes sociais e seus teóricos. Esta forma de análise nos permitiu posteriormente elaborar um mapa para o estudo dos processos de interação entre diferentes atores no movimento de moradia em São Paulo. O mapeamento foi realizado a partir de uma coleta de dados aberta que permitiu reconstruir muitos dos vínculos entre lideranças presentes no Movimento e resultou em diversos sociogramas que nos contam um pouco sobre as relações entre estes sujeitos e sobre as diversas nuances de poder e centralidade no interior do Movimento de Moradia em São Paulo⁶.

⁵ A 11ª edição do Encontro Estadual da União dos Movimentos de Moradia aconteceu de 15 a 17 de maio de 2009, no centro de São Paulo. Mais de 600 delegadas e delegados eleitos por organizações filiadas a União dos Movimentos de Moradia em todo estado de São Paulo estiveram presentes, além dos participantes convidados. O questionário para a realização do *survey* foi elaborado coletivamente pelos integrantes do NEPAC, os quais também foram responsáveis por sua aplicação no referido evento. Em TATAGIBA, L. TRINDADE, T. PATERNIANI, S. "Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia em São Paulo", *Opinião Pública*, Campinas, vol. 18, nº 2, novembro, 2012, pp. 399-426 é possível consultar os primeiros esforços de análise dos dados obtidos através destes questionários.

⁶ Anexo a este texto segue o questionário de entrevista utilizado com as lideranças para coleta de dados para análise de redes sociais. Esta coleta de dados, através da aplicação de questionários também se deu de forma coletiva entre os membros do NEPAC.

Já em 2012, o NEPAC/ UNICAMP e o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos⁷ em parceria com as lideranças dos movimentos de moradia do centro de São Paulo planejaram e realizaram um Curso de Formação para Lideranças de Grupos de Base, ou o que denominamos lideranças intermediárias do movimento de moradia. O curso ocorreu durante alguns finais de semana dos meses de junho e julho do mesmo ano, abordando diversos temas, como as políticas públicas na área de habitação, a história da luta por moradia e debates sobre o que significa ser uma liderança de movimento social. Todas as formas de interação com lideranças e militantes (discussões, relatos, registros, etc.) geradas pelo curso e seus encontros de preparação foram também dados de pesquisa incorporados às nossas análises do campo.

Estes vários métodos de apreensão e produção dos dados que serão apresentados de forma detalhada nos capítulos da dissertação forneceram várias perspectivas para a comprovação das hipóteses e resolução dos objetivos da pesquisa, os quais em princípio, eram: a) contribuir com o avanço do debate teórico sobre o tema da liderança em movimentos sociais, no âmbito da ciência política e, em particular, nos estudos sobre movimentos sociais e ação coletiva; b) descrever e problematizar as estratégias de atuação das lideranças face à conjuntura pós-anos de 1990, tanto no que se refere à manutenção da coesão interna do movimento, quanto na relação do movimento com seu ambiente político-institucional; c) acompanhar, descrever e analisar a atuação das lideranças do Movimento de Moradia de São Paulo, em diferentes escalas de atuação: local, regional e estadual.

Na tentativa de contemplar estes objetivos, realizamos recortes de apreensão do objeto de estudo empírico e dos parâmetros teóricos que sustentam nossas análises. Quanto aos recortes referentes ao movimento de moradia em São Paulo, devemos salientar que o escopo da pesquisa tem restrições e não abarca todas as organizações da luta por moradia em São Paulo, mas apenas as vinculadas à UMM e à FLM, duas grandes organizações que agregam grupos de base e organizações médias, com uma vinculação histórica ao Partido dos Trabalhadores (PT). Este recorte do referencial

⁷ O Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos é uma instituição sem fins lucrativos que há décadas atua politicamente na cidade de São Paulo junto a diversos movimentos sociais e em especial junto ao movimento de moradia Disponível em: <www.gaspargarcia.org.br>. Acesso em: 06 jan. 2015.

empírico tem como motivação dois aspectos principais. O primeiro deles, sem dúvida, é tornar viável a realização da pesquisa em suas proporções devidas. O segundo é o fato de que este recorte provê uma leitura de trajetórias comuns e compartilhadas de lideranças do Movimento de Moradia em São Paulo.

No que se refere aos recortes teóricos que embasam nossa análise, é também preciso realizar considerações. Como principal parâmetro teórico para compreensão de liderança, elencamos o conceito de intelectual presente na obra de Antonio Gramsci e explicitado no primeiro capítulo. O conceito, em paralelo à análise das lideranças em movimentos sociais, traz à tona a importância de se considerar relações políticas como dimensão principal do que configura a distinção intelectual, tal qual compreendemos a distinção entre militantes de base e lideranças. Neste sentido, o que define liderança é o caráter político das relações que alguns militantes estabelecem e fortalecem. Sejam elas relações de classe, com demais militantes, com outras lideranças, com o Estado, com conhecimentos sistematizados, com partidos políticos, etc. Deste modo, não há como analisar lideranças de movimentos sociais sem identificarmos, em primeiro plano, quais são as relações engendradas por elas, o contexto na qual são criadas e os conflitos e contradições que as preenchem.

Dito isso, Gramsci nos auxilia a responder, do ponto de vista teórico, quais são os elementos que permitem identificar lideranças de movimentos sociais e os papéis que desempenham. É importante notar que nossa escolha teórica é apenas uma proposta de leitura para análise das lideranças, aliada aos nossos achados de campo. Esta leitura pode estar atrelada a uma série de outros fatores que ajudam o pesquisador em campo a construir uma concepção do que é ser líder, tais quais:

1. Papel de “destaque” e referência em relação aos demais militantes do movimento. Este “destaque” se relaciona à ideia de coordenação e ao acúmulo de tarefas e informações;
2. Grande circulação entre diferentes espaços de debate, de deliberação e de organizações do movimento;
3. Construção de amplas possibilidades de gerar e manter relações com atores internos e externos ao movimento;
4. Fruição de uma rede de relações complexas: relações antigas, fortalecidas pelo tempo e pelas afinidades políticas e pessoais; criação

de alianças e rivalidades temporárias que revelam ou camuflam suas intenções de ação política, estrategicamente;

5. Compartilhamento de conhecimentos diversificados e de discursos com demais militantes;
6. Falar pelo coletivo e explicar os próximos passos da luta aos demais militantes;
7. Capacidade de resolução e mediação de conflitos.

Estes são alguns dos fatores de identificação das lideranças que consideramos disponíveis em meio ao campo empírico e que não derivam de uma problematização teórica mais apurada. Entretanto, faz-se importante elencá-los na medida em que podem ser considerados pontos de partida para a investigação.

De todo modo, o que pretendemos destacar aqui é que seja através do olhar para empiria, seja através das formulações elaboradas por Gramsci, consideramos que liderança é uma forma de relação política específica entre alguns militantes e o movimento social de que fazem parte. Esta relação é necessariamente sustentada por um conjunto de outras relações diversas: identidade de classe, alianças estratégicas, amizade, afinidade político-partidária, afinidade ética, afinidade organizacional, compartilhamento de identidade política e cultural, relação formativa-educacional, etc. E como toda relação política, a liderança traz consigo uma soma de conflitos e diferentes faces de poder e/ou de autoridade.

Tal concepção de liderança que cunhamos aqui permeia toda a dissertação e é ainda bastante ampla e imprecisa. Esta imprecisão, no entanto, está fundamentada em nosso objetivo mais geral: problematizar a compreensão de liderança em movimentos sociais. Nosso intuito não é o de estabelecer concepções definitivas para abordar a temática, mas abrir o leque de possibilidades para seu entendimento.

Neste sentido, pautados por esta ampla concepção do que é liderança, nossa pergunta central para toda a pesquisa é: como estão construídas as relações de liderança no movimento de moradia em São Paulo entre 2008 e 2012? Para respondê-la, observamos os elementos trazidos pela obra de Antonio Gramsci, as trajetórias compartilhadas entre as lideranças na

história do movimento, e a estrutura de relações do movimento de moradia em São Paulo em 2011, de acordo com a síntese dos capítulos a seguir.

4. Sobre a organização dos capítulos

A ideia central para organização dos capítulos do trabalho é manter uma leitura que se inicie nos aspectos mais amplos e caminhe aos mais específicos. Ou seja, permitir que o leitor possa apreender primeiramente a amplitude dos conceitos que propomos, para a seguir enveredar na análise de dados pormenorizados. Para isso, optamos por construir três capítulos. O primeiro aborda nossa perspectiva teórica para compreensão de liderança. O segundo contextualiza o movimento de moradia em São Paulo, explicitando sua heterogeneidade organizacional, os diferentes níveis de militância que nele são encontrados, e as trajetórias comuns de formação, fortalecimento e conflitos de suas lideranças. Já o terceiro e último capítulo, reforça teoricamente nossas escolhas para análise da liderança como relação e também apresenta resultados da análise de redes sociais. Nos itens abaixo, detalharemos rapidamente os conteúdos abordados em cada um dos capítulos.

i. Capítulo I – Os intelectuais na obra de Gramsci: algumas pistas para compreensão de liderança

A intenção deste capítulo é a de demonstrar como a obra de Antonio Gramsci fornece caminhos para compreendermos o papel desempenhado pelas lideranças nos movimentos sociais. Em estudos desenvolvidos antes e principalmente durante o período de cárcere do autor, encontram-se análises bastante ricas acerca dos papéis políticos que podem ser exercidos por diferentes tipos de intelectuais na sociedade.

Para Gramsci, a definição do que é ser *intelectual* está intimamente ligada a algumas qualificações e vínculos sociais através dos quais é possível atribuir ao indivíduo um papel de destaque em relação a seu meio político.

Estas qualificações intelectuais são definidas pelas capacidades de criação, de dirigência e/ou de técnica desempenhadas por tal indivíduo. Já os vínculos sociais determinantes para a atuação intelectual residem nas intencionalidades de classe, ou seja, nas relações que os intelectuais estabelecem com os grupos essenciais no mundo da produção econômica, fornecendo-lhes homogeneidade e consciência da função econômica, política e social que exercem (CC 12, §1, v.2, p. 15)⁸.

Sem dúvida, estes apontamentos teóricos indicam a preocupação geral do autor em retratar o caráter sociopolítico concreto da atuação dos intelectuais, analisando os impactos que estes atores geraram em uma determinada conjuntura (MARTINS, 2011). Preocupação da qual compartilhamos quando nos deparamos em campo com as lideranças do movimento de moradia e a partir da qual enveredamos um paralelo conceitual entre intelectual e liderança.

Além das ricas conexões possíveis entre as funções desempenhadas em meio aos conflitos sociais, e entre as qualificações necessárias para o exercício político da liderança ou do papel de intelectual, descreveremos este paralelo teórico como fortuito ao refletirmos sobre as intenções do autor, que estão retratadas em sua obra como parte de um projeto pedagógico que visava à conformação de novos intelectuais da classe trabalhadora (BIANCHI, 2008). Isto significa que a preocupação gramsciana também se debruçava sobre a formação intelectual e suas potencialidades para as diferentes formas de disputa travadas pelas classes populares. Significa também que nosso olhar se voltou exclusivamente aos intelectuais ou lideranças que se forjam no interior dos movimentos, ou seja, nossa preocupação tange a motivação do autor de colocar em destaque a intelectualidade que emerge das classes populares, do conhecimento geralmente informal e não formal trazido pela participação ativa em conflitos sociais.

⁸ A forma de citação dos *Cadernos do Cárcere* remontará aqui alguns aspectos importantes a considerar sobre a edição da obra em português. Por se tratar de uma edição temática e que não seguiu a ordem histórica de trabalho do autor, é necessário maior precisão para indicar a localização dos textos; sendo assim CC indica o número do Caderno atribuído por Gramsci, § o número do parágrafo também atribuído pelo autor, “v.” e “p.” indicam respectivamente o volume e a página da edição brasileira em que este fragmento foi compilado.

E, por fim, para contemplarmos os achados teóricos em Gramsci traremos a tona já neste capítulo algumas análises trazidas do campo, com vistas a salientar de antemão os parâmetros possíveis de comparação entre escolha teórica e observação empírica.

ii. Capítulo II – “Liderança não é Mito”: dinâmicas de liderança no Movimento de Moradia em São Paulo

No intuito de dar continuidade à interpretação de liderança, neste capítulo apresentaremos as análises resultantes do trabalho efetuado em campo. A princípio delinearemos um breve histórico do Movimento de Moradia na cidade de São Paulo que permita a mínima compreensão das origens de suas organizações internas, bem como as de suas respectivas lideranças.

Tentaremos demonstrar como estas origens são diversificadas e como isto se deve ao fato das lideranças historicamente terem acumulado múltiplas militâncias e formações até serem reconhecidas como referências do movimento. Neste sentido, indicaremos também o que compreendemos como formação política de militantes e líderes, e como esta ideia tem se modificado em meio às dinâmicas vividas pelos diferentes atores na luta por moradia digna em São Paulo.

Diferentes atores, pois embora mobilizados por uma luta comum, sabemos que nem todos os militantes presentes em um movimento social se tornam lideranças e muitos deles nem chegam a se considerar militantes. Devido a todas essas variações, neste capítulo apresentamos uma caracterização dos diferentes níveis de militância que podemos encontrar hoje no Movimento de Moradia, incluindo as diversas formas de liderança com as quais nos deparamos.

Dentre outros aspectos que trazemos neste momento da dissertação, aparece aqui um mapeamento das lideranças de acordo com as regiões da cidade e questões que circundam temas importantes como o a questão da mulher como liderança.

iii. Capítulo III – A liderança como relação: redes e centralidades no Movimento de Moradia em São Paulo

Neste último capítulo apresentaremos os resultados que obtivemos através da análise de redes sociais aplicada ao movimento de moradia da cidade de São Paulo. Em 2010, o NEPAC verteu seus esforços para a formação de um grupo de estudos teóricos, que em seguida se empenhou em aprender o método de redes, através de um curso realizado por uma equipe do CEBRAP⁹ e chamado “Introdução à análise de redes sociais”.

A concepção metodológica mais geral consistia em delimitar a rede de relações mais evidentes no interior do que chamamos de Movimento de Moradia na cidade de São Paulo. Para tanto, entrevistamos 18 dentre as principais lideranças reconhecidas e através de perguntas como “quem pensa como você?”¹⁰, etc. demos prosseguimento à construção de uma rede dessas relações, por meio dos recursos aprendidos e do uso de um software para construção de redes denominado UCINET¹¹. O uso desta metodologia para a pesquisa empírica trouxe dados e comprovações de hipóteses importantes, pois como veremos, seus resultados estão muito ligados a como as lideranças, entrevistadas ou não, atuam em suas respectivas organizações de movimento social.

Estas comprovações das nossas hipóteses serão apresentadas de acordo com as medidas numéricas obtidas e com os sociogramas – resultados imagéticos gerados pelo software e que representam os conjuntos de relações encontradas. Dentre as medidas numéricas estão: centralidade, proximidade (closeness) e capacidade de interação (betweness), as quais permitem avaliar o papel exercido pelas lideranças também em comparação às demais na rede.

⁹ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Disponível em: <www.cebrap.org.br/v2/>. Acesso em: 06 jan. 2015.

¹⁰ O modelo de questionário desenvolvido se encontra anexado no corpo deste texto.

¹¹ O software UCINET foi desenvolvido por uma equipe internacional denominada Analytic Technologies e se encontra em domínio público gratuito. Disponível em: <analytictech.com>. Acesso em: 06 jan. 2015.

Capítulo I – Os intelectuais na obra de Gramsci: algumas pistas para compreensão de liderança

1. Sobre a obra de Gramsci: observações e contextos de inserção no Brasil

Os nexos e as ampliações conceituais presentes na obra fragmentada de Antônio Gramsci permitem diversas interpretações e apropriações para análises de atores e objetos sociais também diversos. Dentre estas análises, muitas remetem às tentativas de compreensão dos diversos fenômenos e contextos sociais na América Latina e no Brasil.

De antemão, é necessário expor esta diversidade de usos da obra de Gramsci, posto que se trata de um importante debate norteador no caminho da análise teórica pautada em uma obra que, apesar de seu caráter fragmentário, detém precisões bastante relevantes em relação ao contexto histórico-político, a militância do autor e a ênfase em uma determinada compreensão da sociedade: a compreensão da sociedade nos termos de totalidade orgânica. E tais termos, juntamente ao tempo no cárcere e à procura de uma perspectiva estratégica crítica contra o fascismo, o economicismo/mecanicismo e o burocratismo na União Soviética, permitiram uma abordagem de grande quantidade de assuntos; que embora aparentemente distintos no interior de uma obra caótica e inacabada, estão entrelaçados e associados em uma coesão teórica realizada por meio da mobilização de muitas relações temáticas, e da formulação conceitual de conteúdo inovador. Ou seja, apesar do caráter inacabado da obra e provisório dos conceitos, as formulações teóricas de Gramsci são capazes de informar renovada prática político-teórica através de uma interpretação consistente (BIANCHI, 2008).

Com vistas a tanger o debate sobre apropriações e interpretações da obra do autor no Brasil, resgatamos Dermeval Saviani, que destaca alguns meandros da ampla recepção da obra de Gramsci no país:

“As controvérsias em torno de Gramsci no Brasil podem ser analisadas segundo diferentes aspectos. Uma primeira forma refere-se à apropriação de Gramsci pelos setores conservadores e reformistas que lançam mão de categorias gramscianas como

sociedade civil, hegemonia, intelectual orgânico, reforma intelectual e moral, Estado ampliado e expressões como “todos os homens são filósofos” e “todos os homens são intelectuais” para reafirmar a situação vigente e encaminhar reformas que visam a aperfeiçoar e consolidar a ordem existente.

Essa visão disseminou-se especialmente no período de transição entre o regime militar e a fase de implantação da Nova República, quando se utilizava a categoria “sociedade civil” para indicar todas as forças progressistas, ocultando assim, a contradição de classes que contrapõe as organizações da sociedade civil alinhadas com a classe dominante e as organizações da sociedade civil ligadas à classe trabalhadora” (SAVIANI, 2013, p. 11- 12).

Na contramão destas apropriações destacadas por Saviani, encontram-se diversos autores marxistas que enfatizam o inegável compromisso de Gramsci com a militância socialista, e a necessidade de inserir as interpretações de sua obra em seu contexto histórico e político específico:

“Em que se pese a devoção de Antonio Gramsci à causa revolucionária e socialista, seus escritos têm se prestado a usos diversos, em muitos casos revestindo de um pálido verniz marxista a obra de muitos autores que buscam justamente se desvencilhar da herança terceiro-internacionalista, leninista ou mesmo marxista. Isto se deve ao caráter do texto gramsciano, provisório e inacabado, além de bastante complexo e cheio de referências subliminares a temas polêmicos e demasiadamente caros aos partidos comunistas que passavam por um processo irreversível de stalinização justamente enquanto Gramsci esteve preso, entre 1926 e 1937. Não por acaso, são fundamentalmente os marxistas os maiores frequentadores da obra de Gramsci e é em torno deste campo intelectual que gravitaram as maiores polêmicas acerca dos usos e possíveis abusos do seu legado” (SENA Jr., 2013, p. 17).

Sem adentrarmos ainda as controvérsias existentes quanto aos usos dos escritos do autor italiano no interior do marxismo, ou mesmo na polêmica que envolve a publicação da obra de Gramsci por meio de edições temáticas no Brasil, situar este ponto de partida teórico em disputa é primordial. Isto porque a proposta teórica a ser lida aqui é um exemplo tanto do debate concernente às multifacetadas interpretações da obra de Antônio Gramsci, quanto da caótica coesão desta. É um exemplo das multifacetadas interpretações da obra do autor por trazer ao debate a temática dos intelectuais, em uma tentativa de ampliar o arcabouço de entendimento das lideranças de movimentos sociais oriundas de diferentes processos e dilemas

vividos pela sociedade civil e pela sociedade política brasileira. E é também um exemplo da caótica coesão da obra do autor, pois ao tratar da temática dos intelectuais, deverá passar necessariamente por outras formulações, extremamente relacionadas e consideradas gramscianas por excelência, como o conceito de hegemonia e a noção de Estado Ampliado.

É importante salientar também que não pretendemos transpor indiscriminadamente o conceito de intelectual, tal qual elaborado por Gramsci, a uma análise empírica limitada às lideranças de movimentos sociais. Nossa preocupação é fornecer um marco teórico marxista que revele as relações políticas e as contradições da sociedade capitalista como fundamentais para compreensão dos elementos envolvidos na existência de posições de destaque e liderança de alguns sujeitos frente a outros. Neste sentido, apenas recuperamos rapidamente categorias e construções analíticas que nos permitam criar um paralelo conceitual entre lideranças e intelectuais categorizados pelo autor em questão. E para tanto, orientamo-nos principalmente pelas leituras de Bianchi (2008), de Martins (2011) e de Dias (1996, 2001 e 2013).

Trata-se, então, de, em primeiro lugar, situar o que é o intelectual vislumbrado por Antônio Gramsci e posteriormente elucidar as noções que permitem apontarmos as lideranças de movimentos sociais, em paralelo ao que seriam intelectuais populares; bem como tentarmos indicar as possíveis hipóteses e consequências analíticas deste paralelo.

2. A questão dos intelectuais

Primordialmente, é necessário localizar o debate sobre os intelectuais¹² nos estudos de Gramsci, e isto se encontra muito bem explanado na obra de Bianchi (2008), na qual se afirma que as reflexões teóricas presentes na obra do autor já eram em si uma parte de um projeto pedagógico que visava à conformação de novos intelectuais da classe trabalhadora. Isto

¹² O estudo gramsciano sobre os intelectuais se encontra consubstancialmente no *Caderno 12*, presente no 2º volume da edição brasileira dos *Cadernos do Cárcere* (p. 15-26).

significa que a preocupação gramsciana também se debruçava sobre a formação intelectual e suas potencialidades, uma preocupação que se insere em uma matriz mais ampla:

“consoante à sua matriz teórico metodológica, o materialismo histórico e dialético (cf. Martins, 2008), ele analisou a função que os intelectuais desempenharam na dinâmica da vida para definir a totalidade social em uma determinada conjuntura, tendo como referência as disputas que as classes sociais travaram entre si. A partir do paradigma que o orientou, Gramsci produziu um conceito de intelectual que, muitas vezes, é equivocadamente interpretado e utilizado abstratamente. Para evitar isso, é importante considerar que o fio condutor da análise gramsciana sobre os intelectuais reside no papel que desempenham na disputa pela hegemonia entre as classes de uma determinada formação econômica e social” (MARTINS, 2011).

Pensando nestas disputas hegemônicas em uma determinada formação social, o marxista sardo atrelou seus estudos sobre os intelectuais a suas contribuições sobre o Estado Ampliado. Por meio da leitura de uma carta enviada por Gramsci em 1931, em seleção efetuada por Liguori, é possível apreender os indícios dessa relação:

“O estudo que fiz sobre os intelectuais é muito amplo (...). Este estudo leva também a certas determinações do conceito de Estado, que habitualmente é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo para adequar a massa popular a um tipo de produção e à economia de um dado momento), e não como equilíbrio entre sociedade política e sociedade civil ou hegemonia de um grupo social sobre a inteira sociedade nacional, exercida através de organizações ditas privadas, como a Igreja, os sindicatos, a escola, etc. ; e é precisamente na sociedade civil que atuam os intelectuais” (GRAMSCI, 1931, in: LIGUORI, 2003, p. 179).

Logo, a noção de intelectual em Gramsci tem suas determinações na ampliação do conceito de Estado, quer dizer, em tornar perceptível o contato entre a sociedade civil e a sociedade política. Uma ampliação que é base de compreensão da obra de Gramsci.

Parte-se das ideias pelas quais se amplia tanto o conceito de Estado, como o de intelectual. Ou seja, através da noção de Estado ampliado, de um Estado que é também sujeito da iniciativa político-cultural, Gramsci mostra a decisiva importância do estudo sobre a formação e as diversas categorias de intelectuais, tratando-se de uma concepção de intelectual do mesmo modo tratada em sentido orgânico e mais amplo, pois de igual forma os intelectuais aparecem enquanto prepostos de diferentes grupos sociais,

exercendo funções da hegemonia social e do governo político (CC 12, § 1, v.2, p. 21).

Esta “hegemonia social” é social, pois é pautada na sociedade como totalidade orgânica, porém ela se estabelece privilegiadamente no âmbito da sociedade civil, sendo um recurso de poder cuja preponderância se encontra em um consentimento dos sujeitos históricos. É importante salientar aqui que para o autor:

“O exercício ‘normal’ da hegemonia, no terreno tornado clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos órgãos da chamada opinião pública – jornais e associações – os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados” (CC 13, § 37, v.3, p. 95).

A noção de hegemonia e seu exercício proporcionam o caráter ampliado ao Estado e estarão também atrelados àquilo que o autor italiano denomina como *capacidade* intelectual, o pensamento primordial para o entendimento mínimo do que ele apreenderá como intelectual. A capacidade intelectual aparece como análoga à capacidade dirigente e técnica do sujeito, de forma a fornecer, e ao mesmo tempo, dele exigir uma elaboração social superior de reconhecimento da disputa por hegemonia. Ademais, a capacidade intelectual está necessariamente imbricada à capacidade criadora, de maneira que:

“Em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado existe um mínimo de atividade intelectual criadora, possui, em certa medida algumas qualificações de caráter intelectual, embora sua figura social seja determinada não por elas, mas pelas relações sociais que caracterizam efetivamente a posição. Por isso seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos exercem a função de intelectuais” (CC 12, § 1, v.2, p.18).

Ou seja, há uma capacidade intelectual inerente a todos os homens, na medida, principalmente, em que ela é criadora. Quanto às outras qualificações intelectuais, como a de dirigência e a técnica, pode-se dizer que estão ao mesmo tempo complexificadas de acordo com as relações sociais que conferem uma posição de destaque a apenas alguns indivíduos. Isto porque Antonio Gramsci quis enfatizar como os intelectuais ocupam lugares distintos na luta entre as classes sociais (grupos sociais fundamentais), e como estes

lugares não são facilmente distinguíveis: “a relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como ocorre no caso dos grupos sociais fundamentais, mas é ‘mediatizada’, em diversos graus, por todo tecido social, pelo conjunto das superestruturas” (CC 12, § 1, v.2, p. 20). Assim, a complexificação daquilo que é entendido como capacidade intelectual é configurada por meio das diferentes mediações e interações sociais imbricadas às contradições entre as classes. Estas mesmas interações formularão e difundirão uma função intelectual atribuída a sujeitos determinados, de modo que o “ser intelectual” é complexo a ponto de se tornar um ofício que demanda categorias mais especializadas em seu exercício.

As categorias intelectuais são, então, aquelas que congregam os diversos tipos de exercícios das também diversas funções intelectuais em relação a grupos sociais determinados. Entretanto, vale dizer que a diversidade de funções intelectuais não garante entre elas equivalência de reconhecimento social e de exercício de hegemonia, pelo contrário: ao se formar uma figura peculiar, por meio de determinada divisão do trabalho na amplitude da sociedade, denominada como intelectual, preponderantemente ela estará, em detrimento de outras, vinculada aos grupos sociais mais importantes (CC 12, §1, v.2, p. 18-19), de forma que se coloque um ponto central de discussão: a distinção entre intelectuais de categoria orgânica de cada grupo social e os de categoria tradicional.

Historicamente, os grupos sociais essenciais no mundo da produção econômica - os grupos sociais mais importantes -, criarão de modo orgânico à sua existência, camada (s), ou categoria(s) intelectual (is) que darão a eles homogeneidade e consciência da função econômica, política e social que exercem (CC 12, §1, v.2, p. 15). Disto conclui-se que a organicidade de um intelectual ou de uma camada de intelectuais deve existir, primordialmente, em relação a um grupo social e que, desta forma, determinado grupo social que se estabeleça enquanto centro diretivo estabelecerá hegemonia também sobre determinado grupo de intelectuais. Hegemonia esta que se afirmará a partir da concepção geral da vida pertencente a tal proposta de centro diretivo social, posto que esta concepção deve fornecer a seus seguidores uma dignidade intelectual, um princípio original e, ainda, um elemento de luta contra velhas ideologias coercitivamente dominantes (CC 19, § 27, v.5, p.99).

Assim, a organicidade intelectual, vista de maneira central na problemática formulada por Antonio Gramsci, é, principalmente, aquilo que permite a formação social de intelectuais contestadores e originais, intelectuais com veias transformadoras suficientes para romper com as ideologias dominantes antigas, para romper, portanto, com as tradições.

Contudo, a história também faz com que permaneçam categorias intelectuais preexistentes, representantes de determinadas tradições e que nela apareçam enquanto sujeitos de uma continuidade que jamais se rompe. Estas categorias constituirão o problema bem mais interessante na questão dos intelectuais para o autor sardo, as categorias de intelectuais tradicionais. Isto por elas constituírem uma separação não apenas social, mas nacional, racial entre grandes massas e a classe dominante (CC 12, §1, v.2, p. 25-26).

Os intelectuais tradicionais são exemplificados pelo autor por uma forma típica: os intelectuais eclesiásticos na Itália. Através de sua organicidade ligada à aristocracia fundiária, os intelectuais eclesiásticos monopolizaram, durante longa fase histórica, a ideologia religiosa (entendida como a filosofia e a ciência da época), a escola, a instrução, a moral, a justiça, a beneficência, a assistência, etc. (CC 12, §1, v.2, p. 15-16). Por meio desta exemplificação concreta dada através dos interventores da Igreja, pode-se dizer que a categoria dos intelectuais tradicionais possui um *ethos*, um “espírito de grupo”, visto que se consideram e se afirmam enquanto dotados de uma alta qualificação autônoma em relação ao resto da sociedade, mais especificamente, em relação à classe dominante, assim como se autoposicionam enquanto ideólogos de um pensamento coletivo que nunca perece. Este autoposicionamento elitizado tem importantes consequências no campo político ideológico, visto que há uma idealização da denominação intelectual atribuída aos conformadores, supostamente “independentes”, das tradições (CC 12, § 1, v.2, p. 17). A partir desta idealização em âmbito social, um grupo social de hegemonia emergente poderá lutar para conquistar e assimilar o referencial tradicional tornado básico e consolidado em torno dos intelectuais tradicionais, e exatamente por estes últimos se autocaracterizarem como classe destacada - inatingível e imutável -, do mesmo modo fornecem o elemento de fé característico e necessário para a persuasão de sujeitos históricos.

O que Gramsci pretende apreender, no entanto, é o necessário combate a este *ethos* elitista e idealizado atribuído a certas categorias de intelectuais tradicionais. Esta idealização que a elas fornece um falso caráter de autonomia e inalteração, o qual, na realidade, não passa de um caráter “a-histórico”, posto que os intelectuais solidificados na tradição são a expressão de uma resistência conservadora insistente, expressão daquilo que há de retrógrado no meio social, daquilo que há de reacionário, como o clero católico na Itália no período.

A ênfase dada neste sentido é para que se observe atentamente o meio de luta política travada no domínio intelectual, um meio que está fundamentado em determinados tipos de organicidade dos intelectuais, sendo essencial refletir sobre o processo de criação desta organicidade. Pois, na medida em que esta organicidade deve colocar-se em intenso combate contra enraizadas formulações tradicionais, as suas próprias formulações deverão ser de cunho original e revolucionário, ou seja, ela só poderá ser uma organicidade conformada em meio às classes populares.

Deste modo, a menção ao “intelectual” expressa uma pessoa ou um grupo que tenha as condições e as capacidades necessárias para fazer a análise crítica da dinâmica de funcionamento da sociedade, e a partir disto construir uma concepção de mundo. Estes mesmos intelectuais devem produzir as motivações para que a ação dos indivíduos seja orientada por tal concepção de mundo construída, assegurando que a organização da coletividade ocorra segundo os interesses das classes populares. E isto é feito através de um processo coletivo com uma dimensão educativa que envolve intelectuais e povo (MARTINS, 2011).

Tal dimensão educativa é o elemento fundamental de uma politização necessária nos conflitos hegemônicos. Segundo Del Roio (2007, p. 69), “É o socrático ‘conhece-te a ti mesmo’ como condição da transformação”. Nas palavras do próprio Gramsci (1986, p. 12):

“O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um conhece a ti mesmo como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício do inventário. Deve-se fazer, inicialmente, esse inventário.”

E na elaboração deste inventário, a menção ao papel daquele que é “orgânico” remete, então, ao engajamento político-cultural fundamental do intelectual a uma classe que é produto do processo histórico; comprometendo-se intimamente com ela nas diversas disputas pela hegemonia.

3. Paralelos conceituais possíveis: *intelectuais* e lideranças de movimentos sociais

Ao optarmos pela abordagem gramsciana para uma primeira aproximação teórica com a questão das lideranças de movimentos sociais, compreendemos ser necessário explicitar alguns aspectos que embasaram nossas análises. O primeiro deles é considerar o caráter histórico e provisório do conceito tal qual elaborado pelo autor, afinal, a preocupação de Gramsci não estava em preencher todas as lacunas possíveis de sua pesquisa, que abarcava principalmente os problemas possíveis da formação de pessoal encarregado ou especializado pelos setores sociais dominantes (BIANCHI, 2008, p. 74).

Dentre os outros aspectos a considerar, estão aqueles que nos fazem compreender o conceito como profícuo à ideia de liderança em meio às classes populares. A partir dos resgates bibliográficos que efetuamos da obra do marxista sardo e de seus leitores, podemos elencar e explanar agora as construções analíticas que nos fazem considerar o conceito de intelectual como marco principal para compreensão dos papéis políticos desempenhados pelas lideranças em nosso campo empírico:

i. O olhar para os conhecimentos da vida prática

Intelectual, no sentido gramsciano é alguém que sempre está interferindo na prática social (DIAS, 2013, p.118) e é preciso sempre enfatizar que o foco do autor italiano permaneceu nas relações e tensões inerentes ao agir e à consciência. Entre concepção de mundo e vida prática, segundo Gramsci:

“a maior parte dos homens são filósofos, na medida em que atuam praticamente, e nesta situação (nas linhas diretivas de sua própria

conduta) está contida implicitamente uma concepção de mundo, uma filosofia”, por meio desta concepção, todos pertenceriam a determinado grupo social. A participação em uma concepção de mundo pode se dar de diversas maneiras: pode ser passiva (concepção imposta mecanicamente pelo ambiente externo), ou ativa (quando o sujeito elabora de modo crítico sua própria concepção de mundo, conscientemente, e através dela possa se vincular a um grupo social que lhe permita participar ativamente na produção da história do mundo, e ser o guia de si mesmo)” (CC10/II, § 16, extraído de BIANCHI, 2008, p. 70-71).

É interessante notar que atuar praticamente em qualquer exercício intelectual ou filosófico significa ao mesmo tempo compartilhar de uma concepção de mundo e de uma inserção em determinado grupo social. Da mesma maneira, para o exercício da liderança é preciso compartilhar experiências da vida prática e uma elaboração crítica sobre elas. Ou seja, tornam-se líderes de um movimento social aqueles que a partir das experiências comuns vividas por um grupo, conseguem elaborar de modo crítico uma concepção de mundo própria, participando dela ativamente.

Sem dúvida, a atividade prática de liderar, assim como a atividade intelectual, vivencia modificações históricas, a depender das novas experiências vividas pelo grupo social na qual estão inseridos os líderes e quais relações com outros setores sociais foram estabelecidas em diferentes conjunturas políticas. E levar em conta a vida prática destes sujeitos em diferentes momentos reitera a necessidade do olhar para experiências e relações.

Partindo desses nortes teóricos, é possível incluir na análise tanto as contradições entre o agir e o discurso das lideranças de movimentos sociais, como seus aprendizados intelectuais e políticos, passivos ou ativos, no interior de diferentes concepções de mundo, em momentos também diferentes das disputas históricas que vivenciam. Isto porque Gramsci legou uma posição estratégica em sua obra para pensar os intelectuais; posição que deu ao seu conceito um caráter político. O que significa dizer que a temática nos traz a possibilidade de refletir sobre o papel que os intelectuais podem desempenhar na disputa por hegemonia, quando engajados política, ativa e organicamente às classes sociais fundamentais (MARTINS, 2011).

ii. A distinção intelectual

É preciso dar destaque às formulações gramscianas de que há uma capacidade intelectual inerente a todos os sujeitos, de que todos são filósofos e/ou de que todos são intelectuais. Estas formulações são importantes não só porque reconhecem as capacidades criadoras e as experiências práticas como potenciais a todos os indivíduos. Mas também, e talvez principalmente, porque elas demarcam elementos distintivos fundamentais para compreensão do que Gramsci denomina intelectual. Isto porque todos são intelectuais, porém apenas alguns exercem a função específica e reconhecida de intelectual.

Para justificar esta distinção, o autor traz algumas ponderações importantes. A primeira delas, recuperada por Dias é que apesar da valorização da experiência popular, os intelectuais das classes populares precisam desenvolver um conhecimento sistematizado.

“o conjunto da sociedade tem uma experiência que está contida na sua vida cotidiana, na sua história, na história dos seus antepassados e é, portanto, um tipo de saber que é normalmente fragmentado, que não alcança um nível de generalização possível. É um saber limitado, não por ser popular, mas pelo fato de que o pensamento do conjunto da população é marcado pela fragmentariedade da situação de subalternidade do povo. Para Gramsci, o povo é o conjunto das classes subalternas, não como uma entidade romântica pairando sobre a sociedade. Estamos falando de mulheres e homens de carne e osso, como ele sempre amou dizer, tem uma experiência que é pelas contradições da totalidade do social (...).

Portanto, esse tipo de saber, às vezes, aparentemente muito pobre ou muito grosseiro, espelha uma visão de mundo, porque é impossível não ter visão de mundo, por mais pobre que ela possa parecer. A direção, os intelectuais, eles têm outro tipo de saber intelectual, que é o saber sistematizado, que é o saber que pode passar pela escola ou não (...). São duas formas de expressão de conhecimento: uma longamente sistematizada e outra quase no limite do empirismo, no limite do conhecimento imediato” (DIAS, 2013, p. 119¹³).

Para que um indivíduo seja considerado intelectual é preciso que ele detenha um conhecimento sistematizado, ou seja, que sua capacidade

¹³ A publicação citada é uma compilação de falas em um ciclo de debates, mantendo a forma coloquial na escrita do que disse o autor.

intelectual adquira novas qualificações, além da criadora comum às experiências de todos. É preciso que este indivíduo adquira capacidades de dirigência e de técnica. Tais capacidades nada mais são do que o retrato de uma especialização e de um determinado exercício intelectual.

Não nos restaram dúvidas em nosso campo de que este tipo de ponderação e distinção deve ser elaborado quando se observa um movimento social. Apesar de todos os integrantes do movimento de moradia na cidade de São Paulo vivenciarem experiências políticas e práticas semelhantes, nem todos exercem a função específica e reconhecida de liderança; muitos, inclusive, não chegam a se reconhecer como militantes de uma causa coletiva: o direito à moradia digna.

Outro fenômeno empírico importante para endossarmos este paralelo teórico é o caminho comum de especialização e aquisição de capacidades dirigentes e técnicas pelo qual passaram diferentes lideranças do movimento de moradia. Como veremos com maiores detalhes no capítulo 3, as lideranças mais reconhecidas e consolidadas passaram por trajetórias semelhantes de formação política desde a década de 1980. São pessoas cuja intensa vida política se inicia a partir das experiências práticas advindas das carências compartilhadas, e que a partir daí passam a se organizar coletivamente, acumulando tarefas diretivas e organizativas de seus grupos e passando a frequentar diversos espaços formativos. Inicialmente, espaços de educação não formal: ONGs, encontros promovidos pelas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica), reuniões diversas de sindicatos, partidos políticos e do próprio movimento de moradia que começava a crescer e a se estabelecer até a configuração que conhecemos hoje.

É interessante notar, entretanto, que esta trajetória comum de formação política no âmbito da educação informal e não formal, com foco nas tarefas mais coletivas, diretivas e organizativas das lideranças não mais existe da mesma forma e com a mesma intensidade, o que traz à tona um fator importante para considerarmos o papel intelectual atual das lideranças do movimento de moradia: a mudança de caráter da especialização almejada hoje pelas lideranças.

Em detrimento das experiências mais práticas, ou oriundas do âmbito da educação informal e/ou não formal, é possível dizer que hoje as

lideranças do movimento de moradia em São Paulo valorizam as possibilidades engendradas pela educação formal. E isto se deve também a uma mudança do contexto político no qual passaram a atuar, principalmente a partir da década de 1990. Esta mudança está relacionada ao contexto da redemocratização do país, que favoreceu um arrefecimento da mobilização através de impulsos expressivos-disruptivos dos movimentos, em prol de uma ênfase às ações integrativo-coorporativas (DOIMO, 1995, p. 119).

Esse processo se acentua nas décadas posteriores, com a ampliação dos espaços de participação institucional, como os conselhos gestores, os orçamentos participativos, fóruns, câmaras setoriais, etc. Os movimentos sociais foram atores fundamentais nesse processo de ampliação de participação democrática nos quais passariam, mais tarde, a disputar seus interesses e projetos, “Para isso, modificaram suas formas de atuação, construíram novas demandas, buscaram qualificação, alteraram suas relações com a base, forjaram novos padrões de liderança, intensificaram o diálogo e os trânsitos com o campo político-institucional, etc.” (TATAGIBA, 2011).

Movimentos importantes, como o de moradia, representados por suas lideranças, passaram a conquistar e ocupar os espaços de negociação em âmbito institucional; e neste, não mais bastava uma postura reivindicativa ou reativa, porém uma postura capaz de formular propostas de implementação e gestão, com vistas a transformar demandas em políticas públicas (CARVALHO, 1998/1999). Como afirmam Dagnino e Tatagiba:

“A inflexão nas formas de atuação dos movimentos sociais, expressa na sua chamada “inserção institucional” e nas novas relações que se estabelecem entre eles e o Estado nos seus distintos níveis, exigiu a adoção de novas formas de atuação que, por sua vez, implicaram num difícil processo de aprendizado. O trânsito (...) para as novas exigências que a participação nos novos espaços trazia se mostrou um sério desafio para os movimentos. (...) Essa nova modalidade de atuação intensifica e diversifica as relações entre sociedade civil e Estado, amplia o raio de interlocução dos movimentos, multiplicando o repertório de significados disponíveis bem como o de tarefas e práticas políticas exigidas. A passagem da ação reivindicativa para a ação propositiva, da defesa dos interesses coletivos de setores específicos para a formulação do interesse público por meio das políticas públicas, são alguns dos novos reptos trazidos por este novo cenário que devem ser enfrentados.” (DAGNINO; TATAGIBA, 2007).

Também destacando os desafios da atuação no campo da sociedade política, Tatagiba e Teixeira (2005 p. 42-43), tratam das consequências desse processo sobre a relação das lideranças com suas bases:

“Tanto por parte dos atores que vivenciam essas experiências quanto daqueles que as analisam, é frequente a interpretação de que os esforços empreendidos na negociação com os governos – quase sempre muito resistentes à partilha do poder – acabam consumindo as energias dos movimentos, que não conseguem por isso, investir no trabalho com suas bases”

Nesse novo contexto, a atuação das lideranças se torna mais complexa e remonta a mais alguns elementos trazidos por Gramsci.

Podemos dizer que as inflexões na história vivida pelo movimento de moradia fizeram com que suas lideranças investissem muitos esforços na sua capacidade intelectual técnica, e um pouco menos nas suas capacidades intelectuais de dirigência ou de criação. Muitas das principais lideranças tiveram seus esforços recentes bastante voltados à formação técnica, principalmente nas áreas correlatas ao Direito e ao conhecimento específico de diferentes legislações e mecanismos do funcionamento do Estado em seu sentido restrito. Podemos aqui citar como exemplo alguns nomes conhecidos, tais quais: Laura, Tavares e Carlo, três importantes lideranças que estão há mais de 25 anos no movimento de moradia e são hoje muito reconhecidas em meio aos demais militantes por terem finalizado o bacharelado em direito¹⁴.

Gramsci também lançou olhar sobre as funções organizativas e conectivas que podem ser atribuídas ao papel do intelectual, apontamentos que hoje são vistos também sendo feitos acerca de lideranças de movimentos

¹⁴ É importante destacar aqui que, embora o número de brasileiros com ensino médio concluído tenha mais do que duplicado entre 2000 e 2010 (http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/educacao_e_deslocamento/default.pdf.shtm - Acesso em 10/2/2015), esta não é uma realidade entre a maior parte dos militantes do movimento de moradia em São Paulo. Segundo o survey que realizamos em 2009 no 11º Encontro Estadual por Moradia Popular, 42,8% dos militantes de nossa amostra não possuíam o ensino fundamental completo, 32% concluíram o ensino médio, 10% concluíram o ensino superior e 12% estavam com ensino superior em curso (para mais detalhes, ver também TATAGIBA, L.; PATERNIANI, S. Z.; TRINDADE, T. A. *Ocupar, reivindicar, participar...*, in: Opinião Pública, Campinas, vol. 18, nº 2, novembro, 2012, p. 399 – 426).

sociais como estas, atuantes em diferentes planos da sociedade civil e da sociedade política:

“A atividade intelectual é diferenciada em graus que podem adquirir uma dimensão qualitativa. Do ponto de vista histórico, o que é importante destacar é a formação de categorias especializadas nas funções intelectuais, em conexão com os grupos sociais mais importantes. Estes grupos lutam pela assimilação e conquista ideológica dos intelectuais tradicionais, luta que é mais eficiente se o grupo dado possuir seus próprios intelectuais orgânicos. O grau de organicidade dos intelectuais pode ser medido através de uma gradação das superestruturas às quais estão vinculados, “é possível, por enquanto, estabelecer dois grandes ‘planos’ superestruturais, o que se pode chamar de ‘sociedade civil’, ou seja, do conjunto de organismos vulgarmente chamados ‘privados’, e o da ‘sociedade política ou Estado’, e que correspondem à função de ‘hegemonia’, que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e a de ‘domínio direto’ ou de mando que se expressa no Estado e no governo ‘jurídico’. Estas funções são, precisamente, organizativas e conectivas” (CC 12, § 1 - BIANCHI, 2008, p. 78).

Quanto à questão da organicidade intelectual das lideranças do movimento de moradia e suas relações de classe, trataremos a seguir. O que nos importa destacar desse fragmento no momento são alguns questionamentos possibilitados quando se atrelam as funções legadas aos intelectuais ao trânsito que podem exercer entre os planos da sociedade civil e da sociedade política. O que o autor enfatiza mais uma vez é a necessidade de se analisar os vínculos sociais para compreender qual o papel político exercido efetivamente pelos intelectuais.

Ao partirmos dessa proposta de compreensão para analisar os papéis políticos exercidos pelas lideranças do movimento de moradia hoje, podemos complexificar as avaliações políticas realizadas sobre as atividades e as incumbências atribuídas a elas. Não é incomum, em decorrência dos mandatos recentes do PT (Partidos dos Trabalhadores) nos governos federal e municipal, que algumas lideranças do movimento de moradia assumam cargos públicos¹⁵. Em geral, muitos dos diagnósticos científicos e políticos sobre essas novas atribuições governamentais das lideranças recaem na chave conceitual da cooptação e/ou da incorporação dos líderes à lógica do Estado em sentido

¹⁵ Disponível em: <noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2013/08/13/lideres-de-sem-teto-ganham-cargos-na-gestao-haddad.htm>. Acesso em: 06 jan. 2015.

restrito¹⁶. A ideia central presente nestes trabalhos e análises é a de que a participação institucional das lideranças imobilizaria ações políticas diretas ou mais assertivas dos movimentos sociais ante aos governos, pois como parte integrante do Estado, dificilmente a liderança entraria em embates de maneira eficaz para garantir suas pautas e assim, a autonomia de suas lutas.

O que se apresenta como fragilidade neste tipo de análise, entretanto, é que a autonomia das lutas dos movimentos sociais, e suas lideranças, fica restrita à ausência de relação com o Estado¹⁷, e isto não é possível na realidade política destes atores que visam a garantia de direitos através das relações que constroem com instituições estatais e seus membros. É preciso, então, vislumbrar análises para além da ideia de cooptação e demarcar novos territórios para compreensão do que é a autonomia dos movimentos sociais frente ao Estado, de acordo com Tatagiba:

“A autonomia é aqui compreendida, de forma muito preliminar, como a capacidade de determinado ator de estabelecer relações com outros atores (aliados, apoiadores e antagonistas) a partir de uma liberdade ou independência moral que lhe permita codificar as formas, as regras e os objetivos da interação, a partir dos seus interesses e valores. Por essa chave, a autonomia não pressupõe ausência de relação, mas a disposição e a capacidade de participar com o outro sem perder certa “distância crítica” que permite colocar a própria relação como objeto de reflexão. Para isso é preciso ter poder e, no caso dos movimentos, esse poder advém da força dos vínculos mantidos com a sociedade civil” (TATAGIBA, 2010, p.68).

A ideia de autonomia como relação criticamente construída que se mantém combativa através dos vínculos com a sociedade civil e no interior dos movimentos sociais, é para nossa ideia de liderança muito fortuita, pois não inviabiliza de antemão a realidade política vivida pelos militantes. Uma realidade atrelada também aos vínculos partidários históricos destas lideranças e a materialidade necessária para que permaneçam nas disputas:

“Existem ainda relações de maior proximidade entre lideranças de movimentos e parlamentares, que em muitos casos encontram no gabinete do parlamentar um trabalho remunerado que possibilita sua

¹⁶ Ver: COSTA, Sergio. “Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais”. In: *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 12, n. 35, oct. 1997.

¹⁷ Ver: TATAGIBA, Luciana. “Desafios da relação entre movimentos sociais e instituições políticas: O caso do movimento de moradia da cidade de São Paulo – Primeiras reflexões”, in: *Colombia Internacional* 71, 2010, p. 63-83.

sobrevivência e permanência na luta social, ou até mesmo se lançam na condição de candidatos ao Parlamento. É claro que não devemos julgar automaticamente estas relações com o Parlamento e com os partidos políticos como cooptação sociais ou clientelismo. É natural que um militante de movimento apoie, ou queira lançar um de seus militantes como candidato, em partidos cujas propostas visem a garantia de direitos pelos quais o movimento luta” (SANTOS; SERAFIM; PONTUAL, 2008).

E tendo em vista: 1. a necessidade das lideranças em tentar garantir direitos aos demais membros do movimento em que atuam; 2. as contradições de classe presentes no âmbito da sociedade política; e 3. a permanência destes líderes também atuantes nas organizações da sociedade civil que os originaram, há uma grande dificuldade em qualificar ou classificar o papel político que exercem.

Neste sentido, funções e tarefas das lideranças de movimentos sociais são – assim como a atuação dos intelectuais teorizados por Gramsci – extremamente complexas e controversas. Para tanto, o que deve nortear a análise é a observação das relações que estabelecem estes atores em determinadas conjunturas, ou seja, a observação de que funções organizativas e conectivas entre sociedade política e sociedade civil têm realizado e quais suas consequências nos âmbitos da disputa por hegemonia.

iii. Relações de classe e o papel do intelectual

As relações sociais que mais interessavam ao marxista sardo quanto à categorização e a reflexão sobre os intelectuais eram as relações de classe que eles engendravam. Para o autor, o discernimento entre os diferentes papéis intelectuais advinha principalmente da análise de a qual dos grupos essenciais do mundo da produção estes sujeitos históricos estavam vinculados. E esta preocupação se deve a alguns importantes fatores que vale a pena indicarmos e/ou lembrarmos aqui.

Segundo Dias (2013, p. 118), do ponto de vista de Gramsci e de outros autores marxistas, a questão dos intelectuais é a questão da formação de direções. Ou seja, a questão de quais e como são formados em partidos, sindicatos, e outras organizações sociais, seus centros diretivos. E dentre estes centros diretivos, a preocupação do autor italiano estava delineada entre

reconhecer os problemas possíveis da formação de pessoal encarregado ou especializado pelos setores sociais dominantes (BIANCHI, 2008, p. 74) e fomentar um projeto pedagógico que visava à conformação de novos intelectuais da classe trabalhadora.

Desta forma, o que pode qualificar a atuação dos intelectuais é seu posicionamento na luta de classes, pois são eles que fornecem homogeneidade e consciência da função econômica, política e social que podem ser exercidas tanto pelos setores dominantes como pelas classes subalternas (CC 12, §1, v.2, p. 15).

De maneira generalista¹⁸, podemos relacionar diretamente as lideranças de movimentos sociais às classes populares das quais são oriundas e cujas demandas por direitos e reformas ainda compartilham. Não há dúvidas de que estas lideranças se esforçam cotidianamente – mesmo que com dificuldades –, para que suas bases conheçam elaborações intelectuais mais complexas sobre as disputas nas quais estão inseridas. Este esforço está ligado à tentativa das lideranças de que diferentes membros do movimento possam reconhecer o papel político exercido em meio às tarefas práticas e à participação coletiva para a conquista da moradia.

No entanto, seria deveras ingênuo afirmar apenas isto sem considerar que pelo menos algumas das relações que estas lideranças estabeleceram com a sociedade política puderam favorecer interesses de setores das classes dominantes, tanto por conta de um despreparo inicial na lida com o Estado em seu sentido restrito, como principalmente devido à função de ‘hegemonia’ - que o grupo dominante exerce em toda a sociedade -

¹⁸ Para ilustrar esta rápida generalização, contamos com os indicadores socioeconômicos do survey que realizamos em 2009, que indicam o posicionamento dos membros do movimento na estrutura produtiva: 34,7% dos militantes e lideranças presentes no 11º Encontro Estadual da UMM possuíam renda familiar de até dois salários mínimos, e 43,5% deles de dois a quatro salários mínimos. Ou seja, 78,2% dos entrevistados possuíam renda familiar de até quatro salários mínimos. A maioria destes militantes e lideranças entrevistadas (60,5%) é de trabalhadores assalariados e, dentre eles, 42% trabalha com carteira assinada. Uma observação relevante para análise aqui é que à data, o salário mínimo tinha como valor R\$ 415,00 (quatrocentos e quinze reais), por meio da [Lei 11.709/2008](#) (acesso em 20/3/2013). Ver também TATAGIBA, L.; PATERNIANI, S. Z.; TRINDADE, T. A. *Ocupar, reivindicar, participar...*, in: Opinião Pública, Campinas, vol. 18, nº 2, novembro, 2012, p. 399 – 426.

e a de 'domínio direto' ou de mando - que se expressa no Estado e no governo 'jurídico' (CC 12, §1). O que Gramsci pretendeu salientar em seu conceito de Estado Ampliado, e que pode se aplicar às dificuldades para compreensão da atuação das lideranças de movimento sociais, é que: embora possa haver disputa por hegemonia e poder também no âmbito do Estado em seu sentido restrito, haverá em seu interior a prevalência do mando e de um domínio direto dos interesses das classes dominantes.

E isto implica dizer que intelectuais das classes populares ou lideranças de movimentos sociais, quando em contato tanto com a sociedade civil como com a sociedade política esbarram em diversas contradições de classe, que alimentam novos aprendizados nas disputas por hegemonia.

iv. Organicidade e tradição

Muito embora as lideranças do movimento de moradia tenham vivenciado novos aprendizados no âmbito da sociedade política, boa parte de suas práticas internas já não é renovada há muito tempo. Conforme dissemos anteriormente, as relações que as lideranças passaram a estabelecer com o Estado em seu sentido restrito, principalmente a partir da década de 1990 no Brasil, fizeram com que elas priorizassem menos os vínculos internos com suas bases e um tanto mais a especialização técnica na tentativa de dialogar com membros do governo "jurídico".

Uma das possíveis implicações desta mudança nos níveis de prioridades foi uma não renovação de grandes quadros militantes no movimento de moradia em São Paulo e, conseqüentemente, uma perpetuação e fortalecimento das lideranças formadas na década de 1980 em cargos de coordenação e direção – com alto grau de influência nos rumos das organizações e do movimento. Veremos em mais detalhes no capítulo 3 os fatores envolvidos nesta manutenção das lideranças. O que importa ressaltar agora é como a análise de Gramsci sobre categorias de intelectuais tradicionais ou orgânicos pode fornecer elementos conceituais para esta análise.

Do ponto de vista gramsciano, preocupado com a formação de intelectuais e, conseqüentemente, de direções na e para a classe trabalhadora, é importante que se mantenham intelectuais ou camadas intelectuais orgânicas nas diferentes disputas travadas pelas classes subalternas. Entretanto, a organicidade intelectual só existe quando e se os intelectuais em questão puderem compartilhar de uma dignidade intelectual com estas classes, de um princípio original e, ainda, de um elemento de luta contra velhas ideologias coercitivamente dominantes (CC 19, § 27, v.5, p.99). Ou seja, para que uma liderança seja considerada um intelectual orgânico para um movimento popular é preciso que ela possibilite a formação política de novos intelectuais contestadores de ideologias dominantes antigas e que promovam rupturas com as tradições. E para explicitar esta questão da organicidade da direção, Dias recupera a metáfora militar de Antonio Gramsci sobre o partido:

“Ele [Gramsci] trabalha com a ideia de que todo partido – analogamente a um exército – tem que ter pelo menos três corpos: um corpo básico, que são os militantes de base, que ele chama de soldados, um corpo diretivo, que ele chama de capitães; e um conjunto intermediário, que ele chama de sargentos. Essa analogia com a questão militar revela a expressão condensada da política na forma como esta se apresenta aos grandes dirigentes que tecem a práxis no sentido da transformação social. (...) Nessa metáfora gramsciana, um partido é democrático quando cada soldado puder chegar a ser general. Por dois motivos: primeiro, por um motivo democrático básico, se você limita, esteriliza, vai ter seguidores, não vai ter camaradas, não vai ter companheiros, não vai ter efetivamente com quem discutir, porque estão acostumados a obedecer; e, segundo, por um motivo fundamental, você tem que pensar uma estrutura organizativa que permita a este partido, sindicato, organização sobreviver e manter a luta” (DIAS, 2013, p.119-120).

Ao transpormos rapidamente esta ideia sobre o partido à empiria do movimento de moradia em São Paulo, provavelmente constataríamos como a investida das lideranças nos mecanismos ditos participativos de disputa da sociedade política, fizeram com que os soldados estivessem cada vez mais distantes das possibilidades de se tornarem generais, ou seja, cresceram as distâncias para que as bases pudessem adquirir conhecimentos práticos e/ou técnicos suficientes para se tornarem interlocutores de suas lideranças. E isto legou ao movimento e suas organizações algumas características como: poucas lideranças individuais ou grupos de lideranças bastante fortalecidos e

uma base crescente muito mais pragmática, presente nos espaços do movimento de moradia tão somente pela possibilidade pautada pela urgência de adquirir algum recurso habitacional, como veremos mais a diante.

Sem dúvida, as preocupações de Gramsci com a organicidade intelectual e com as organizações políticas das classes populares deviam-se à necessidade vislumbrada pelo autor de transformação radical da sociedade e de seu modo de produção; trata-se da formação de intelectuais orgânicos revolucionários.

“A formação intelectual e moral dos subalternos significa a tomada de consciência crítica de sua existência e da realidade que ora se apresenta, que embasará a sua ação política para a transformação dessa realidade, irrompendo uma nova lógica e estrutura econômica, social e cultural. Essa mudança apresenta-se como um movimento concreto, no qual a dialeticidade entre a realidade material/objetiva e a formação da subjetividade manifesta-se no confronto das diferentes visões antagônicas e, portanto, não reconciliáveis da sociedade.

Assim sendo, a vontade de ação, a disciplina intelectual e a organização dos sujeitos das classes populares, posicionados no contexto histórico-cultural, político e econômico, canalizam-se para o conhecimento de sua existência, cuja finalidade é a construção de um novo projeto de sociedade” (SANTOS, 2013, p.116).

Dito isto, é importante ressaltar o caráter de proposição dos movimentos sociais, ou no nosso caso, do movimento de moradia e de suas lideranças. Os movimentos sociais em geral esbarram, nos contextos histórico-culturais que vivenciaram até hoje, em projetos políticos de transformação social através de reformas estruturais no interior do capitalismo. O conteúdo desses projetos evocam clássicas definições de Reformismo em textos como Reforma ou Revolução de Rosa Luxemburgo (1900), através dos quais é possível compreender a luta pela Reforma como a disputa pela transformação radical e definitiva da sociedade promovida a partir de importantes adaptações no capitalismo. Estas adaptações incluem reformas sociais, garantias de direitos, regulamentações da relação capital-trabalho, controle social da produção e ampla democratização do Estado. “Por conseguinte, sindicatos, reformas sociais, e acrescenta Bernstein – democratização política do Estado – tais são os meios de realização progressiva do socialismo” (LUXEMBURGO, 1999, p.42).

Por esta chave é possível olhar para o movimento de moradia e compreender que suas lideranças ou seus intelectuais populares mantêm sua

militância dentro dos limites da Reforma Urbana, legando a ela parte importante da construção progressiva da transformação social. É importante citar aqui que muitas das lideranças se autoposicionam como socialistas e revolucionárias, com intenções de construir sua militância política para a construção de um novo projeto de sociedade. Porém, este projeto no âmbito das disputas do movimento social, está fundamentalmente ligado à ideia de Reforma e não à ideia de Revolução. E isto se deve não só ao projeto político unificador das organizações do movimento ser a Reforma Urbana, mas também ao alinhamento político dos militantes das organizações estudadas ao Partido dos Trabalhadores, partido que grande parte das lideranças ajudou a construir e com diversos representantes hoje no Poder Executivo, inclusive o Federal de 2002 até agora, e Legislativo; cujas premissas foram fundadas na ideia Projeto Democrático Popular, com base em amplas reformas e aumento do chamado “controle social”, por meio dos Conselhos e do aumento de possibilidades de participação popular nas instituições políticas e instâncias de poder do Estado.

Mas, então, tendo em vista a certa inalteração dos quadros militantes do movimento de moradia em São Paulo, junto ao fortalecimento de algumas lideranças e o caráter reformista das pautas levadas por estas lideranças, poderíamos dizer que são compostas de intelectuais tradicionais, e que estamos falando apenas de mais uma elite dirigente governista com os esforços voltados apenas para sua própria manutenção? Acreditamos que não.

Nossa intenção em resgatar as reflexões de Antônio Gramsci quanto às relações de classe e a categorização dos intelectuais em orgânicos ou tradicionais, remete a uma necessidade de trazer elementos para diversas outras possíveis categorizações que desta podem advir. Reconhecemos em nosso campo, nas mais de 30 lideranças com as quais pudemos ter contato, que há elementos de intelectuais populares em todas elas, no sentido de que assumiram qualificações técnicas e dirigentes para serem reconhecidas por suas bases em meio à classe trabalhadora de que fazem parte e às tarefas das disputas políticas que por elas assumiram.

Entretanto, reconhecemos também que dentre as atribuições das lideranças existem e podem existir tanto elementos presentes em categorias tradicionais de intelectuais, como em categorias orgânicas e que estas

diferenciações precisam ser feitas. Como elementos de uma categoria de intelectuais populares tradicionais destacamos uma estagnação dos espaços de formação no interior do movimento, a manutenção das mesmas lideranças há muito tempo em cargos de coordenação, ou mesmo acumulando uma grande quantidade de tarefas e informações sem possibilidades de compartilhá-las com suas bases. Já como elementos de uma categoria de intelectuais orgânicos às classes populares das quais se originaram, verificamos as diversas tentativas de agregar novas pautas às discussões do movimento, como é o caso da criação de secretarias e setoriais da UMM-SP sobre temas transversais à luta pela moradia, tais quais: a questão das Mulheres, dos LGBTT, dos idosos, etc. Ademais quanto à organicidade destas lideranças, é preciso ressaltar que muitas delas já conquistaram sua moradia, transitaram por cargos legislativos e burocráticos do Estado em seu sentido restrito, mas não abandonaram a luta política e as experiências práticas do cotidiano e das relações diretas com suas bases para conquista da moradia digna para todos ou da Reforma Urbana.

Como dito anteriormente, nossa intenção não é solucionar os dilemas analíticos trazidos pela distinção entre as categorias de intelectuais orgânicos ou tradicionais para pesquisa das lideranças em movimentos sociais. Porém, estes dilemas auxiliam na problematização das atribuições de liderança. A seguir, aprofundaremos a explanação sobre a história e a configuração do movimento de moradia em São Paulo, bem como sobre as dinâmicas vividas pelas lideranças que permitem qualificar melhor as relações de liderança que até então encontramos.

Capítulo II – “Liderança não é Mito” – dinâmicas de liderança no movimento de Moradia em São Paulo

1. Breve histórico do Movimento de moradia em São Paulo

A demanda por moradia em São Paulo é já bastante conhecida e remonta à crise habitacional iniciada na década de 1970, quando nas grandes cidades brasileiras, o processo de urbanização intensificou o empobrecimento da população e o decréscimo de alternativas para a casa própria (cf. GOHN, 1995). Durante este período, ainda no contexto da ditadura militar brasileira e de intensa migração, inicia-se a articulação de um movimento sindical forte desvinculado do Estado e também discussões sobre os problemas populares, as quais se davam no âmbito das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), unidades de base da Igreja Católica que desenvolviam suas atividades motivadas pela Teologia da Libertação (ABREU; FARIA; KOHARA, 2006a, p. 22). Em meio a essas discussões populares nos espaços das pastorais é que residem as origens do movimento de moradia.

O debate organizado destes setores populares e as atividades por eles realizadas estavam voltados, em um primeiro momento, às favelas, intensificando um processo de embates políticos que gerou um dos primeiros atores importantes no contexto do conflito por moradia na cidade de São Paulo: o MDF – Movimento de Defesa do Favelado (GOHN, 1995, p. 121). Já no fim da década de 1970 e início dos anos 1980, esse processo de lutas se intensifica, dando voz também aos moradores de cortiços que começavam a se posicionar contra a alta dos preços dos aluguéis, as altas taxas de água, luz e IPTU, os abusos dos intermediários, e os despejos sem aviso prévio.

Assim, principalmente nas regiões centrais da cidade, começaram a ocorrer trabalhos com as famílias nos próprios locais de suas moradias ou em salões paroquiais, visando possibilitar que conhecessem seus direitos, e amenizar demais problemas que envolviam a moradia de cortiço – sua precariedade e suas terríveis condições de habitabilidade. Estes trabalhos resultaram também no “despertar de lideranças que assumiram a luta pelos

direitos das famílias encortçadas em cada uma das regiões. Assim, neste período houve uma grande quantidade de cursos de formação para a população em geral, com o objetivo de formação de lideranças para que viessem a assumir a luta, formando agentes da transformação social que se fazia urgente e necessária” (ABREU; FARIA; KOHARA, 2006a, p. 23).

O processo de organização e formação política dos movimentos de cortiços acabou por configurar a ULC (União para a Luta de Cortiços), o primeiro passo das articulações para o que compreendemos hoje como movimento de moradia em São Paulo. Apesar de sua oficialização jurídica datar de 1991, a ULC surge ainda nos anos 1980, aglutinando as organizações que atuavam nas áreas centrais e demais bairros próximos: “Belém, Brás, Ipiranga, Luz, Mooca, Tatuapé, Vila Formosa. [Os movimentos] Ficaram conhecidos como ‘grupos de base’ ou ‘grupos de origem’ (...), geralmente aludindo ao espaço geográfico em que atuam” (NEUHOLD, 2009, p. 44). Deste modo, a Unificação para a Luta de Cortiços (ULC) pode ser considerada a matriz de muitas das organizações do movimento de moradia na cidade de São Paulo, pois em seu núcleo já se encontravam diversas lideranças que se destacam ainda hoje em meio à atuação nos diferentes níveis do movimento (cf. BLOCH, 2007; OLIVEIRA, 2010).

Em diferentes níveis porque para além das articulações que davam origem à ULC e às organizações mais territoriais pelos bairros, formou-se também, em 1988, a UMM: União dos Movimentos de Moradia. A UMM surge com o intento de agregar as ações de todos os chamados “grupos de base” que conjuntamente à luta dos cortiços e favelas, começavam a fomentar também outras demandas e estratégias em torno da moradia, com destaque para as ocupações de terrenos generalizadas no período, e para a luta pela regulamentação de loteamentos (cf. GOHN, 1995; KOWARICK, 2009). A UMM inicia como uma organização municipal que tem como objetivo agregar, conforme as lutas por moradia se intensificam, aqueles que participam das mais diversas atividades e organizações mobilizadas. Em 1992, porém, adquire caráter estadual, e começa a desenvolver vínculos com a Central dos Movimentos Populares (CMP), uma entidade nacional que congrega até hoje muitos dos movimentos sociais atuantes no Brasil.

Podemos dizer que a UMM-SP se estabelece como uma “federação”, atuando como uma grande organização agregadora de outras organizações menores e grupos locais do Movimento de Moradia em São Paulo¹⁹ e que hoje contabilizam mais de vinte mil famílias cadastradas²⁰. Este caráter agregador está relacionado a alguns fatores importantes: o primeiro deles é a existência de uma coordenação executiva da União formada por fortes e consolidadas lideranças, as quais representam diferentes origens locais dos grupos de base; um segundo fator é a realização de plenárias semanais e/ou quinzenais para debater as questões e problemas regionais trazidos pela executiva ou por outros coordenadores locais que frequentam estes espaços de debate e deliberação; o terceiro e último fator mais relevante é a realização de encontros anuais e/ou estaduais da União dos Movimentos de Moradia de São Paulo, dos quais participam coordenadores e delegados que discutem pautas do movimento em mesas temáticas e votam, ao final, a agenda de lutas e as diretrizes gerais para o ano da entidade.

Os grupos menores que formam a UMM – SP, também chamados de “grupos de base”, ou “grupos de origem” se organizam hoje no interior da UMM através de macrorregiões (Região metropolitana – Capital, ABCD e Macro-Sudeste –; e Interior – Jundiaí, Campinas, Baixada e Sorocaba). Entretanto, seus militantes encontram-se muito mais georreferenciados pelos bairros em que atuam e pelos nomes das lideranças com que convivem em suas reuniões locais, do que pelas subdivisões organizativas da entidade. Estas organizações de bairro ou grupos de base podem se encontrar ainda mediadas por organizações intermediárias e suas respectivas lideranças, antes de se relacionarem diretamente com a União dos Movimentos de Moradia. Dentre estas organizações intermediárias estão: MST Leste 1, MMC, Movimento de Moradia da Região Sudeste, UNAS, ULC, etc.

Para exemplificarmos o papel da organização intermediária que agrega grupos de base, trazemos a seguir o Movimento de Moradia da Região Sudeste – ou Associação dos Movimentos de Moradia da Região Sudeste para melhor compreensão. Trata-se de uma das organizações regionais

¹⁹ Para mais detalhes, ver também CAVALCANTI, Gustavo Carneiro Vidigal. *Uma concessão ao passado – trajetórias da União dos Movimentos de Moradia de São Paulo*. São Paulo: [USP], 2000.

²⁰ Dados oficiais da instituição.

intermediárias do movimento de moradia no estado de São Paulo. Seu local privilegiado de atuação são os entornos da região sudeste da capital paulista, na qual se situa de maneira mais evidente o bairro Ipiranga. Nesta organização coordenada por treze lideranças, das quais onze são mulheres, estão cadastradas como participantes cerca de cinco mil famílias. As lideranças, assim como as famílias, dispõem-se no interior da organização de acordo com os bairros dos quais são oriundas. Ou seja, para cada bairro componente do Movimento de Moradia da Região Sudeste há uma organização comunitária, em nível mais local, com pelo menos uma liderança que agrega as famílias que moram no bairro²¹.

De cada bairro componente, isto é, de cada organização local, ao menos uma liderança fará parte da coordenação da organização regional intermediária. Assim, a coordenação do Movimento de Moradia da Região Sudeste é composta por representantes dos bairros e famílias que essa organização contém. A coordenação se reúne quinzenalmente, e as organizações locais, denominadas pelos militantes “grupos de base”, reúnem-se mensalmente. Estas reuniões culminam na assembleia geral, que ocorre também mensalmente, e é o momento no qual se encontram todas as organizações locais do Movimento e suas bases.

A partir do diagrama a seguir, é possível compreender melhor como estão dispostas as organizações de acordo com seus diferentes níveis: grupos de base (organizações de bairro), Movimento de Moradia da Região Sudeste (organização intermediária), e UMM (organização aglutinadora ou agregadora). De 1 a 10, estão numerados os seguintes bairros: 1) Vila Livieiro; 2) Parque Bristol; 3) Jabaquara; 4) Vila Mariana; 5) Ipiranga; 6) Jardim Maristela; 7) Jardim Clímax; 8) Arapuá; 9) Água Funda; 10) Vila Moraes. De maneira que as organizações locais, ou grupos de base, componentes do Movimento de Moradia da Região Sudeste sejam 10 – uma em cada bairro.

²¹ Muitos dos dados sobre o Movimento de Moradia da Região Sudeste podem ser encontrados no site da UMM – SP (União dos Movimentos de Moradia do Estado de São Paulo): <www.sp.unmp.org.br/>. Acesso em: 07 jan. 2015.



Figura 1 - Exemplo de agrupamento de organizações.

Outra forma mais atual de organização interna da UMM em São Paulo são as secretarias que levam lideranças e militantes interessados a discutirem temas transversais como juventude, mulheres, formação política, negritude, LGBTT, entre outros. É possível também identificar a UMM em diferentes redes nacionais e internacionais de luta por moradia popular, entre elas: Rede Mulher e Habitat, Habitat International Coalition, UNMP (União Nacional por Moradia Popular), Secretaria Latinoamericana Vivienda Popular, e o Fórum Nacional da Reforma Urbana. Também é frequente que importantes lideranças e organizações da UMM sejam parte integrante da CMP (Central de Movimentos Populares)²².

Sem dúvida, para além das tentativas mais amplas de articulação da UMM-SP, o histórico das diversas organizações do movimento de moradia em São Paulo²³ conta com importantes dissidências e novas tentativas de articulação, responsáveis pelo quadro fragmentário em que elas se encontram atualmente. Nos anos 2000, uma segunda organização agregadora se estabelece com a intenção de articular também grupos dissidentes de organizações no interior da UMM: Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC,

²² Para melhor compreensão da filiação entre diferentes entidades agregadoras, verificar também a Figura 7 na página 86.

²³ Chamamos “organizações de movimento” todas as coletividades específicas que lutam por moradia popular para seus membros e que compartilham muitos momentos deste histórico do movimento de moradia mais amplo. Diferenciamos, entretanto, como “organizações agregadoras”, entidades como a UMM-SP que atuam em uma tentativa de articular organizações locais, centralizando minimamente suas diretrizes e estratégias.

dissidente do Fórum de Cortiços) e Movimento de Moradia da Região Central (MMRC, dissidente do MMC). Oficializada juridicamente em 2004, a Frente de Luta por Moradia (FLM) nasce então de uma necessidade em agregar dissidentes da União dos Movimentos de Moradia, bem como diversos grupos de bairros mobilizados na luta por moradia e que não haviam sido abarcados pelas organizações que compõem a UMM.

A FLM, então²⁴, se origina da necessidade de agregar organizações dissidentes da UMM com foco de atuação privilegiada no centro expandido de São Paulo:

“A Frente foi composta inicialmente pelo Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), Fórum de Moradia e Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Fomaesp), Fórum de Mutirões, Associação de Mutirões, Movimento Quintais e Cortiços da Região da Mooca, Movimento Terra de Nossa Gente e por quatro grupos que se uniram no Movimento Sem-Teto pela Reforma Urbana (14 de janeiro, Grupo da Água Rasa, Grupo Colorado e Setor 8, todos da zona leste). Todos eles estavam no primeiro encontro da FLM em Ribeirão Pires. Mais tarde juntou-se o Movimento de Moradia da Zona Norte e o Movimento Centro-Norte” (Extraído do site oficial da organização²⁵).

Em consulta à bibliografia sobre esta cisão no interior do movimento de moradia em São Paulo, vimos que são explorados alguns aspectos que poderiam justificar esta dissidência mais central (BENOIT, 2000; CAVANCANTI, 2006; NEULHOLD, 2009; OLIVEIRA, 2010). Dentre os mais citados, inclusive em meio ao campo, estão os desacordos sobre o uso ou a sobrevalorização de algumas estratégias para a conquista de moradia; destaque para as ocupações de prédios e lotes vazios, e para a maior ou menor intensidade das tentativas de diálogo com o Estado²⁶.

De maneira geral, é possível inferir que apesar das tentativas históricas de agregar as diferentes organizações de luta por moradia em São

²⁴ É importante pontuar que as dinâmicas locais da FLM no centro não são necessariamente semelhantes as da UMM. Muitas vezes uma simples reunião quinzenal nos bairros centrais pode culminar em ocupações, e uma ocupação junto à figura de coordenação passa a ser algo similar à “organização” de base.

²⁵ Disponível em: <www.portalfm.com.br/luta-historico>. Acesso em: 07 jan 2015.

²⁶ “A explicação das coordenadoras do MSTC para a modificação do caráter das ocupações era diferente da justificativa dada pelos integrantes da UMM: para elas, a mudança de orientação coincidiu com o momento em que lideranças do movimento de moradia foram trabalhar em gabinetes de parlamentares e/ou quando aceitaram cargos no governo. Teriam, assim, perdido a autonomia de organizar protestos e de fazer pressão para negociais por meio de outros canais” (NEULHOLD, 2009, p. 92).

Paulo, o panorama de crescimento deste movimento social está intimamente ligado à sua fragmentação em diferentes organizações – seja devido à suas origens territoriais e/ou às dissidências que o configuram. Segundo Blikstad (2012), essa fragmentação passa a ficar mais evidente na década de 1990 e se encontra intimamente ligada às relações que o Estado passa a efetivar com o movimento de moradia e com determinadas lideranças que aglutinavam em seu entorno diferentes bases em uma organização específica. Assim:

“Existem diversos motivos para o movimento de moradia defender um maior poder de suas organizações na implementação da política habitacional. Um dos motivos – mas não o único – poderia estar associado ao imperativo de fortalecer as organizações para garantir poder de mobilização da base (as famílias que buscam moradia), e portanto de pressão junto aos governos (através da convocação de atos de protesto, como marchas e ocupações)” (BLIKSTAD, 2012, p. 99).

Em meio a essa maior necessidade de fortalecer grupos específicos e suas respectivas famílias, é necessário observarmos o movimento de moradia hoje a partir das suas divisões internas em diferentes organizações, ou “movimentos” como se referem seus militantes, por se tratar, como vimos, de um movimento social bastante heterogêneo e de forte competição interna. Conforme esquema aprimorado por Paterniani (2012), a seguir podemos, por fim, sintetizar melhor as fragmentações históricas do movimento estudado.

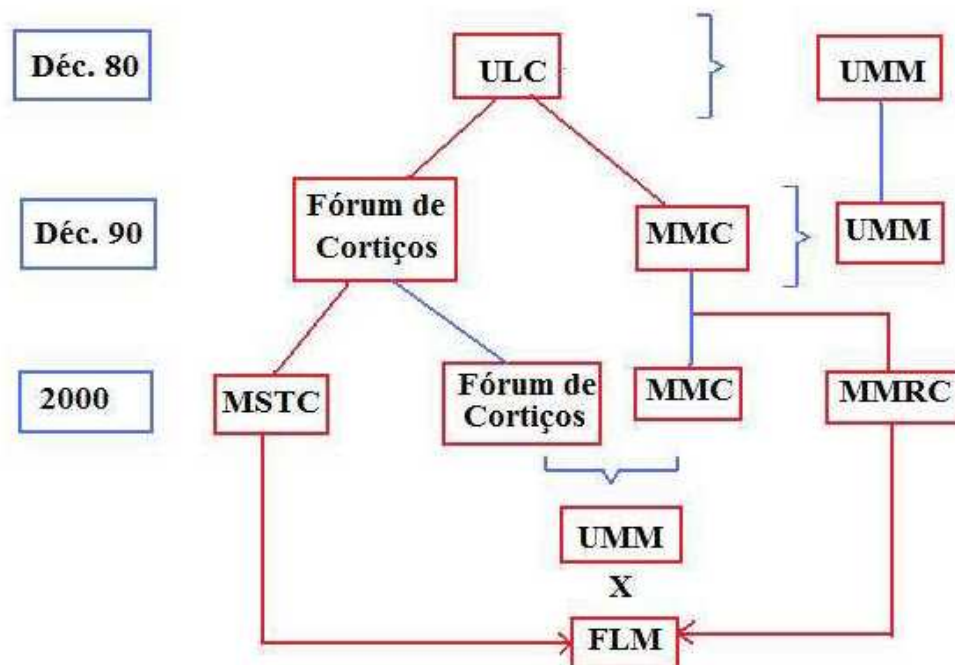


Figura 2 - Dissidências das organizações UMM e FLM.

Siglas:

ULC: União para a Luta de Cortiços.

MMC: Movimento de Moradia da Cidade de São Paulo²⁷.

MSTC: Movimento Sem-Teto do Centro.

MMRC: Movimento de Moradia da Região Centro.

UMM: União dos Movimentos de Moradia.

FLM: Frente de Luta por Moradia.

Síntese explicativa:

Em 1980 surge tanto a ULC como a UMM – SP, como tentativas de agregar as lutas por moradia. Em 1990 a UMM adquire caráter estadual e maior abrangência, agregando diversas organizações, inclusive a ULC que na mesma época teve duas cisões: uma que criou o Fórum de Cortiços e outra que gerou o MMC. Ambas organizações dissidentes, entretanto, também optaram por se manter no interior da UMM – SP.

²⁷ Antigo Movimento de Moradia do Centro, passou a se autodenominar Movimento de Moradia da Cidade de São Paulo em fevereiro de 2012, porque dizem aglutinar não mais apenas organizações do centro, mas de todas as regiões da cidade.

Nos anos 2000, surgem novas dissidências: o MSTC (dissidência do Fórum de Cortiços) e o MMRC (dissidência do MMC). Já estas novas dissidências optaram por articular suas lutas mais proximamente a outras organizações que não faziam parte da UMM – SP e que construíram uma nova entidade agregadora: a FLM.

Sem dúvida, existem diversas outras organizações na luta por moradia não contempladas por esta síntese, nem por nosso recorte do campo. Isto porque nosso foco se manteve nas lideranças consolidadas em meio à história do movimento de moradia que acabamos de pontuar brevemente. Ou seja, privilegiamos a análise de organizações e lideranças com trajetórias comuns e muitas vezes compartilhadas de formação, cuja identidade política se construiu e se constrói muito proximamente ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Sabemos, então, que o movimento de moradia é um conjunto de organizações de luta por habitação digna com atuação na área das favelas, cortiços, habitabilidade irregular, aluguel social etc. Um movimento internamente muito fragmentado, e com forte competição em seu interior pelo acesso aos poucos recursos para moradia de interesse social. Sabemos também que esta configuração é antiga, e que primeiramente surgiram as pequenas associações, cujo foco era levar suas demandas locais ao Estado, sem necessariamente articularem as lutas com outros bairros e associações. E neste sentido, as origens do movimento por si revelam uma possível existência anterior de conflitos entre lideranças de diferentes organizações. O que implica pensar que como muitas destas lideranças são as mesmas há muito tempo, ainda permanecem fortes os traços destes conflitos que podem também estar na base, inclusive, das dissidências entre organizações do movimento.

É importante ressaltar que são fortes também as personificações das organizações, ou seja, é comum que instantaneamente se reconheçam as organizações pelas respectivas lideranças que as representam, e não por seus nomes ou sua localidade. E isto demarca ainda mais um terreno de competições e fragmentações vinculadas a interesses mais particularistas das lideranças.

Estes interesses particularistas são em alguns momentos denunciados pelas próprias lideranças, suas experiências, memórias e divergências em relação às atitudes de seus companheiros. Em uma

caminhada com T. (15 mar. 2012), liderança de uma das menores organizações do movimento no centro, perguntei quais suas expectativas a respeito do Encontro do Fórum Nacional de Reforma Urbana; disse-me que não eram boas, que:

“aquilo não serve pra nada...quer dizer, serve para as lideranças que tem mais poder se apoderarem de ainda mais poder. De que adianta você pregar uma visão socialista, se você faz o ódio, rancor, raiva, mesquinha?.....alguns deles são assim...briga por quem vai ficar no hotel, comer num sei o que, ter passagem de avião....num vale a pena”. Disse-me também que não vai mais nas reuniões de construção do Fórum, “eu não, pra que? Pra ver as pessoas brigarem? São poucos que não fazem isso”.

É interessante notar que além de discordâncias ético-políticas em relação a outras lideranças como essa, existem no movimento também desavenças mais declaradas, e ligadas aos afetos. Há casos conhecidos e motivos de piada por parte de muitos integrantes do movimento. Entretanto, muitas vezes essas desavenças começam por motivações políticas sérias como a partilha da conquista de um programa habitacional, ou a centralização das falas por lideranças mais velhas. Ou seja, é comum um conjunto de episódios dos microeventos darem corpo a algumas das discordâncias e dissidências mais profundas entre lideranças que evidenciamos em campo.

Neste sentido, o que percebemos no movimento de moradia é uma constante e crescente personificação das organizações, seja porque elas possuem um centro diretivo forte e/ou conservador em algumas de suas lideranças, que acumulam sobremaneira informações e tarefas; seja porque escolhas políticas e discordâncias mais particulares afastam certas lideranças de possíveis articulações, e, por muitas vezes, isso acaba por isolar ou “autocentrar” as famílias de suas organizações.

Um aspecto que se soma a essas discordâncias são as diferentes escolhas de alianças que as lideranças pessoalmente fazem para fortalecer suas organizações. Isto porque ao fazer uma aliança, as lideranças potencialmente enfraquecem ou destroem outras alianças possíveis. Estas escolhas de alianças pelas lideranças levam em conta também o apoio político a determinados líderes, candidatos ou parlamentares do Partido dos Trabalhadores. Em períodos de eleição para deputados e vereadores, é

possível avaliar com maior nitidez os sentidos das divisões entre organizações do movimento. Em geral, lideranças de uma mesma organização e/ou região apoiam o mesmo candidato. E estes apoios são bastante diversificados em meio a todas as organizações que compõem o movimento, e é notável que esta diversificação entre apoio político destinado a diferentes líderes do PT por lideranças do movimento esteja também na base das dissidências históricas entre as organizações do movimento de moradia em São Paulo.

2. As diferentes configurações: níveis de militância e território

Não é difícil deduzir que em concomitância ao fortalecimento das organizações e à fragmentação do movimento de moradia em São Paulo, fortaleceram-se também figuras de liderança e coordenação em cada uma das coletividades criadas. Isto porque tanto as origens como as relações entre as lideranças refletem o caráter heterogêneo e “hierárquico” do movimento estudado.

Durante as nossas diversas incursões em campo, um dado que salta aos olhos é como as lideranças são em grande parte das vezes, para os militantes, a referência maior da organização de que fazem parte; sendo muito comum que membros da base digam que são “do grupo do João”, ou do “grupo da Vivian” ao invés de se reportarem ao nome da organização ou do bairro em que ela se encontra. Sem dúvida, esta forma de se identificar em meio a tantas organizações do movimento de moradia remonta à grande complexidade de compreensão sobre quais são os reais espaços a que esse militante pertence quando há inúmeras formas de diferenciação entre eles.

Porém, esta maneira dos membros do movimento se localizarem através dos nomes das lideranças também remonta ao quanto os líderes “centralizam” suas bases locais, em termos de informação e do acúmulo de tarefas; as quais tendem a ser pouco compartilhadas entre os demais militantes do movimento. Esses acúmulos discrepantes de informações e tarefas entre lideranças e base nos levam a questões importantes: como distinguir os

diferentes níveis de atuação no interior do movimento? E ainda: quais são os eixos de observação através dos quais podemos analisar as formas de militância desde a base até uma “grande liderança”?

Um dos primeiros eixos de observação que podemos considerar, tendo em vista o histórico de fragmentação das organizações do movimento de moradia, é como está configurada a hierarquia entre elas. Isto porque há organizações com características muito distintas: menores e mais locais, maiores e agregadoras, etc. Logo, há diferentes instâncias possíveis para a atuação das lideranças e demais militantes.

Vimos anteriormente que o movimento se originou a partir de comunidades em diferentes bairros da cidade. Quando estas comunidades passaram a integrar um panorama mais amplo da luta por moradia passaram a ser reconhecidas como grupos de origem ou grupos de base, a menor e mais local forma de organização do movimento e que, em geral, leva o nome do bairro em que se estabeleceu. Em seguida, surgem diferentes tentativas de aglutinar estes grupos menores, que acabam por ganhar denominações diferentes: 1. Organizações intermediárias ou médias: aquelas que começam a englobar diferentes grupos de origem (Exemplos: MMC, Fórum de Cortiços, MMRC, MSTC, etc.), são organizações que em sua maioria estão centralizadas por organizações maiores que ajudaram a construir, as 2. Organizações agregadoras: aquelas que surgiram com o objetivo de articular tanto os grupos de base, como posteriormente as organizações intermediárias, tanto no município, como no estado de São Paulo (Exemplos: UMM e FLM).

A importância de pontuar tal hierarquização das organizações está no fato de que ela tem um impacto direto na observação dos níveis em que é possível tanto um militante de base como uma liderança atuar. Vejamos: a) um militante que apenas frequenta as reuniões de seu “grupo de base” reconhece apenas a liderança que coordena estes encontros e dificilmente discernirá outras instâncias e figuras do movimento de moradia em São Paulo; b) se a liderança deste mesmo grupo de base participar dos encontros da organização intermediária a que ele pertence, poderá levar àquele militante que só frequenta as reuniões do bairro inúmeros aspectos e informes mais amplos sobre onde se aplicam os esforços realizados naquela comunidade local; c) se esta liderança participar de um encontro estadual da organização agregadora

da qual faz parte, conhecerá inúmeras outras lideranças e possibilidades de atuação, como participar de uma das secretarias temáticas para discussão de temas transversais à luta por moradia; d) quando a tal liderança voltar a seu grupo de origem após um encontro como este, poderá compartilhar a existência desse tipo de secretaria com aquele primeiro militante que, então interessado pelo tema da secretaria, passa a frequentar outros espaços do movimento...

E assim como estas, diversas outras combinações entre tipos de militantes e lideranças podem acontecer nos diferentes níveis em que se encontram as organizações. Ou ainda, caso militante e liderança não circulem, um ciclo como este nem se inicia. O que importa destacar é que quanto mais a liderança transitar por diferentes organizações e quanto mais disposição ela encontrar para compartilhar informações com as suas bases, mais chances um militante tem de se interessar pelos diferentes conhecimentos que a luta política por moradia tem a oferecer e, logo, mais chances este militante tem de se tornar uma liderança.

Para o entendimento destas combinações e possibilidades, sistematizamos os diferentes níveis de militância que pudemos distinguir em nossa pesquisa empírica. Mas antes de partirmos para a sistematização, uma importante ponderação deve ser feita. Tal ponderação diz respeito à forma pela qual as organizações do movimento e suas coordenações realizam a gestão de recursos habitacionais, caso haja, às famílias. As organizações do movimento de moradia atuam com seus militantes através de um programa que pontua a participação de cada família nos eventos. Quanto mais participa dos eventos com assiduidade, mais pontos a família acumula e mais chances tem de ser contemplada quando algum programa habitacional for direcionado à organização de que faz parte. De acordo com Blikstad:

“As lideranças que fazem parte do que se chama de “coordenação” são responsáveis, dentre outras várias atribuições, por cadastrar todas as famílias que batem às portas dos grupos, muitas vezes com o registro de detalhes como: estado civil, renda, sexo, número de filhos, ocupação profissional etc. Ainda cabe à coordenação manter um controle sobre a frequência de presença das famílias cadastradas nos eventos convocados pela organização, tais como assembleias, atos de rua e ocupações. Essa participação é quantificada e transformada em pontos. O sistema de pontuação das organizações do movimento existe para definir a sequência das famílias que serão

contempladas na medida em que a organização conseguir conquistar unidades habitacionais junto ao poder público, via programas habitacionais. As organizações, portanto, criam critérios e instrumentos próprios para gerenciar a demanda por moradia que se agrega em torno delas, cabendo a elas inserir suas famílias em programas habitacionais. Além disso, a pontuação funciona como mecanismo de estímulo ao engajamento das famílias às atividades tocadas pela organização – ou de constrangimento à não participação nestas atividades –, afinal de contas, a conquista da casa depende de um alto nível de engajamento nas atividades das organizações” (BLIKSTAD, 2012, p. 70-71).

Por conta do sistema de pontuação das organizações do movimento, as famílias que compõem a base podem se relacionar de diferentes formas com as atividades políticas propostas. Muitas delas cumprem rapidamente seu dever de presença nas reuniões e atos para manter o nome na lista da organização de que fazem parte, no intuito de preservarem suas chances em conseguir a moradia, sem se envolver com temas e tarefas políticas desenvolvidas pelo movimento. Já outras famílias, transformam o movimento em parte viva de seu cotidiano, interagindo intensamente com demais militantes e com as lideranças. Passemos à sistematização dos níveis de militância, para melhor compreensão das distinções que propomos.

A- Bases:

- i. Base mais pragmática e recém-chegada ao movimento, que não tem nenhuma familiaridade com o funcionamento de seu grupo de origem;
- ii. Base mais pragmática que cumpre as tarefas de participação em eventos de deliberação e protesto há algum tempo para poder ter a chance de ser contemplado com a moradia, simplesmente, não conseguindo discernir um papel mais amplo para o movimento;
- iii. Base integrada ao movimento: cumpre as tarefas de participação em eventos, mas também porque está convencida de que a moradia digna é um direito pelo qual se deve lutar – é a parte das bases que muitas vezes já conseguiu a casa e continua no movimento, ou que potencialmente não sairia do movimento pelo fato de conseguir a casa. Em geral, são militantes que se colocam politicamente nas reuniões, participam nas decisões das organizações

intermediárias, ou das ocupações que habitam, e vão como delegados nos encontros deliberativos promovidos pelas organizações agregadoras.

B- Lideranças:

i. Lideranças locais mais recentes que não foram formadas pelos percursos comuns derivados da década de oitenta que detalharemos adiante. São lideranças que em geral se originam desta base integrada ao movimento e que se dividem em:

a) Auxiliares da coordenação do grupo de base: pessoas que tomam para si tarefas administrativas ou organizativas do grupo de origem, tornando-se referências para as famílias cadastradas neste coletivo como auxiliares da coordenação. Embora conheçam a dinâmica do grupo de bairro, não se motivam a participar de outros espaços deliberativos do movimento;

b) Coordenadores dos grupos de base: lideranças locais que articulam o discurso do direito à moradia e que já possuem um mínimo de acúmulo de informações e tarefas para auxiliar nos rumos da sua organização de bairro, como coordenadores. Encontram-se presentes nos mais diferentes espaços do grupo de origem, da organização intermediária e da agregadora. Também as denominamos “lideranças intermediárias”, pois trabalham como pontes entre o nível local e o mais amplo;

ii. Lideranças que representam uma ou mais organizações do movimento, e que se diferenciam entre si por:

a) serem reconhecidas em geral apenas pelo trabalho que fazem na sua organização regional, mesmo que façam parte de organizações maiores. Lideranças que apesar de coordenadores de uma organização agregadora, têm sua importância muito mais referenciada em seus grupos locais;

b) serem muito requisitadas tanto no trabalho das suas organizações locais, como nas organizações maiores, nas quais sempre ocupam cargos de coordenação de extrema relevância. Estas configuram a

maior parte das lideranças reconhecidas nos diferentes espaços do movimento²⁸. Acreditamos que o fato de lideranças deste tipo serem a maior parte delas indica como o acúmulo de cargos e o trânsito entre diferentes organizações é extremamente importante na formação das principais lideranças;

c) lideranças muito consolidadas, cujo reconhecimento já não passa mais necessariamente pelas organizações locais de onde vieram; são as que mais circulam entre diferentes organizações;

d) lideranças que a partir da formação técnica, do grande número de relações que estabeleceram, e da crescente circulação, acabam enveredando um reconhecimento nacional de suas tarefas, como é o caso, por exemplo, da Joana Rodrigues, coordenadora nacional da UNMP, faz parte da coordenação da UMMSP, e em 2011 assumiu o cargo de assessora da presidência da Caixa Econômica Federal²⁹.

No *survey* realizado pelo NEPAC em 2010, com auxílio do CESOP³⁰ pudemos detalhar um pouco mais e contingencialmente algumas dessas nuances entre militantes e lideranças. Aplicamos o *survey* durante o 11º Encontro Estadual de Moradia Popular³¹, organizado pela União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM-SP), ocorrido em São Paulo, de 15 a 17 de maio de 2009, no Sindicato dos Bancários. O Encontro ocorre a cada dois anos e visa estabelecer uma agenda de lutas para as organizações que compõem a União, bem como eleger a Coordenação Executiva da UMM. Foram entrevistados 147 membros do movimento, dos quais 108 (73%) entre os militantes delegados; 34 (23%), entre os militantes não delegados; e 5 (4%) convidados. Todos responderam a 23 perguntas fechadas e 19 perguntas abertas que compunham o questionário.

²⁸ Dado colhido em meio ao reconhecimento dos militantes quanto às lideranças através do *survey* que realizamos em 2010, e quanto ao reconhecimento de lideranças sobre outras lideranças por meio das entrevistas para análise de redes, entre 2010 e 2011.

²⁹ Hoje, Evaniza Rodrigues não mais ocupa tal cargo, tendo retornado à sua organização de origem do movimento, na qual atua ativamente.

³⁰ Centro de Estudos de Opinião Pública da UNICAMP. Disponível em: www.cesop.unicamp.br. Acesso em: 07 jan. 2015.

³¹ Para maiores detalhes, consultar TATAGIBA, L.; PATERNIANI, S. Z.; TRINDADE, T. A. *Ocupar, reivindicar, participar...*, in: Opinião Pública, Campinas, vol. 18, nº 2, novembro, 2012, p. 399 – 426.

Dentre as perguntas abertas, formulamos uma específica para compreendermos quais as lideranças mais identificadas: “quem são para você as principais referências no movimento de moradia hoje (ou seja, pessoas que têm liderança, que falam pelo movimento e que estão à frente das lutas)?”. 59,2% dos entrevistados citaram lideranças amplamente conhecidas; 11,6% citaram apenas lideranças da sua esfera local; 13,6% legaram às organizações e coordenações o caráter de liderança; 7,4% negam a existência de líderes no movimento, ou dizendo que não existe, ou atribuindo essa função a grandes categorias e figuras como o “povo”, “todos nós” ou o Lula; e 8,2% não sabiam e/ou disseram não conhecer nenhuma liderança.

Muito embora nossa amostragem retrate um âmbito específico do movimento de moradia em São Paulo agregado pela UMM-SP, ela respalda alguns dos pontos que salientamos anteriormente. Ao pensarmos que 73% dos entrevistados eram militantes delegados, ou seja, foram eleitos em suas bases para estar neste espaço de deliberação, é interessante verificarmos que nem todos reconhecem as lideranças mais consolidadas no movimento, pois são pessoas que deveriam estar mais integradas nas atividades do movimento. Dentre as pessoas que não sabiam, citaram apenas lideranças locais, grandes categorias (como “povo”, ou “o movimento”) ou organizações (como “MMC”, ou “toda a UMM”), 65% eram delegadas.

Isto é, a princípio, boa parcela dos militantes delegados deveria fazer parte de uma base mais integrada ao movimento, ou seriam no mínimo lideranças iniciantes, identificando facilmente líderes de grande circulação e com uma história conhecida no interior das organizações na luta por moradia. Entretanto, 34,5% dos delegados que participaram do encontro de alguma forma não reconhecem as lideranças pelos seus nomes.

Como dissemos anteriormente, o maior número de lideranças atua representando uma ou mais organizações do movimento de moradia. Esta atuação diversificada é apenas um dos indícios de que as lideranças centralizam muito as tarefas e conhecimentos, os quais não são difundidos entre os militantes. Sendo assim, o número expressivo de militantes que não reconhecem as principais lideranças que encontramos aliado às nossas percepções de campo revela: 1. Mesmo no caso de militantes interessados que participam ativamente deste tipo de encontro, não chegam informações do

cotidiano político do movimento, como quem são os membros de coordenações ampliadas; e/ou 2. Há uma descentralização dos militantes no movimento, pois apesar dos esforços das lideranças mais centrais e das organizações agregadoras em articular as lutas, as dinâmicas de militância e recrutamento ainda são mais intensas nas esferas locais; e 3. Alguns poucos militantes realmente negam a existência de lideranças no movimento, por considerarem esta existência um problema, conforme falas dos militantes Jair³² e Neide com quem conversei durante a realização do *survey*:

“Já veio uma moça aqui de vocês com papel perguntando de liderança...isso aí de uma pessoa mais que outra num pode, entendeu? Cada um aqui faz coisas, mas tudo é o movimento.” Jair (delegado eleito para participação no encontro - 17 mai. 2009).

“É isso que eu acho... tem pessoas que falam mais, mas tá todo mundo no mesmo barco aqui... isso de liderança, eu acho que não tem que ter muito.” Neide (militante - 15 mai. 2009).

Apesar do número relevante de militantes presentes como delegados que não pôde identificar nomes de lideranças amplamente conhecidas, é importante salientar que, obviamente, a maior parte dos delegados – 72 entrevistados – conhecia um ou mais nomes e em alguns casos eram as mesmas. Já entre os militantes e convidados, 44,1% também reconheceram os líderes mais atuantes e renomados do movimento.

Para além dos diferentes patamares em que se encontram as organizações do movimento, e as diferenciações entre militantes e lideranças em seu interior, há uma terceira configuração importante dos níveis de atuação para compreendermos os distintos papéis que estes atores desempenham: trata-se da localização territorial dos principais líderes. Mesmo que muitos deles circulem, transitem e acumulem cargos maiores, entender onde estão identificados por suas bases facilita a compreensão de certas escolhas das alianças políticas, os conflitos e as distinções entre eles. Pensando em um mapa do município de São Paulo, podemos demonstrar as referências territoriais das principais lideranças da seguinte forma³³:

³² Os nomes de todos os militantes e lideranças citadas neste trabalho são fictícios para preservar a privacidade e a atividade política de nossos interlocutores. Excetuam-se as entrevistas e artigos já publicados por estes atores e que citamos aqui.

³³ Para a seleção das principais lideranças, utilizamos os nomes mais citados durante a pesquisa em análise de redes, e as respostas dos questionários do *survey*.

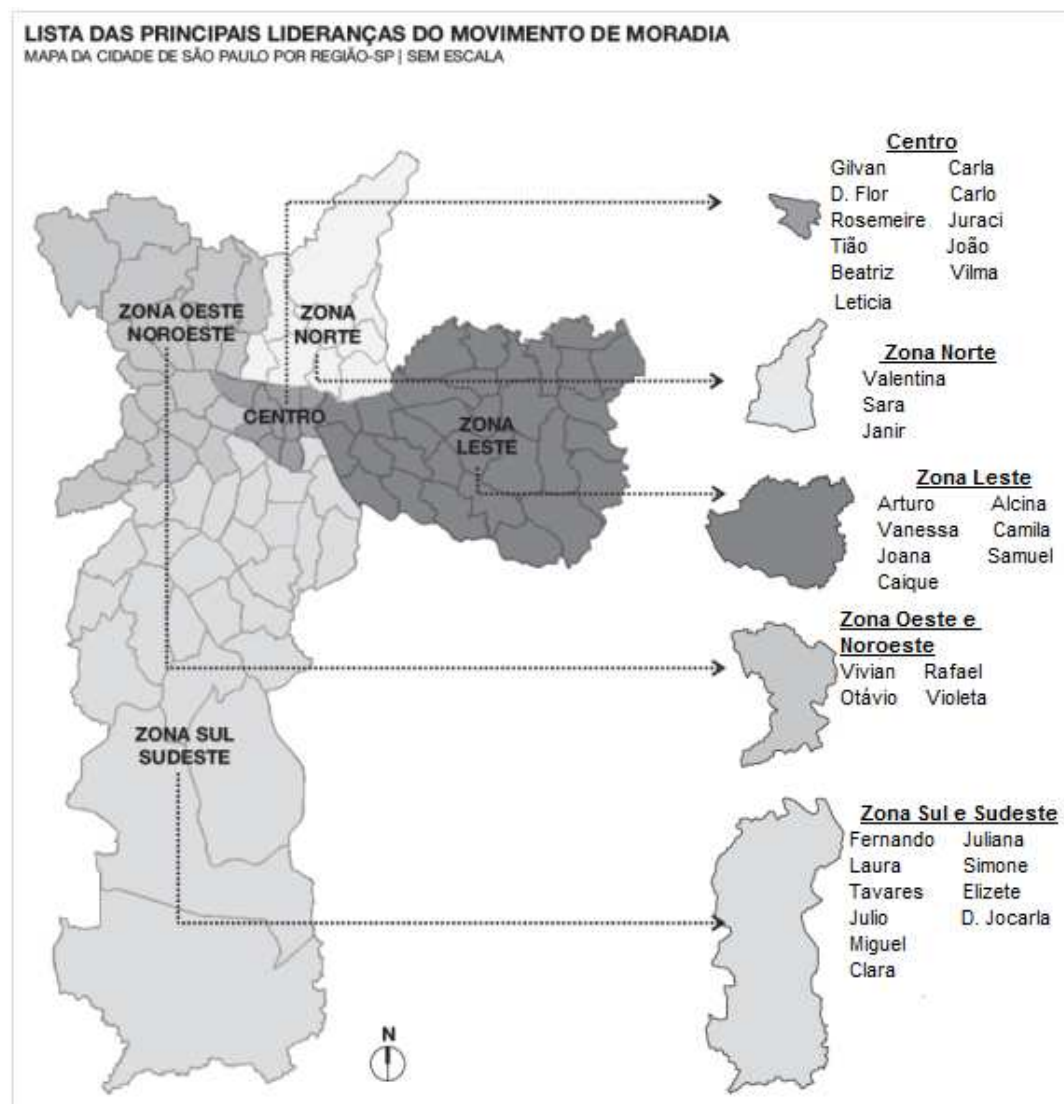


Figura 3 - Lideranças e a Cidade de São Paulo.

É notável a maior concentração de lideranças no centro expandido³⁴ da cidade de São Paulo, e isto se deve não só à fragmentação em inúmeras organizações do movimento na região, mas também às origens das lutas por moradia em meio aos encortiçados no centro da cidade. Somam-se a estes fatores a mais recente intensificação das mobilizações em torno da conquista da moradia digna no centro da cidade, tendo em vista:

³⁴ O conceito de centro expandido é bastante mobilizado pelas lideranças do movimento de moradia e compreende áreas ao redor do centro histórico de São Paulo, já bastante valorizadas pela especulação imobiliária. Fazem parte do centro expandido grandes fragmentos dos bairros: Ipiranga (sudeste), Vila Mariana(Sul), Mooca (Leste), Brás (Leste), Lapa (Oeste), Pinheiros (Oeste).

“que o direito à cidade é muitas vezes associado pela literatura acadêmica (e pelos próprios ativistas sociais) ao direito de morar nas áreas centrais, visto que os centros históricos das grandes cidades possuem uma ampla gama de equipamentos coletivos e infraestrutura urbana, em comparação às áreas periféricas.” (Trindade, 2012, p. 149).

Sem dúvida, trata-se da área em que as discordâncias e competições entre lideranças e suas respectivas organizações ficam mais evidentes em todos os espaços de debate e deliberação do movimento de moradia.

“Porque fazer movimento no centro, vocês sabem como é que é...tem que discutir o tempo todo com os companheiros de outros movimentos para lembrar quem faz o que.” J. (liderança consolidada e reconhecida) em fala durante reunião com outras lideranças de sua organização intermediária (03 mai. 2012).

“Olha, ainda tem gente de movimento aqui no centro brigando pra saber de quem foi a ocupação lá de mil novecentos e ‘lá lá lá’, sabe? Não é fácil.” T. (liderança intermediária) em conversa informal conosco após uma assembleia do MMRC (12 fev. 2012).

“Todo mundo veio do mesmo lugar aqui no centro, da ULC, todo mundo vem desde aquela época lá...daí já viu, né....um tempão....muita gente que brigou, que ocupou, que não fez, que sei lá o que...e isso divide mesmo.” M. em uma caminhada após assembleia do MMC (14 set. 2008).

Um dos outros pontos interessantes na observação deste georreferenciamento simplificado dos principais nomes, e em contrapartida às relações mais hostis entre as lideranças do centro, foi perceber como os líderes originados nos bairros das zonas norte, noroeste, sul, leste e oeste da cidade têm relações muito fortalecidas entre si em cada região. Mesmo que hoje façam parte de organizações diferentes ou de organizações maiores (intermediárias e agregadoras), estas pessoas construíram vínculos mais evidentes, inclusive de amizade.

Acreditamos que esses vínculos mais fortes derivam de um intenso processo histórico vivido pelo movimento durante as décadas de 1980 e 1990 com os mutirões autogestionários: construção de unidades habitacionais com mão de obra das famílias que usufruiriam das moradias e fazem parte de um movimento social; juntam-se a esta mão de obra recursos materiais e

assessorias técnicas fornecidas pelo Estado³⁵. Principalmente durante a gestão de Luiza Erundina na prefeitura da cidade de São Paulo (1989-1993), pelo PT (Partido dos Trabalhadores), muitos destes empreendimentos foram bem sucedidos e esta forma de luta muito bem quista e avaliada pelas lideranças que deles participaram.

Os mutirões revelaram um processo que dependia de uma grande convivência e trabalho coletivo, mas que também necessitava da ocupação de áreas vazias, não construídas nos bairros; o que claramente não se enquadrava como uma proposta geral para a realidade das disputas no centro da cidade, em que as lideranças precisaram encontrar outras perspectivas para suas conquistas. Perspectivas estas que possivelmente geraram sociabilidades mais desagregadoras ao mobilizar formas de luta como as ocupações, sempre citadas como elementos fundamentais para as discordâncias profundas e cisões entre organizações no movimento de moradia na região central.

Nos questionários de nossa pesquisa sobre a rede do movimento de moradia, pudemos verificar que as lideranças discernem pouco com juízos de valor mutirões e/ou ocupações (moradia no centro), ponderando o que seria melhor ou pior forma de luta. Entretanto, verificamos que lideranças que participaram ativamente dos mutirões nas décadas de 1980 e 1990 construíram mais e mais fortes relações, tornando-se mais reconhecidas tanto no interior do movimento como fora dele; enquanto as lideranças que se originaram no centro da cidade e não participaram destes processos tendem a ter relações mais localizadas nas organizações de que fazem parte.

3. Origens e formação de lideranças no Movimento de Moradia em São Paulo

Para além dos elementos teóricos na obra de Gramsci que nos orientaram a distinguir quem seriam lideranças, também existem inúmeros aspectos empíricos relevantes para esta distinção. O que podemos entender hoje como lideranças do movimento de moradia na cidade de São Paulo do

³⁵ Ver também: CAVALCANTI, 2000, p. 58-80.

ponto de vista mais empírico são os sujeitos que se destacam em meio às diversas militâncias na luta pela moradia. E com “destaque” queremos dizer uma diferenciação específica que se verifica: naqueles que em geral ocupam posições de coordenação das atividades do movimento, e nas suas diferentes organizações; naqueles que detêm maior tempo de fala nos ambientes públicos de deliberação do movimento; naqueles que são considerados mais capacitados para negociar com o Estado, ou dele fazerem parte; naqueles cuja elaboração discursiva sobre a conquista da casa abrange conflitos sociais mais amplos e complexos; e também, naqueles que conseguem de maneira habilidosa costurar as mais diversas relações políticas, construindo articulações, e mantendo aliados possíveis.

Esse conjunto de caracterizações, em geral combinadas na figura do líder movimentista, é o que nos permite dizer de uma diferenciação específica e/ou de uma posição de destaque de determinados atores. Tal diferenciação/destaque se dá principalmente em relação ao que se chama de “base” do movimento: o conjunto majoritário de sujeitos que são parte do movimento, no sentido de que dele participam e nele tem voz, mas que por diversos motivos não são reconhecidos como lideranças. O que resta saber mais pormenorizadamente é qual a origem dessa diferenciação, qual o processo ou os processos que em geral fazem com que um militante comum, ou “de base”, torne-se uma liderança.

Em nossa pesquisa de campo exploratória, detectamos trajetórias comuns nos processos de formação das muitas lideranças que conhecemos. Num plano mais geral, as lideranças começaram a ser reconhecidas neste papel quando passaram a assumir cargos de coordenadores em grupos e/ou nas reuniões locais, em seus bairros, para discutir problemas infraestruturais daquele território, ou mesmo as possibilidades de habitar dignamente aquela região. Dentre estes grupos e suas reuniões estão associações de moradores, “sociedades amigos de bairro”, ou mesmo comunidades religiosas. E com comunidades religiosas, salientamos sem dúvida, o papel das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica nas décadas de 1970 e 1980, que não apenas cediam seus espaços para essas organizações populares, como também por muito tempo contribuíram com a formação política ideológica delas, fazendo referência a conteúdos de igualdade, democracia e cidadania.

A participação ativa, a assiduidade e o comprometimento de alguns sujeitos nestes diferentes coletivos, fez com que a eles passassem a ser atribuídas não só as tarefas mais organizativas, como ser tesoureiro da associação, mas também a responsabilidade de circular informações e construir canais de diálogo político com seus conhecidos e vizinhos sobre as melhorias e necessidades do bairro a que pertenciam; tornando-se então coordenadores de seus respectivos grupos. Conforme diz Laura em entrevista:

“...comecei nas reuniões em 1984, na época eu tava casada com dois filhos e pagava aluguel, aí eu descobri que um bairro vizinho fazia reuniões e que as pessoas tinham conseguido casa, né. Então, eu pagava aluguel super caro, eu comecei a participar das reuniões para adquirir uma casa. Eu fui participando das reuniões, aí depois tinha um grupo que era coordenadora num bairro que chamava Vila Livieiro na região sudeste. Aí esse grupo assim, pela minha participação falou “não, acho que é legal a partir de hoje você ser coordenadora”, aí eu falava “não, não vou conseguir ser coordenadora porque eu...”, acho que na época sou, era super tímida e tal. Mas aí eu continuei a participar, aceitei a proposta e fui, nós éramos em cinco mulheres coordenadoras desse bairro. Aí depois teve uma eleição da sociedade amigos de bairro..” (LAURA, 2010, p. 1)³⁶.

Outra porta de entrada comum ao processo de formação das lideranças do movimento de moradia foi a atuação sindical, como destacam Laura e GG:

“nesse meio tempo eu atuava também na área sindical, que eu trabalhava em metalúrgica durante o dia e participava das reuniões à noite e no final de semana. E aí nesse meio teve uma eleição da sociedade amigos de bairro que chamava “Fasil” (?) na Vila Liviero, aí tinha um processo de eleição que tinha várias chapas e eu disputei a eleição como presidente da entidade, teve 1400 pessoas votando, na minha chapa teve 1200 e pouco, aí eu virei presidente da sociedade amigos de bairro. E aí (suspiro curto) mais coisas para fazer né, então tinha que reivindicar por taxa, nesse bairro tinha seis favelas, então com regularização fundiária, urbanização, e mesmo para as pessoas que não tinha casa e que pagava aluguel” (LAURA, 2010, p.2).

“Trabalhei em fábricas, em diversas categorias. Conheci as organizações clandestinas de militância política. Briguei muito por uma linha classista e fui expulso de uma dessas organizações. Passei então a atuar sistematicamente no movimento sindical. Militei então em várias categorias sindicais: vidreiros, coureiros, fui da

³⁶ Entrevista realizada com a liderança Laura, da UMM – SP.

direção do sindicato dos coureiros, na época do Skromov, tive uma ligação muito próxima também com a categoria dos gráficos...” (GG, entrevistado pela revista Crítica Marxista³⁷, p.154).

Em alguns casos, então, trabalhadores que se organizavam em sindicatos, também passaram a tomar conhecimento da articulação nos bairros, favelas ou cortiços em que moravam, e a frequentar estes dois espaços de participação concomitantemente, compreendendo diferentes papéis da atuação política.

Também é possível dizer que as ONGs foram focos importantes no processo de formação das lideranças conhecidas no movimento de moradia. ONGs como o Instituto FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo), o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, o Instituto Pólis e o Instituto Cajamar, intervieram de maneira determinante no cotidiano de luta por condições dignas de moradia que se estabeleceu nos anos 1980 e continuou nos anos 1990; seja assessorando técnica e juridicamente estes atores que começavam a se organizar, ou ainda promovendo cursos de formação política que reforçavam a importância da luta popular e dos direitos.

Em uma confluência entre associações, igreja, sindicatos e ONGs, encontra-se, por fim, o partido como uma via que potencializou os diferentes processos de consolidação das lideranças. Servindo como uma forte matriz político-ideológica que forneceu alguma coesão programática para a maior parte destas lideranças que são – e em geral sempre foram, durante sua militância, – filiadas ao Partido dos Trabalhadores (PT), mesmo que em diferentes tendências. A partir da contribuição de Secco, 2011, é possível entender melhor essa intersecção entre a configuração do movimento de moradia, suas lideranças e o PT, pois:

“o núcleo de moradia [do PT] era um espaço privilegiado de socialização política. A maioria dos núcleos da cidade de São Paulo se organizava por bairros. Não tinha sede e normalmente usava a igreja, a sede municipal do partido, ou a casa de alguém como local de reunião. As pessoas eram muito próximas, pois se conheciam do bairro” (SECCO, 2011, p. 83).

³⁷ Entrevista disponível em: <www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/ENTREVISTA.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2015.

Ficou evidente que a maior parte das lideranças conhecidas no movimento ainda hoje são aquelas cuja trajetória combina estes diferentes momentos das formações políticas, principalmente na década de 1980. E como formação política, denominamos um processo educativo contínuo que se inicia em meio ao engajamento político em um ou mais coletivos: movimentos sociais, partidos, instituições religiosas, ONGs, sindicatos, entre outros. Um processo, então, que estaria menos ligado aos ambientes típicos da educação formal – escolas e universidades –, mas sim extremamente relacionado com a prática política cotidiana, com as experiências compartilhadas entre os membros destes coletivos na tentativa de solucionar problemas, carências e angústias comuns.

Não há dúvidas de que nos momentos embrionários daquilo que compreendemos como movimento de moradia na cidade de São Paulo, as CEBs, as ONGs, sindicatos e mesmo grande parte dos membros do PT se pautaram muito nos fundamentos da educação popular elaborados e aplicados por Paulo Freire, com vistas a mobilizar, organizar e capacitar as classes populares³⁸ para a indignação crítica. Porém a realidade de todas estas instituições se modificou muito no decorrer da década de 1990, afetando diretamente as possibilidades das organizações do movimento construírem propostas específicas e mais consistentes para a formação de novos militantes integrados e quadros de liderança.

4. A questão da mulher

Em qualquer espaço do movimento de moradia, é possível perceber que a questão de gênero é de extrema importância para a compreensão das diferentes militâncias e atuações nele existentes. Assembleias, plenárias, atos, ocupações, coordenações das organizações do movimento: todos estes espaços são preenchidos em maioria visível por mulheres. No *survey* realizado pelo NEPAC em 2009 (TATAGIBA; TRINDADE; PATERNIANI, 2012, p. 405),

³⁸ FREIRE, Paulo (em entrevista a NOGUEIRA, Adriano). *Que Fazer – Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, 5ª ed., p. 19.

obtivemos o dado de que mais da metade dos entrevistados (57,8%) eram mulheres, o que corrobora com uma série de estudos sobre o movimento que já apontaram este elemento empírico flagrante:

“Você tá vendo, né, filha, só as mulheradas hoje no ato aqui (...) ah, o meu marido tá trabalhando, difícil ele vir...minha mãe também teve que ficar com as crianças, queria que ela viesse aqui também para tentar a casa dela...mas é só mulher mesmo, sempre....lá na reunião do grupo das Palmeiras também, quem cuida também é a Maria, mulher também, então você vê...tem uma foto aqui (mostra o celular e me pede ajuda para achar a foto)....” Conversa com a militante J. durante ato no Largo São Bento (10 nov. 2011).

“Melhor você falar com outra pessoa, moça, é sempre minha mulher ou minha mãe que vem nessas coisas do movimento...eu num vou saber responder isso aí, não.” Conversa com o militante P. em ato na frente da Prefeitura Municipal de São Paulo (30 abr. 2009 – teste de aplicação para realização do *survey*).

É comum, também, que as lideranças mulheres do movimento tenham tido diferentes formações feministas, seja em ONGs, na Pastoral da Mulher, ou ainda fazendo parte da Marcha Mundial de Mulheres que, aqui no Brasil, é bastante ligada aos setoriais de mulheres do PT.

“Só que acho importante diferenciar, na hora de eu conseguir a casa, comecei a participar de várias reuniões de formação, existia uma casa que chamava Casa Lilith, em São Caetano que fazia muita formação para mulheres, trabalhava na área da saúde, da adolescente, tudo isso. Daí eu comecei a fazer formação nessa casa Lilith, depois mudei, tem também a SOF [*SempreViva Organização Feminista*], Organização SempreViva Feminista, daí comecei também a fazer curso de formação na SOF na época porque eu achava que tinha muitas mulheres nos projetos e a gente via que as vezes era muito discriminada, muitas mulheres que era coordenadora na base, mas na hora dos cargos, acabava num ocupando um cargo, na hora que tinha reunião com o prefeito ou com o governador essas mulheres num entrava para a discussão, falavam para entrar só os homens e tal, e eu fui investindo nessa parte da formação, não só comigo mesmo participando, mas para outras, organizando também a formação na comunidade, na CMP [*Central de Movimentos Populares*], na União, para que as mulheres adquirissem mais confiança pra poder passar esse diálogo para fora né.” Entrevista com Laura (Liderança consolidada UMM – em 15 out. 2009).

“É importante sempre a gente se lembrar de articular essas coisas... feitas por nós aqui no movimento com as ações da Marcha Mundial de Mulheres porque a gente sempre atua junto.” Fala de Beatriz (Liderança do MMC – em 15 fev. 2012 – reunião de planejamento ocupação de mulheres para o 8 de março).

Já há algum tempo, parte das lideranças mulheres do movimento tentam inserir dentre as tarefas de suas organizações, atividades e discussões voltadas especialmente para as militantes mulheres, que são a grande maioria ativa das bases. É possível dizer que estas lideranças têm obtido sucesso e ganhado espaço para realizar seus projetos e incluir o feminismo na luta por moradia – como é o caso da criação da Secretaria de Mulheres na UMM, por exemplo, e de grupos de trabalho específicos para discussão das mulheres em algumas organizações intermediárias³⁹ e em fóruns maiores de deliberação do movimento, como Encontros Estaduais e Plenárias.

Em 2012, deparamo-nos também com algumas outras formas de reconhecimento desta importância central das mulheres nas lutas urbanas. A primeira destas formas foi a organização e realização de uma ocupação só de mulheres durante os protestos do 8 de Março. O processo de planejamento da ocupação se deu em meados de fevereiro do mesmo ano, entre as principais lideranças mulheres da região central, que pensaram uma ocupação rápida, mas que desse visibilidade à questão da mulher sem-teto. Acompanhamos uma primeira conversa para articulação da ideia no dia 15/02/2012, na qual estavam presentes Beatriz e Vilma (lideranças do MMC), Dona Olga e Dona Bernarda (lideranças do GARMIC (Grupo de Articulação para Moradia do Idoso da Capital – organização ligada à UMM que trabalha a questão da moradia com foco nos idosos), Cida e Maria (lideranças da ULC). Por fim, conversas e articulações possibilitaram a ocupação de um prédio particular abandonado de dez andares na esquina da Praça João Mendes com a Rua Quintino Bocaiúva, na região central, que levou à cobertura de parte da mídia no 8 de março⁴⁰.

Uma segunda forma de reconhecimento da centralidade da atuação das mulheres no movimento de moradia ocorreu no Encontro do Fórum Nacional de Reforma Urbana. Durante o encontro, além de uma oficina dedicada ao tema, reservou-se um espaço para o lançamento da revista A

³⁹ “A ULC faz um trabalho específico em direção às mulheres, discutindo sobre a autonomia delas e sobre a necessidade social em se romper com o machismo” (VERRI, 2008, p. 97).

⁴⁰ Notícias relacionadas em: <www.pt-sp.org.br/noticia/p/?id=10124>; <moradiapopular.com.br/2012/03/mulheres-e-o-movimento-de-moradia-sempre-unidos>; <ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/mulheres-sem-teto-invadem-predio-no-centro-de-sao-paulo/n1597669158904.html>; <www.estadao.com.br/noticias/cidades,mulheres-sem-teto-iniciam-dia-internacional-invadindo-predio-em-sp,845661,0.htm>. Acesso em: 07 jan. 2015.

*liderança feminina nas lutas urbanas*⁴¹, realizada por uma parceria entre a ONU, a Fundação Bento Rubião, a ONG Miserior e as lideranças mulheres de vários movimentos de luta por moradia no país – as quais deram seus depoimentos sobre o tema e figuraram a revista. Dentre elas se encontram três das principais lideranças do movimento de moradia em São Paulo: Graça, Evaniza, e Verinha, que têm contadas suas trajetórias e discorrem sobre o papel desempenhado pelas mulheres no movimento de moradia:

“Um dia, uma integrante da Central de Movimentos Populares (CMP), Maria de Fátima Costa, perguntou à Laura porque ela não juntava o trabalho com mulheres à luta por moradia. Em pouco tempo, Laura se viu retratada em uma revista de esquerda como “liderança feminista”. Ao longo dessa história, o casamento de Laura entrou em crise, ela se separou, voltou a estudar, terminou os supletivos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, fez a Faculdade de Direito, uma especialização em Políticas Públicas na PUC, um curso de Direitos Humanos no Equador e outro no Uruguai. Além disso, mergulhou para valer nas questões sobre direitos humanos, sempre do ponto de vista da cidade, até ser convidada a ser a representante no Brasil para questões de mulheres e moradia da Coalizão Internacional do Habitat, posto que ainda ocupa.” Sobre Graça (Liderança consolidada – UMM/ Região Sudeste; *A gente não quer só comida*, in *A liderança...* 2011, p. 31).

“Somos mulheres atuantes nos movimentos populares, líderes em nossas comunidades, que estamos tanto em movimentos mais amplos, quanto nos que tratam de questões específicas, onde atuamos mais territorialmente. Fomos criadas no tempo da escassez. (...) A participação deve se dar em todos os momentos, da definição à implantação das políticas públicas. Na definição de urbanização, no desenho do espaço. Se não tiver perspectiva de gênero esse espaço vai ser desenhado à luz da reprodução do que a cidade já é, sem preocupação com essas questões, que excluem a mulher do espaço público.” Fragmento do artigo de Evaniza Rodrigues para a revista (Liderança consolidada reconhecida nacionalmente – UMM/ Zona Leste; *Nós somos a contracultura*, in *A liderança...* 2011, p. 16).

“Dentro do nosso movimento, hoje, 90% são mulheres”, diz. A gente não tem nada contra os homens. Mas as mulheres parecem ter mais persistência, garra, perseverança. Esse espaço de luta foi consolidado na nossa região pela vontade da mulher de fazer as coisas.” Verinha (Liderança consolidada – UMM e organização na

⁴¹ *A liderança feminina nas lutas urbanas*. Fundação de Direitos Humanos Bento Rubião. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: pt.scribd.com/doc/110253832/A-Lideranca-Feminina-nas-Lutas-Urbanas. Acesso em: 07 jan. 2015.

zona oeste-noroeste; *A gente não quer só comida*, in *A liderança...* 2011, p. 31).

Embora estudos apontem a atuação predominante de mulheres no movimento de moradia e nos movimentos populares em geral (NEUHOLD, 2009; BLOCH, 2002), poucos se debruçaram sobre a questão⁴² para documentá-la de maneira mais abrangente, e a revista construiu uma coletânea bastante interessante, mostrando muitos dos desafios superados pelas mulheres em meio aos movimentos. E para ilustrar estas superações, recuperamos mais um trecho do artigo de Evaniza para a revista supracitada e outro da entrevista que realizamos com Laura:

“Hoje, nós mulheres, participamos de várias instâncias institucionais responsáveis pela política pública de habitação. Do Conselho Nacional da Cidade, do Conselho Municipal de Habitação, do Conselho Estadual. Sem dúvida, grandes conquistas. Mas isso não basta. É preciso saber o que está por trás de cada pessoa onde cada organização que assume seu papel no Conselho. O que acumulamos de força, de propostas é o que temos para colocar perante o poder público (...).

Trabalhar para que haja uma política de moradia em áreas consolidadas é uma contribuição específica das mulheres que têm esse olhar que permite olhar o todo, sem deixar de enxergar o que está a seus pés. Com a perspectiva de melhorar participamos de oficinas de capacitação, reuniões na prefeitura e na comunidade” (RODRIGUES, Evaniza. *Desafios...* 2011, p. 17).

“Ah, melhorou bastante. Porque hoje, por exemplo, a maioria das mulheres, tanto na União quanto na CMP, na direção, são mulheres hoje. E hoje não tem mais aquela história de ser os homens que dá a frente do trabalho, hoje não, você tem a agenda, se for com o presidente da república, com o governador ou com o prefeito, tanto faz as mulheres, quanto os homens, todos têm a mesma capacidade de ir, de dialogar, e as outras pessoas respeitam o diálogo. Mesmo quando tem as grandes manifestações, na maioria das vezes somos nós que compomos os carros de som, aí depois entramos para a negociação, aí tem toda a conduta, fazemos tudo isso né. Então isso fez com que mesmo nos movimentos diminuíram o nível de violência doméstica né, porque você vai fazendo a formação, no movimento o encaminhamento da formação e também o empoderamento mesmo né nas coisas que dizem tanto respeito à moradia, mas também a outras coisas, como saúde, educação, também reivindicando e exigindo os direitos” (Entrevista com Laura, 15 out. 2009).

⁴² Apenas os trabalhos de ARIENTE (1998), e de VERRI (2008) que citaremos pontualmente neste item.

É interessante notar que embora muitos dos obstáculos tenham sido vencidos por estas lideranças, possivelmente a participação majoritária de mulheres no movimento de moradia em São Paulo retrate uma realidade ainda muito machista da cidade, conforme Manifesto da Frente de Mulheres pelo Direito à Cidade:

“O modo como as cidades contemporâneas têm sido discutidas negligenciam a dimensão das mulheres e sua experiência urbana. A segregação, os problemas socioambientais, pobreza e violência urbana são apenas uma das formas de caracterizar as consequências do modelo de desenvolvimento urbano excludente das cidades brasileiras. O processo de desigualdade de gênero não deve ser menosprezado, pois as mulheres são as mais vulneráveis aos riscos sociais em uma cidade, principalmente mulheres jovens e negras. O espaço público é um desafio todos os dias para nós, no transporte público precário, na calçada mal iluminada, nos becos. Num lugar que parece não nos pertencer. Às dificuldades do acesso ao trabalho soma-se a ausência de creches e serviços públicos adequados. Ir ao trabalho ou procurar um emprego se torna um desafio todos os dias. Além disso, são as mulheres chefes de família que estão em maior número em bairros periféricos, favelas, assentamentos precários sujeitos às enchentes ou ainda com sistema de saneamento ambiental precário” (*Mulheres pelo direito à cidade. Frente de Mulheres pelo Direito à Cidade, in A liderança feminina nas lutas urbanas*, 2011).

Segundo Verri (2008, p. 165):

“dentre as categorias que compõe o movimento de moradia, as mulheres são as primeiras a serem atingidas pelas crises e reestruturações do capital. (...) discriminação salarial, de desemprego, ou de precarização da situação profissional; do trabalho não declarado: sem condições de higiene e segurança; sofrendo também o estigma provocado pela violência masculina em casa e/ou nas ruas”.

Neste sentido, as mulheres são um dos setores que encontram as maiores dificuldades no acesso aos equipamentos urbanos. Além disso, sua participação nos espaços do movimento pode significar uma terceira ou quarta jornada de trabalho em relação a seus companheiros de luta, ou ainda que essas mulheres não conseguiram estabelecer independência financeira quanto às famílias patriarcais que vivenciam, restando a elas as tarefas do movimento enquanto seus cônjuges trabalham fora do ambiente doméstico.

“Aí entra a questão de gênero novamente, da mulher que participa. Essa mulher acaba tendo que superar várias outras limitações.

Os limites da organização familiar, das relações com os filhos, com o marido, com as obrigações do lar. E também com a imagem pública que ela vai ter junto à família, aos que são próximos a ela, ao ciclo de amigos e à vizinhança. 'A casa dessa mulher é uma bagunça porque ela não para em casa'; 'Essa mulher não assume as obrigações da casa!' (RODRIGUES, Evaniza. *Desafios...* 2011, p. 17).

"No movimento por moradia, a grande maioria é de mulheres; talvez devido à responsabilidade com os filhos (...) A gente calcula quanto tem para pagar o aluguel, comprar a comida, quanto falta para roupa, sapato, material escolar. As mulheres não pensam em uma coisa só, nem apenas para o dia de hoje. Elas planejam: dia tal vou precisar ter esse dinheiro, quanto tempo vou levar para juntar aquele valor." (XAVIER, Graça, *Desafios para a implementação da plataforma feminista no campo do direito a cidade*, in: *A liderança...* 2011, p. 30).

Ademais, verificamos em muitos momentos os fatores limitantes da atuação das mulheres nos espaços dos movimentos, pois as falas entre lideranças mulheres e homens em geral não estão em equilíbrio numérico e de tempo; bem como o respeito à fala das mulheres pelo(a)s militantes em geral não é equivalente ao direcionado a da dos homens.

"É nítido que ao menos as pessoas próximas a nós tem pouca paciência com a fala do Gilvane seu teor político, também porque ele praticamente monopoliza as falas da assembleia. Mas o burburinho aumenta consideravelmente sempre que as lideranças mulheres assumem a posse do microfone." Registro de Campo (Assembleia do MMC – 14 set. 2008).

"acompanho o debate do grupo de trabalho sobre juventude (...) O que me surpreende no debate ao fim, é que das oito mulheres presentes, apenas uma se sentiu a vontade de falar e acompanhada a sua fala vieram risos, cochichos, conversas paralelas. Lembrar de que ela não falou nada absurdo, pelo contrário, fez uma fala séria sobre o bairro, de maneira muito compenetrada no assunto, apesar desse burburinho. As falas do André que coordenou o grupo, seguiram sem nenhum tipo de interferência, entretanto." Registro de Campo (Encontro Estadual UMM – 16 mai.2009).

"Durante a fala da liderança G. (possivelmente uma liderança mulher intermediária), as famílias demonstram muita impaciência, olham para o teto, para o chão... Acredito porque em parte o tema da falta de assiduidade deva constranger os participantes. A cena muda quando o T. (liderança masculina) assume a fala, parece que todos aguardavam a fala dele, que aquela sim valia..." Registro de Campo (Assembleia do MMRC – 12 fev. 2012).

"sinto um desconforto muito grande durante a fala de uma liderança mulher que veio representar a zona oeste, ela tenta transmitir um

informe com dificuldade, porque D. (liderança consolidada e masculina) permanece interrompendo a fala dela, como se ela estivesse falando coisas ridículas e enfadonhas, sobre as quais ele precisa ensiná-la..." Registro de Campo (Plenária da UMM – 11 fev. 2012).

"o carro de som permanece durante todo o ato. Como de praxe ninguém pareceu se atentar muito às falas, mas senti que houve um riso geral com algumas caretas dos presentes durante a fala da M. (liderança feminina)... e não, ela não disse nada engraçado, não houve falhas no som, ou problemas com a voz...durante as falas do Tavares, do Carlo, do Júlio e do Rafael, tudo transcorreu normalmente." Registro de Campo (Ato no Largo São Bento – 10 nov. 2011).

"resolvi, enfim, acompanhar a oficina 'Conflitos Urbanos e Direito à Cidade'. No dia anterior, na abertura do encontro, notei que quando as mulheres tomavam o microfone mudava o comportamento da plateia. Resolvi observar isso novamente, agora nesse grupo maior e novamente foi possível constatar o aumento do burburinho quando as questões eram formuladas por mulheres." Registro de Campo (Encontro do Fórum Nacional de Reforma Urbana – 16 mar. 2012).

Soma-se a isto uma espécie de distinção que existe na atribuição de tarefas: como a cozinha e a limpeza das ocupações estarem a cargo apenas das mulheres, ou o cadastramento das famílias da organização ter que ser feito por uma coordenadora mulher que costuma ser vista como mais "organizada" e assídua do que os coordenadores homens. Como já analisou Verri: "A divisão sexual do trabalho também existe nos movimentos, com a repartição de tarefas consideradas 'femininas', como a cozinha ou a costura, levando-as a multiplicar as tarefas e o tempo dedicado ao trabalho pelo coletivo" (VERRI, 2008, p.168). Em todas as assembleias e ocupações, são as mulheres que se encontram com os cadernos de presença e cadastro das famílias, são elas que organizam as falas das bases nas reuniões com atenção, que se preocupam em delegar, dividir tarefas e receber aqueles que chegam.

"mas, a Mauá é uma ocupação que já tem um tempo grande... as famílias já tem cada uma o seu ritmo de viver aqui...se tem uma festa, uma coisa de todo mundo...é verdade que as mulheres tocam mais a frente sim, elas são em mais com os meninos [entendo como as crianças] todos...tem uma vontade de fazer por eles também." Visita à ocupação Mauá e conversa com o T. (Liderança masculina do MMRC – 16 mar. 2012).

"Entro no prédio e me deparo com a maioria de mulheres, como sempre: mulheres na portaria, nas escadas, nos andares que

subimos...em um determinado andar há duas mulheres, um homem (um dos primeiros que vejo), e algumas crianças e K. diz 'é difícil, as crianças perguntam se elas vão morar aqui e a gente tem que explicar que não, que essa ainda não é casa', pergunto quem explica, ela diz que geralmente ela ou outras coordenadoras do movimento falam com as mães para que elas falem com as crianças, porque são sempre elas que tem essa paciência de saber lidar com o sofrimento das crianças depois de sair de mais um prédio." Relato de campo visita a uma ocupação do edifício Cineasta no centro do conjunto de ocupações de nov. 2011, conversa com K. (possivelmente liderança intermediária mulher do MMC – 10 nov. 2011).

"entramos no prédio, que fora também um hotel, como o da manhã. Na portaria alguns homens, uns mais jovens. Em seguida T. nos leva à cozinha, à esquerda da entrada...muito limpa, verduras e legumes todos organizados e picados, prontos para a necessidade da próxima refeição...e uma mulher sentada ao centro, bastante atarefada, mas muito simpática, conversa conosco. Quando estamos saindo pergunto para ela quem faz a comida, como é o processo...ela me diz que todos tem que ajudar, mas a mulherada principalmente que ajuda porque já sabe fazer e num atrapalha, porque se deixar os 'marmanjos fingem que tão picando um tomate, mas arranca uns pedaços". Na saída observo o processo de limpeza, só mulheres com baldes, panos e vassouras...um homem com um balde, mas diz que ele vai ajudar a carregar os baldes porque ele é mais forte para poder subir os andares durante a limpeza" Visita à segunda ocupação da jornada das ocupações de nov. 2011 (10 nov. 2011).

De todo modo, é importante destacar conquistas desta maioria ativa de mulheres. Em primeiro lugar dentre as mais citadas pelos envolvidos com o tema, tanto em conversas, entrevistas, como em publicações está o registro legal das unidades derivadas de programas habitacionais do Estado serem realizadas hoje preferencialmente no nome da mulher; o que acontece por exemplo, com as unidades do Programa "Minha Casa, Minha Vida" do governo federal⁴³.

No âmbito mais geral, é possível constatar que a partir do momento da entrada de uma mulher no movimento ela se entende como parte de um coletivo maior e "ao ser tratada como companheira de luta, a mulher acaba se sentindo mais digna de respeito e com direitos a serem reivindicados" (ARIENTE, 1998, p. 9). Sem dúvida, para estas mulheres há um alargamento das possibilidades de compreensão do mundo e de suas vidas, conforme prossegue a autora:

⁴³ Disponível em: <www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/03/08/minha-casa-minha-vida-muda-no-dia-da-mulher>. Acesso em: 07 jan. 2015.

“mulheres que sofrem discriminações no trabalho ou violência física em casa podem passar a questionar a realidade a partir da vivência coletiva. A subjugação pode não ter mais lugar em suas vidas após a participação, num movimento social (...). A inserção no grupo pode fazer com que elas se percebam como sujeitos e assim modifiquem suas vidas privadas” (Idem, p. 17).

As modificações nas vidas das mulheres nas organizações do movimento de moradia, e principalmente das que nele se tornam lideranças, faz com que muitas delas entrem em contato com as temáticas do feminismo, ampliando sobremaneira sua formação política.

5. Conflito intergeracional

Um último aspecto interessante intimamente ligado à questão das lideranças no movimento de moradia é o conflito intergeracional nele presente. Com a terminologia “conflito intergeracional” queremos destacar que há um embate entre o que há de mais recente e aquilo que permanece conservado no movimento estudado. Como visto anteriormente, sabemos que as lideranças em destaque no movimento hoje, em geral, são as mesmas que já atuavam na luta por moradia há, no mínimo, vinte ou e vinte e cinco anos. Isso indica que há um processo de consolidação das lideranças, um tipo de permanência que acarretou certa não renovação de quadros dos militantes⁴⁴.

Esta não renovação de quadros pode estar relacionada a diversos fatores. Em geral, as lideranças se queixam da falta de espaços de formação política, seja a partir da iniciativa do próprio movimento, ou de fora dele em espaços como partido, ONGs e a universidade. Isto porque as lideranças com as quais conversamos e entrevistamos não têm considerado os espaços de organização, deliberação e ação do movimento como formação política. Caso contrário, poderiam considerar com mais frequência ações direcionadas aos militantes mais jovens que se aproximam do movimento junto à família na luta

⁴⁴ É importante notar que o envelhecimento de bases e lideranças também tem sido diagnosticado por outras análises de e por diferentes movimentos sociais e sindicais. Ver também: SILVA, K.M.; TAVARES, E.M.; MACHADO, C.L.B. *Educação popular do campo e envelhecimento nos movimentos sociais*, X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

por moradia digna. Estes espaços estão pensados nos mesmos moldes há bastante tempo, e para um público - que embora não exatamente o mesmo -, aprendeu a encarar sua participação militante como parte de um conjunto de obrigações, as quais não necessariamente, incluem a presença dos jovens no movimento e seus possíveis interesses.

Além disso, as lideranças apontam para o envelhecimento das bases militantes, devido ao aumento do número de idosos e/ou aposentados no movimento. Este é um dado que salta aos olhos em meio ao campo, tanto em nossas visitas a ocupações, como em assembleias e reuniões de bairro. Fato é que organizações do movimento, como o GARMIC, tem ganhado força e constituído importantes lideranças. Não obstante, diversas lideranças auxiliares das coordenações de grande parte das organizações do movimento são idosas.

Isto ficou bastante claro para nós, quando iniciamos o Curso de Formação de Lideranças, em parceria com o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos e com as principais lideranças do movimento de moradia atuantes nas organizações do centro de São Paulo (MMRC, ULC, MMC, GARMIC, e MSTC). Nosso objetivo geral com o curso era capacitar pessoas que exercem função de coordenação de grupos de base ou grupos de origem de cada Movimento, visando a oferecer ferramentas para que elas pudessem trabalhar com sua base, representar o movimento diante da sociedade e do poder público e contribuir para a organização do Movimento de Moradia como um todo.

Em meio ao processo de construção do curso, as lideranças puderam indicar alguns nomes de pessoas de sua organização que julgavam ser potenciais lideranças, isto é, coordenadores que nunca participaram de processos de formação ou membros das bases mais integrados à dinâmica do movimento. Enfatizamos que esse seria o momento propício para que militantes mais jovens tivessem a oportunidade de experienciar a história e os parâmetros político ideológicos do movimento. Embora, as lideranças tenham citado e concordado conosco em reunião que seria importante a presença de jovens em encontros como aqueles que estávamos propondo, não foi com um grande número de jovens que contou o decorrer do Curso de Formação. As lideranças, em sua maioria, optaram por incentivar a participação de militantes

e coordenadores mais antigos no movimento, em parte, idosos, que predominaram durante os encontros.

Outro importante fator para que as lideranças não reconheçam os espaços do movimento como lócus de formação é porque atribuem de antemão essa tarefa a outros atores essencialmente importantes na formação que tiveram anos atrás, como o partido, a igreja e as ONGs.

“é claro que formação que nem a dos anos 80 que a gente fazia, ninguém vai ter mais...a formação que o PT fazia, que a FASE fazia...isso hoje num vai dar pra fazer mais.” F. (liderança consolidada da UMM durante reunião de elaboração do curso de formação – 15 fev. 2012).

“não acho que movimento tem que dar a formação...quem tem conhecimento de algo é que pode formar alguém...a gente sabe fazer a luta...mas vocês da universidade, das ONGs é que são bons nisso...’ Questiono se ela num acha que a luta também forma: ‘formar, forma, agora, num é uma formação política assim que nem tem na faculdade...que nem tem no partido também...é outra coisa.’” V. (liderança da UMM, em conversa após reunião de coordenadores – 13 fev. 2012).

“o que eu digo de formação é assim: tem que ir pro partido...o movimento dá uma coisa assim...pequena do que tá acontecendo...com a cartilha da moradia, do mutirão, do despejo... o partido não...te faz ver o resto todo.” N. (liderança do MMC em conversa rápida após plenária da UMM – 11 fev. 2012).

Ademais, verificamos uma valorização crescente da educação formal em meio às lideranças mais consolidadas, as quais atualmente tem uma demanda técnica maior nas negociações com o Estado, que geram espaços onde o conhecimento de procedimentos legislativos típicos do direito e da gestão pública é acionado recorrentemente.

De todo modo, o que parece ser o aspecto mais revelador neste sentido é a ausência marcante de jovens entre 15 e 30 anos povoando os espaços do movimento. Em mais um dado derivado de nosso *survey*, foi possível observarmos, conforme a tabela a seguir (TATAGIBA; TRINDADE; PATERNIANI, 2012, p. 405), a grande predominância de adultos entre 40 e 59 anos de idade.

Tabela 1 - Idade dos militantes

Idade dos militantes entrevistados		
Categorias	N	%
Menor de 18 anos	02	1,4
18-29 anos	21	14,3
30-39 anos	28	19,0
40-59 anos	75	51,0
60 e mais	20	13,6
NR	01	0,7
Total	147	100,0

Fonte: Pesquisa Movimento de Moradia, 2009.

Reiteramos que nossa amostragem tinha como embasamento um número expressivo de militantes delegados (73%), ou seja, eleitos em suas organizações para participarem do Encontro Estadual da UMM – SP – o que indica um recorte preenchido predominantemente por lideranças em diversos níveis e por membros da base mais integrados à dinâmica do movimento. Trata-se de um recorte que elucida, então, apenas 15,3% de jovens até 29 anos – em contraste com 83,6% dos entrevistados entre 30 e 60 anos ou mais.

Tão logo neste mesmo encontro em que realizamos o *survey*, uma preocupação com a ausência de jovens e com a não renovação de quadros começou a ser evidenciada por várias lideranças, adquirindo voz no interior do movimento.

“a liderança de nome Arturo (Zona Leste) passou os três dias de encontro falando sobre como o movimento está envelhecido e da necessidade de formação de novas lideranças porque ‘tá todo mundo ficando velho, esse movimento vai morrer’. Na plenária final, ele pede exasperado uma fala e diz ‘a gente num pode sair daqui sem fazer nada pela formação de gente nova’, a mesa propõe a criação de uma Secretaria de juventude para debater melhor o tema, o que já era esperado após o GT juventude. A proposta ganhou com unanimidade a votação da plenária.” Relato de campo (Encontro Estadual UMM, 17 mai. 2009).

“o André (MDF), discorre longamente sobre as experiências com os jovens nas comunidades em que ele tem trabalhado. O tom da conversa é sobre o que os jovens podem fazer para evitar a marginalidade...esporte, arte, mas pouco se diz sobre estar no movimento, quando ele pergunta aos demais suas experiências começam a surgir mais coisas, um rapaz (parece ter uns 17 anos-centro): ‘sou eu sempre que vou com a minha mãe nas reuniões lá do grupo da moradia e eu num sei muito ainda, mas dá pra ver que o sistema é safado com a gente (todos riem)’...Outro (parece ter uns 25 anos- zona leste) diz: ‘o que eu sei é que ter uma moradia é básico, né...lá no bairro agora, o André viu, a gente faz umas coisas

legais'...a conversa segue um pouco nesse tom, ninguém entra muito em detalhes porque o tempo é curto, precisam fechar as propostas para encaminhar à plenária. A maior proposta que parecia já ter sido pensada pelo André seria organizar um encontro só com a juventude do movimento, todo mundo concorda.” Relato de Campo (Grupo de Trabalho sobre Juventude – Encontro Nacional UMM, 16 mai. 2009).

Uma preocupação que apesar de pouco debatida naquele momento, foi compartilhada e com votação por unanimidade, criou uma Secretaria de Juventude para a UMM, cujo primeiro seminário aconteceu em setembro de 2011.

Segundo uma das lideranças da UMM, o Seminário estadual contou com a presença de aproximadamente 80 jovens, e contou com mesas temáticas e uma conferência livre que deliberou sobre a coordenação da secretaria lançada em 2009. O Seminário foi organizado principalmente por 4 jovens: Silvana (MMC), Jackson (Baixada Santista), Gabrielle da Zona Oeste e o Giuliano do MDF. A idade geral desses jovens coordenadores está entre 23-29 anos. A liderança ainda complementou dizendo que se não fossem boas e futuras lideranças para a UMM, “a gente não investia”⁴⁵. Todos eles são considerados “bons” para serem secretários de juventude da UMM porque já ocupam cargos de coordenação na entidade, “falam bem, estão sempre por aqui nas reuniões do movimento”. Outro detalhe importante é que todos estes coordenadores jovens já obtiveram formação política prévia também no Partido dos Trabalhadores, assim como outras coordenadoras mais jovens que conhecemos: a Amanda do MSTC (27 anos) e a Paulinha do MMC (26 anos), que começaram como militantes do PT, e em seu interior conheceram lideranças do movimento de moradia, passando a se interessar pelas ocupações e pelo tema da Reforma Urbana e, assim, a integrar o movimento. Dentre as lideranças consideradas jovens pelas demais no interior do movimento e que se originaram em meio à luta por habitação, podemos citar apenas duas: João (ULC/UMM), com 43 anos e Carla (MSTC/FLM), com 46 anos, ambos com uma média de 12 anos no interior do movimento, pouco tempo, perto da média de 25 anos das outras lideranças.

⁴⁵ Todas as citações entre aspas durante este trecho foram recuperadas da documentação feita em diários de campo e retratam fielmente falas de lideranças em conversas informais, e reuniões sobre o tema.

Por fim, é interessante notar que embora alguns jovens vivenciem as experiências do movimento na base, essa vivência está ainda longe de ser suficiente para que se estabeleçam novas lideranças no movimento. Embora as lideranças atuais se queixem do acúmulo de tarefas, é possível avaliar que dificilmente veremos uma articulação para transmissão e ensino das habilidades técnicas de liderança em um curto prazo, mesmo que os jovens dispõem com fortes iniciativas. Principalmente, porque boa parte das lideranças consolidadas têm atribuições diversas e intensas, faltando fôlego para mais esta empreitada. Resta legar essa tarefa a outras instâncias do conhecimento mais técnico, bem como valorizar ainda mais a formação atribuída ao Partido para considerar novas lideranças dele advindas.

Tal avaliação também deriva da verificação de um entendimento geral em meio às lideranças mais antigas do movimento de moradia de que “ser liderança é uma coisa que não se ensina”. Ou seja, muitas delas compartilham a ideia da liderança como algo essencializado e/ou natural do indivíduo, e não como um processo formativo.

“ser liderança é uma coisa que não se ensina, gente....ou nasce liderança, ou num nasce.” F. (Reunião para definições do curso de formação com as lideranças – 15 fev. 2012).

“tem que lembrar que liderança é que nem um dom que a pessoa tem...tem gente que é boa, gosta mais de falar com toda essa gente que você tá vendo aqui.” Conversa com a liderança consolidada R. (Encontro Estadual da UMM, 16 mai. 2009).

Isto se contrapõe a uma ideia ainda embrionária no movimento e que ouvimos de uma liderança atualmente consolidada, mas que, na condição de mais jovem e homossexual, teve dificuldades em ser reconhecida e que dizia “liderança não é mito, a gente tem que parar com isso, num tem uma distância que separa a gente dos outros...Eu estou aqui porque me formei para estar”.

Capítulo III – A liderança como relação: redes e centralidades no movimento de moradia em São Paulo

Dentre os diferentes obstáculos e condições para a formação de novas lideranças no movimento de moradia em São Paulo, observamos que as relações construídas pelos militantes e por suas organizações são determinantes para emergência e consolidação de novas lideranças. As relações das lideranças com sua base, com o Estado, com o Partido, com ONGs e com demais lideranças do movimento social estudado carecem de uma análise apropriada. Tendo isso em vista, visitamos a bibliografia que abarca a liderança como relação, e a análise de redes sociais como método. A seguir, elucidamos melhor essas incursões para em seguida analisarmos os recortes relacionais obtidos do movimento de moradia em São Paulo.

1. Indícios teóricos da liderança como relação

Além do marco teórico mais amplo fornecido pela obra de Antonio Gramsci – que já nos direciona a compreensão de liderança como interação política pautada por relações complexas e, assim, por conflitos com múltiplas dimensões a serem analisadas – outros autores demonstraram uma preocupação bastante próxima à nossa quanto ao entendimento da liderança como uma relação específica, ou como um conjunto de relações que é condição para sua existência, e/ou que a fortalece.

Partindo do diagnóstico de subteorização das questões referentes aos líderes em movimentos sociais, é possível dizer que uma das vertentes teóricas que mais trouxe a relevância do líder à tona foi a Teoria da Mobilização de Recursos. Esta relevância, embora ressaltada pelo viés da estratégia, já coloca em evidência a necessidade da construção de relações pelas lideranças junto ao que seriam agentes externos aos movimentos, com vistas a angariar variados recursos e alianças.

Isto é, no interior dos trabalhos pautados pela Teoria da Mobilização de Recursos⁴⁶ há o reconhecimento da importância do líder na criação e sustentação do movimento social de que faz parte. Uma vez que as relações com os “de fora” são vistas como fundamentais para o sucesso do movimento, a liderança assume papel estratégico como aquele que faz a mediação entre a organização e os seus apoiadores potenciais. Cabe aos líderes das organizações do movimento atuarem como empresários estabelecendo pontos com os “de fora” em busca de recursos considerados estratégicos, num mercado altamente competitivo (BUECHLER, 2000). Essa tarefa de captador de recursos produziria um alto nível de profissionalização e competição entre as lideranças das organizações de movimento social, que ao mesmo tempo em que cooperam, competem entre si (BUECHLER, 2000, p. 36). Nessa abordagem, os líderes aparecem como gerentes, administrando recursos e coordenando as ações das organizações do movimento (MCCARTH; ZALD, 1977).

Neste sentido, a ideia de liderança dentro das análises da Teoria da Mobilização de Recursos propõe evidenciar um cálculo estratégico inerente às relações que os líderes individualmente constroem e gerenciam, de acordo com os ganhos que os diferentes vínculos podem proporcionar. Ou seja, trata-se de um viés que enaltece o que seria uma “capacidade gerencial” das lideranças para avaliar as relações que constroem, e para demonstrar que estas relações tendem a se fortalecer mais em virtude da competitividade com

⁴⁶ A Teoria da Mobilização de Recursos (TMR) é uma corrente teórica para análise dos movimentos sociais que surge a partir de mudanças interpretativas que as ciências sociais norte-americanas vivenciaram nos anos de 1960, cujo embasamento inicial se encontra nas proposições de Mancur Olson e do individualismo metodológico (GOHN, 2004, p. 50). Segundo Alonso (2009, p. 52-53), “a TMR aplicou a sociologia das organizações ao seu objeto, definindo os movimentos sociais por analogia com uma firma. A racionalização plena da atividade política fica clara no argumento da burocratização dos movimentos sociais, que, gradualmente, criariam normas, hierarquia interna e dividiriam o trabalho, especializando os membros, com os líderes como gerentes, administrando recursos e coordenando as ações (McCarthy e Zald, 1977). Quanto mais longevos, mais burocratizados os movimentos se tornariam. A longevidade, por sua vez, dependeria da capacidade de os movimentos vencerem a concorrência. Isto é, vários movimentos podem se formar em torno de um mesmo tema, compondo uma ‘indústria de movimento social’, na qual haverá cooperação, mas também competição, em torno de recursos materiais e de aderentes a serem garimpados num mercado de consumidores de bens políticos. A TMR, portanto, avalia os movimentos sociais igualando-os a um fenômeno social como outro qualquer, dotado das mesmas características que os partidos políticos, por exemplo. A explicação privilegia a racionalidade e a organização e nega relevo a ideologias e valores na conformação das mobilizações coletivas”.

demais lideranças e organizações dos movimentos sociais, do que em virtude da cooperação que poderia haver entre elas.

Por outra perspectiva, a Teoria dos Novos Movimentos Sociais compreende a ação dos líderes a partir de uma chave mais ampla, em consonância com o papel crucial dos movimentos sociais no plano da cultura. Nesse sentido, afirma Melucci:

“Os processos de mobilização e a estrutura organizacional de um movimento é nutrida pela ação dos líderes. É a liderança que promove a busca de objetivos, desenvolve estratégias e táticas para a ação e formula uma ideologia. Tanto a inserção do movimento na sociedade, a lealdade e o envolvimento de seus membros, como o consenso dos diferentes grupos sociais, dependem de ações do líder” (MELUCCI, 1996, p. 332 – livre tradução minha).

Nesta interpretação, as relações de liderança não aparecem mais como as principais responsáveis pela sustentação e sucesso dos movimentos, mas sim como um conjunto de ações em várias frentes que alimentam a mobilização e a organização do coletivo. O autor pretende abarcar na ideia de liderança os elementos necessários para criação de coesão e do consenso nas bases e, para tanto, traça um enfoque relacional a fim de compreender as lideranças. Este enfoque se pauta, principalmente, em uma definição de liderança como interação, cujo fundamento “depende da capacidade de manter uma troca equilibrada com sua base de apoio, a qual lhe fornece legitimidade e lealdade” (Idem, p. 333). O foco está na relação liderança-base.

Nesta troca, ambas as partes (base e liderança) dão e recebem certos bens ou valores e, para tanto, a liderança deve cumprir um papel específico. Tal papel é caracterizado por algumas incumbências fundamentais: a) coordenação de objetivos e prioridades legitimada por uma ideologia; b) prover meios para a ação, o que inclui facilitar a divisão e articulação de tarefas; c) manutenção da estrutura do movimento e a respectiva garantia de interação e coesão entre seus membros; d) mobilização da base de apoio em busca de seus objetivos; e) manutenção e reforço da identidade do grupo (Idem, p. 339-340).

Logo, a investigação de Melucci acaba por privilegiar a dimensão cultural da liderança: os aspectos ligados à lealdade, à legitimidade, e à coesão entre os membros do movimento. Assim, privilegia, preponderantemente, os

elementos da liderança ligados à criação e ao reforço de uma identidade de grupo no interior das organizações movimentistas.

Cabe salientar até aqui que tanto a abordagem de Melucci, como a da Teoria da Mobilização de Recursos abarcam apenas dois dos aspectos possíveis das relações de liderança: por um lado, a atuação deles se encerra no interior do movimento e é ilustrada pela manutenção da coesão e da identidade política do grupo. E por outro, ela está muito ligada à obtenção de recursos públicos, sucesso, reconhecimento, legitimidade, isto é, ligada a setores sociais externos ao movimento, em referência aos quais o líder assume o papel de representante dos interesses de suas bases.

Esta dualidade entre atribuições internas e externas às relações de liderança tem sido questionada por outros trabalhos que não operam com uma distinção tão rígida das fronteiras entre o que seria interno ou externo ao movimento social. Em *O Papel do Líder Comunitário* (1995), Beatriz Herkenhoff assinala que a construção das lideranças, no caso que estuda em Vitória-ES, dá-se através de diferentes relações – relações com o grupo que representam, mas também com o Estado, Igreja Católica, ONG's, entidades profissionais, e segmentos da esquerda – segundo a autora:

“1) As lideranças surgem nas lutas cotidianas e são escolhidas por sua capacidade de articular e expressar a vontade do grupo; sua conduta é influenciada pela cultura de sua época e pela conjuntura local e nacional: às características pessoais dos líderes somam-se os fatores situacionais (...)

2) A identidade do líder se constrói na relação com o grupo e com o Estado. A conjuntura atual situa o líder num quadro em que vários grupos se inserem no campo da política e passam a disputar os recursos de poder existentes. A presença da Igreja Católica, das ONG's, das entidades profissionais, de segmentos da esquerda junto aos movimentos sociais contribuiu para a construção desta identidade. O fenômeno do crescimento e da ampliação das funções do Estado na sociedade também deve ser considerado, bem como a cultura autoritária brasileira” (HERKENHOFF, 1995, p. 56-57).

Herkenhoff se preocupa em trazer a consonância de vários dos elementos da formação de lideranças no Brasil para entender a liderança e suas relações, entretanto, ainda não traz uma tentativa de integrá-los. Ademais, a autora considera que as lideranças tendem a ser escolhidas através da capacidade demonstrada de articular ideias e demandas coletivas.

Como vimos anteriormente, no caso do movimento de moradia em São Paulo, as lideranças dificilmente surgem como escolhidas por sua base a partir da identificação de uma capacidade articuladora e de uma qualificada expressão da vontade coletiva. Porém parecem surgir através da quantidade de tarefas que assumem e informações que obtêm, para serem reconhecidas como coordenadoras por outras lideranças e se tornarem referência para a base. Isto é, em geral, muito antes de estabelecerem para si e expressarem conhecimentos sistematizados sobre as demandas coletivas do movimento, militantes do movimento de moradia já podem ser identificados como lideranças, pois possuem destaque e reconhecimento devido às tarefas e informações cotidianas que começam a concentrar, mesmo que involuntariamente em princípio.

Além disso, o papel do Estado, do Partido, das ONG's, e da Igreja Católica não se restringe apenas a uma presença ou a uma contribuição na construção da identidade dos líderes no movimento de moradia em São Paulo. Todos estes espaços, as relações que proporcionam e fortalecem são aspectos definidores da formação de lideranças do movimento, bem como de suas alianças e conflitos. Identificamos e demonstramos que há uma trajetória comum entre as lideranças que estudamos; tal trajetória se fortaleceu historicamente, pois percorre caminhos semelhantes desde a década de 1980, mas também se fortaleceu devido ao compartilhamento de diversas relações entre as mesmas lideranças. Relações com o PT, com a Igreja Católica, com ONG's foram amplamente vivenciadas pela maioria das lideranças do movimento de moradia e isto é e foi vital para a consolidação delas no desempenho de seus papéis até hoje.

Em seu estudo sobre o movimento estudantil no Brasil, Ann Mische (2008) aborda aspectos interessantes para compreensão destas relações multifacetadas das lideranças para ocuparem esta posição específica. Em primeiro lugar, é preciso identificar a posição dos indivíduos militantes na estrutura do movimento e em seu contexto de relações com demais indivíduos e instituições. Segundo a argumentação da pesquisadora é necessário, então, que os analistas de movimentos sociais revisitem os papéis dos indivíduos nos processos políticos vividos pelo movimento estudado e seus resultados históricos.

“Entretanto, estes indivíduos não devem ser examinados como isolados, atomizados, como atores independentes com ‘auto-iniciativa’, mas sim sob a luz do que conhecemos sobre a variedade de fatores estruturais que influenciam os movimentos. (...) Indivíduos em movimentos sociais não agem sozinhos; quase que por definição, eles atuam como parte de grupos mais ou menos organizados. E, em sua maioria, pertencem a vários grupos simultaneamente.” (MISCHE, 2008, p.38 – livre tradução minha).

Isto significa dizer que no âmbito dos movimentos sociais, é possível identificarmos que as orientações políticas e relações são intersetoriais, ou seja, derivam de múltiplas filiações que os militantes e lideranças aglutinem: junto às organizações de movimento social, ao partido, a Igreja, ou até mesmo junto a sua vizinhança, etc. No caso do movimento de moradia em São Paulo, devido à trajetória intersetorial comum de boa parte das lideranças, muitas relações e orientações políticas se sobrepõem, sendo extremamente corriqueiro que uma mesma liderança represente e responda por diferentes organizações em que atua, dentro da luta por moradia, ou não. Segundo Mische (2008, p. 29), isso ocorre porque com múltiplas formas de participação disponíveis em um mesmo campo, são construídas redes de ativistas densamente sobrepostas, nas quais se evidenciam as intersecções relacionais de que a política é composta. E para a autora a:

“política como um todo envolve uma mistura de cívico e partidário, de geral e especializado, de comum e particular. A textura e a qualidade da interação política é composta pelos meios nos quais os atores constroem essa mistura, ou melhor, deslizam acima e abaixo nos eixos dos quais as relações políticas são formadas. Os ativistas aprendem a fazer essa mistura e a deslizar diferentemente em contextos institucionais e relacionais específicos” (Idem, p.29 – livre tradução minha).

E os ativistas que melhor aprendem a deslizar, ou transitar entre relações e instituições diversas, destacam-se e fazem com que recursos de diversas ordens circulem mais pelas organizações de que fazem parte. Como observamos no capítulo 2, apenas dentro do movimento de moradia na cidade de São Paulo, a circulação de militantes e lideranças pode se dar de variadas maneiras. Uma liderança pode coordenar seu grupo de base e também fazer parte de uma coordenação executiva mais ampla na organização articuladora da qual seu grupo faz parte, etc. É também possível e comum, no entanto, que lideranças representem outras organizações para além das claramente

identificadas com o movimento de moradia: como ONG's, grupos religiosos, outras entidades mais amplas de movimentos sociais – por exemplo a Central de Movimentos Populares (CMP) –, ou até mesmo podem representar o governo e parlamentares.

Para algumas das lideranças do movimento de moradia, os aprendizados sobre os trânsitos entre múltiplas instituições têm já longas trajetórias, as quais propiciaram a consolidação de seus postos e um amplo e consensual reconhecimento de suas atividades por diversas organizações em diferentes níveis de atuação. Estas são as lideranças mais centrais que identificamos, e que Mische avalia como possíveis intersecções entre diferentes grupos: “o indivíduo pode ser reconhecido como a intersecção de todos os grupos aos quais ele pertence; como inversamente, grupos podem ser compreendidos como a intersecção de todos os seus membros” (MISCHE, 2008, p. 42-43 – livre tradução minha).

A partir daqui, abordaremos com maior profundidade a análise de redes sociais como metodologia aplicada ao caso do movimento de moradia na cidade de São Paulo para enfatizarmos a importância das relações para compreensão de liderança já apontadas pela bibliografia; mas, principalmente, para mapearmos a centralidade de algumas das lideranças que conhecemos neste campo. Isto, pois, a centralidade de algumas lideranças do movimento estudado está intimamente relacionada aos papéis que desempenham em diferentes organizações, assim como elucidam melhor alguns dos aspectos levantados no capítulo 2.

2. Rede de relações do Movimento de Moradia em São Paulo

Em 2010, junto à pesquisa coletiva sobre o movimento de moradia em São Paulo, o NEPAC verteu seus esforços para a formação de um grupo de estudos teóricos sobre redes sociais. A ideia de redes sociais para auxiliar análises sobre movimentos sociais e a preocupação em definir as relações políticas travadas por suas lideranças apareceu como uma tendência da bibliografia que não podia ser por nós desconsiderada.

O grupo de estudos percorreu parte importante da bibliografia internacional e brasileira sobre redes sociais – Emirbayer (1997), Diani (2003), Della Porta e Diani (1999, 2008), Marques (1998), Silva (2007), etc. Em seguida, o NEPAC se empenhou em aprender a análise de redes sociais como método, através de um curso realizado por uma equipe do CEBRAP ⁴⁷ e denominado “Introdução à análise de redes sociais”. Nosso intento coletivo era o de começar a encarar as redes sociais como possibilidade analítica ao nosso campo, então, passamos a planejar as estratégias de pesquisa para captarmos o que seria a rede do movimento de moradia em São Paulo, junto à consultoria de Graziela Castello⁴⁸, pesquisadora do CEBRAP com ampla experiência em análise de redes.

A concepção metodológica mais geral consistia em delimitar a rede de relações evidentes no interior do que chamamos de movimento de moradia na cidade de São Paulo. Nossa análise se iniciou por meio de um questionário semiaberto aplicado a 18 dentre as principais lideranças do movimento que conhecíamos. O questionário abordava desde características gerais do entrevistado – idade, vínculo empregatício e associativo, religião, tipo de moradia – até ferramentas de coleta de dados relacionais – questões que geram nomes de com quem o entrevistado se relaciona e que permitem a construção da rede. Naquele momento, devido ao trabalho em campo e aos estudos mais recentes sobre o movimento, acreditávamos que a forma mais fidedigna e ampla possível para abarcar as relações era a elaboração de uma mesma pergunta que variasse segundo quatro eixos de mobilização⁴⁹: as ocupações, moradia no centro para população de baixa renda, mutirões

⁴⁷ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Disponível em: <www.cebrap.org.br/v2/>. Acesso em: 07 jan. 2015.

⁴⁸ “Mestranda em Ciência Política pela Unicamp e pesquisadora do Cebrap desde 2002. Tem vasta experiência em análises sobre sociedade civil, representação política, accountability social e metodologias quantitativas, qualitativas e análise de redes. Atualmente desenvolve pesquisas na área de Segregação e Pobreza no CEM – Centro de Estudos da Metrópole (Cebrap) e nos setores de Saúde e Assistência Social, desde 2005, em parceria com o Institute of Development Studies – IDS, Universidade de Sussex – Inglaterra”. Informações sobre a pesquisadora disponíveis em: <www.cebrap.org.br/v2/researchers/view/31>, Acesso em: 07 jan. 2015.

⁴⁹ Como visto anteriormente, trabalhos como os de BENOIT, 2000; CAVALCANTI, 2006; NEUHOLD, 2009; e OLIVEIRA, 2010, sugeriam que as dissidências no interior do movimento de moradia estavam relacionadas a desacordos tanto quanto a diferentes formas de luta, como quanto à função das ocupações de prédio, ou ao maior ou menor diálogo com o Estado. Logo, consideramos que ao ampliar as possibilidades de citação de pessoas de acordo com diferentes estratégias de luta, mais chances de outros vínculos e dissidências se evidenciarem.

autogestionários, e espaços institucionais de participação. As perguntas feitas às lideranças eram simplificadaamente “quem dentro do movimento de moradia pensa como você (tem opinião parecida com a sua) em relação a: 1. Ocupações; 2. moradia no centro para população de baixa renda; 3. mutirões autogestionários; e 4. espaços institucionais de participação?”⁵⁰. Para cada tema, o entrevistado poderia citar até cinco pessoas que pensavam como ele.

A ideia que nos norteou nesta elaboração de pergunta era a de contemplar relações simbólicas e políticas simultaneamente. Em geral, quando nos identificamos com as ideias de alguém sobre determinada pauta política, tendemos a acionar aquela mesma pessoa tanto para argumentar conosco sobre, como também para votar conosco em uma plenária, e/ou participar de nosso cotidiano político em manifestações, etc. Entendíamos que o compartilhamento de ideias dentro do movimento de moradia em São Paulo poderia formar um conjunto de relações fortalecidas – pelo tempo e pelas trajetórias comuns –, mas que também era parte definidora dos rumos do movimento e das organizações que dele fazem parte. E quanto à hipótese dos vínculos fortalecidos, obtivemos sua comprovação já no prosseguimento à aplicação dos questionários.

Esta comprovação se deu porque no processo de aplicação dos questionários, deparamo-nos com uma rede “fechada” em grande parte das entrevistas; isto quer dizer que não apareciam novos relevantes vínculos do interior do movimento estudado. Tratava-se de uma rede em que várias pessoas, no caso lideranças, eram repetidamente citadas.

No tempo que se seguiu, nossa opção metodológica foi a de encerrar o processo de entrevistas na décima oitava pessoa, ao identificarmos o esgotamento da rede e seu perfil hierárquico que contemplava centralmente lideranças de diversas organizações. Com o encerramento do período de entrevistas, que se deu entre o final de 2010 e início de 2011, passamos à tabulação dos dados para construção das redes, e decorrente análise de suas medidas de centralidade e sociogramas⁵¹; os quais foram gerados por meio

⁵⁰ O modelo de questionário desenvolvido se encontra na seção Anexos (p. 124).

⁵¹ Representação imagética dos dados relacionais.

das informações e recursos de um software para elaboração de redes, denominado UCINET⁵².

É fundamental que façamos alguns apartes antes de prosseguirmos para a explicação das redes, medidas e suas análises. O primeiro deles é o recorte temporal dos dados coletados, trata-se de uma rede do movimento de moradia na cidade de São Paulo entre fim de 2010 – início de 2011. Logo, as análises das medidas e dos sociogramas levarão em conta as relações apreendidas em campo apenas neste período. Esta ressalva é importante porque anuncia o limite temporal das redes que exporemos, as quais podem ser entendidas em analogia a fotografias – ao fotografarmos uma situação sabemos que ela já não existe mais, precisamente, no momento seguinte. Um segundo aparte necessário é que não nos ateremos aos pormenores da ampla bibliografia que tem se dedicado ao estudo das redes sociais, apenas mapearemos dela alguns aspectos que inspiraram nossa busca metodológica. Neste sentido, nossas perspectivas não abarcam a análise de redes como um eixo teórico em si, mas sim como método e como uma possibilidade de compreender estruturas sociais através de diversos referenciais teóricos e interesses empíricos. Sendo assim, o terceiro e último aparte é que nossa interpretação das redes geradas está também fundamentada por informações adquiridas em campo, bem como por nossas perspectivas teóricas já apresentadas e as quais recorreremos no decorrer das análises seguintes. No que diz respeito às informações adquiridas em campo, reiteramos que o escopo de nossa pesquisa tem restrições e não abarca todas as organizações da luta por moradia em São Paulo, mas apenas as vinculadas à UMM e à FLM, duas grandes organizações aglutinadoras de grupos de base e organizações médias, cuja identidade política também é construída no interior do Partido dos Trabalhadores.

⁵² Borgatti, S.P., Everett, M.G. and Freeman, L.C. 2002. Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies.

- i. O que é análise de redes sociais – breve explicação do método, das medidas e atributos relacionais⁵³

a) Sobre o método e a funcionalidade para análise de movimentos sociais

É possível verificarmos o conceito de redes sociais com diferentes usos no interior das Ciências Sociais. De acordo com a explicação de Marques (2008), os principais destes usos são três. O primeiro e mais antigo dentre eles é o uso de redes sociais como metáfora, como uma maneira de compreender que indivíduos, entidades e até mesmo ideias estão conectados entre si. A segunda utilização compreende as redes em uma função normativa, “determinando certas formas de estruturação de um dado conjunto de entidades de maneira a alcançar certos objetivos, como por exemplo, a estruturação dos fluxos de tarefas no interior de uma indústria de forma a se alcançar economia de tempo/ recursos ou aumento da produtividade” (MARQUES, 2008, p. 15). Já o terceiro uso do conceito de redes é metodológico e tem como objetivo descrever e analisar padrões de relações, pautado pelos fundamentos da sociologia relacional que tem como foco de análise relações entre indivíduos (Idem, Ibidem). E é através desta última perspectiva que conduzimos nosso trabalho.

Trabalho que pretende explicar, então, estruturas do movimento de moradia em São Paulo a partir de arranjos de relações: dados relacionais, contatos e articulações entre os indivíduos e/ou lideranças. Enquanto estratégia analítica, o foco no processo de interação sugere uma “desnaturalização” e a superação de uma essencialização dos objetos estudados, pois os atores são tratados com um rigor temporal e vistos como constituídos social e historicamente, conforme destaca Silva (2007). No caso das lideranças de movimentos sociais, como vimos, abordagens que desnaturalizem suas posições aparecem como contraponto importante às análises personalistas e à compreensão do líder como um mito e não como representação democrática em permanente construção e legitimação.

⁵³ À escrita deste trecho, agradecemos Aldrey Iscaro, pesquisadora integrante do NEPAC que escreveu a primeira síntese desta compilação de ideias.

É importante salientar que as relações entre os atores a serem analisados devem ser também compreendidos como canais de fluxos de bens, ou de recursos materiais e imateriais que circulam na rede (WASSERMAN e FAUST, 1994; DIANI, 2003). E se recursos circulam na rede, alguns atores podem determinar seu fluxo. Isto é, se uma liderança ou organização de movimento social é mais central na rede, ou seja, ocupa uma posição mais estratégica em relação a outras, seus membros tendem a exercer mais influência e, desta maneira, controlar mais o fluxo de informações e bens no interior do movimento. Em decorrência das discrepâncias possíveis neste fluxo de recursos e em consonância aos estudos de Diani (2003), Della Porta e Diani (1999, 2008) e Marques (1998), verifica-se que as redes sociais e suas formas podem facilitar e também constranger a ação coletiva.

Um dos principais elementos facilitadores é o fato do envolvimento em ações coletivas estar relacionado às conexões prévias dos indivíduos em redes de amizade, família, do partido político ou da igreja de que fazem parte (DELLA PORTA e DIANI, 1999; 2008). Estas redes que se interconectam são então fundamentais para formação de militantes, mas também para fortalecer relações e manter os indivíduos no interior da ação coletiva por mais tempo, servindo como amplo suporte para perpetuação da participação. Desta forma, é possível também compreender as redes sociais como um produto de ações coletivas. Ainda de acordo Della Porta e Diani (1999; 2008), a participação coletiva cria novas redes, promovendo novos e importantes canais de comunicação entre organizações diferentes, e aumentando o escopo de relações que criem e reverberem campanhas e interesses comuns.

A análise de redes permite, então, que sejam encontradas mais pistas sobre a realidade política de um movimento social, ao apresentar localizações sociais de atores específicos e seus decorrentes padrões estruturais de relações e fluxos de recursos. Logo, a escolha deste método propicia uma visão ampla das articulações a serem estudadas em movimentos sociais, pois reportam múltiplos atores, grupos, temas e discursos que interagem entre si, seja de forma organizacional formal ou informal, ou até mesmo instituindo novos espaços e campos discursivos.

Segundo Moura e Silva (2008), em análises de médio, ou longo prazo, este instrumento da sociologia relacional pode ser uma vantagem para

se pensar mais complexamente as relações entre movimentos sociais e Estado, para permitir observar, ao longo do tempo, os diferentes padrões de relação e as configurações associativas destes e dentre estes atores. Ou seja, a análise de redes pode criar uma nova percepção para estudos destes dois objetos, ao permitir encontrar ou prever regularidades em seus processos de interação. Dessa forma, a depender da conjuntura política, por exemplo, as relações entre movimento social e Estado estarão mais fortes ou fracas, remetendo a uma ligação mais próxima ou mais distante com determinados governos.

Uma dificuldade, entretanto, na percepção da vinculação de redes de diferentes organizações é avaliar quais seriam suas fronteiras e se a análise de redes sociais permite delimitá-las. No caso do movimento de moradia em São Paulo, por exemplo, a ideia de considerar os atores do movimento em uma rede social específica apareceu como uma grande dificuldade empírica, pois em certas conjunturas e na trajetória de muitos indivíduos: movimento, Estado, e Partido dos Trabalhadores se encontram intimamente relacionados – o que obscurece a ideia de fronteira entre instituições e os papéis desempenhados pelas lideranças em cada um destes espaços.

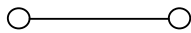
Para Emirbayer (1997), os dilemas da fronteira de uma rede podem ser abordados de duas maneiras. A primeira delas seria uma abordagem realista, a qual adote o ponto de vista dos grupos de atores envolvidos quanto à sua posição na rede, já que apesar de ativistas e membros de organizações possuírem individualidades, parte-se da ideia principal de que eles compartilham uma identidade coletiva, reconhecendo semelhantes através dela. A segunda maneira é denominada pelo autor como nominalista. Esta forma se pauta nos conceitos e propósitos do observador, que se utiliza de seus conhecimentos anteriores sobre a rede para delimitá-la analiticamente.

No caso das análises do movimento de moradia na cidade de São Paulo que veremos adiante, embora nossos questionários tenham abarcado apenas integrantes reconhecidos do próprio movimento, não nos preocupamos a priori em delimitar as fronteiras entre atores do Estado e atores do movimento, posto que conhecíamos suas atuações multifacetadas e também porque gostaríamos de observar as possibilidades empíricas da abordagem relacional. Vale destacar, porém, que embora consideremos o conceito de

redes como ferramenta privilegiada metodologicamente, ela se apoia em muito no trabalho de campo desenvolvido previamente para realização das análises. Conforme enfatiza Marques (2006), destacar as relações não significa sobrepujar necessariamente outras dimensões da análise, mas chamar a atenção para a importância das estruturas relacionais da política e integrá-las aos elementos já trabalhados no debate sobre a relação entre Estado e Sociedade Civil.

b) Sobre conceitos e suas representações gráficas e numéricas

De acordo Wasserman e Faust (1994), redes são compostas por dois conceitos fundamentais: 1. o conceito de ator, simbolizado graficamente nos sociogramas por um ponto, representando entidades sociais em interação, ou seja, indivíduos, corporações, unidades sociais coletivas, etc.; e por 2. o conceito de vínculo relacional, representado graficamente nos sociogramas por uma linha, é a conexão entre os atores, são as relações que os indivíduos ou entidades constroem ao longo do tempo.



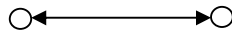
As representações de vínculos relacionais (linhas) entre os atores (pontos) podem derivar de diversos tipos de interações sociais, tais como: relação de afeto, transferência de recursos materiais e imateriais, interações comunicativas, migração, mobilidade social e física, conexão física – como rios e pontes –, relações formais como de autoridade, relações biológicas e culturais como o parentesco (WASSERMAN E FAUST, 1994). No caso de nossa análise sobre o movimento de moradia, como dito anteriormente, estas relações refletem principalmente uma identidade ideológica entre militantes do movimento e demais figuras de referência citadas dentro dos temas mais abordados nos conflitos pela moradia digna.

Ademais, estes vínculos podem remeter a uma relação direcionada, representada graficamente no sociograma como uma seta, uma vez que o sentido da linha é importante para definir o papel dos atores na rede. Isto significa dizer que há uma diferença entre o ator que envia os vínculos

(*senders*), e o ator que recebe os vínculos (*receivers*). Logo, identificar direções nos vínculos implica em restringir fluxos da rede, e em considerá-la uma rede assimétrica.



No entanto, poderemos identificar, na leitura de um sociograma, que a rede possui um conjunto de relações não direcionadas. Neste caso, a linha gráfica no sociograma não aponta uma direção entre os atores, pois não é essencial distinguir as origens e os destinos dos vínculos. Isto ocorre porque trata-se de uma rede em que as relações são recíprocas, portanto, de uma rede simétrica.



Consideram-se para análise de sociogramas, três tipos ideais de rede: a rede de tipo estrela, a rede de tipo círculo e a rede de tipo linha. A estrelada é definida pelo alto grau de hierarquia entre seus atores, já que o(s) ator(es) que se encontra(m) ao centro da estrutura da rede detém mais poder e centralidade. Quanto à rede de tipo círculo, sua característica é ser mais horizontal, uma vez que a dependência de cada ator em relação ao outro é a mesma. Já a rede de tipo linha é uma rede que demonstra maior dependência entre os atores, pois os atores dependem um do outro para realizar as trocas dentro da rede.

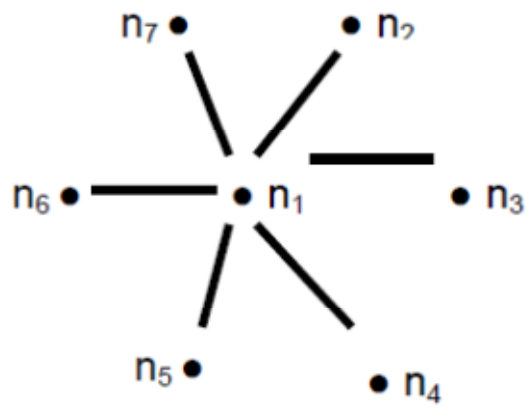


Figura 4 - Rede Estrela.

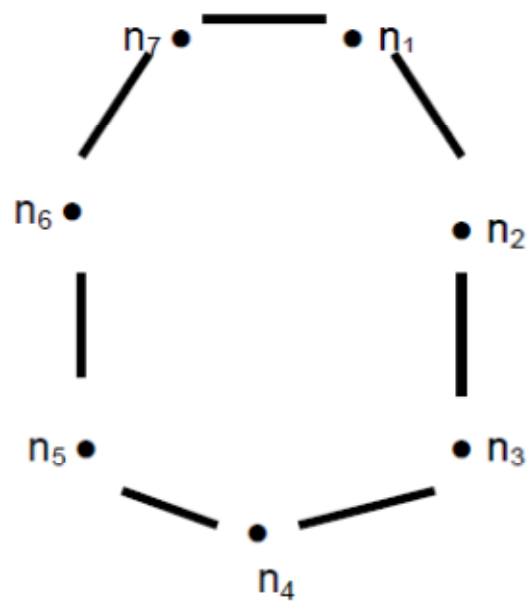


Figura 5 - Rede Círculo.



Figura 6 - Rede Linha.

Para além das impressões gráficas geradas pelos sociogramas, a análise de redes sociais está ancorada nas medidas relacionais de poder e centralidade que demonstram precisamente a posição relativa de cada um dos atores dentro da rede. Neste sentido, as medidas relacionais geradas em nossa pesquisa revelam a posição de cada ator dentro da estrutura de relações da rede e como, de acordo com cada posição, há constrangimento e/ou possibilidade de ação (GURZA-LAVALLE; CASTELLO; BICHIR, 2004). De acordo com Marques (2006), posições e relações que estão estruturadas na rede são relevantes, pois uma configuração estrutural específica constrange escolhas, proporcionando acesso diferenciado a bens e instrumentos de poder, assim como possibilitam alianças ou conflitos.

Em suma, as várias medidas de centralidade e de poder, caracterizam e fundamentam as análises das relações encontradas. A seguir, apresentaremos a rede do movimento de moradia na cidade de São Paulo em 2011, de acordo com sociogramas e as principais medidas de centralidade obtidas, as quais serão explicitadas no desenvolvimento de nossas análises.

ii. Rede do movimento de moradia na cidade de São Paulo em 2011⁵⁴

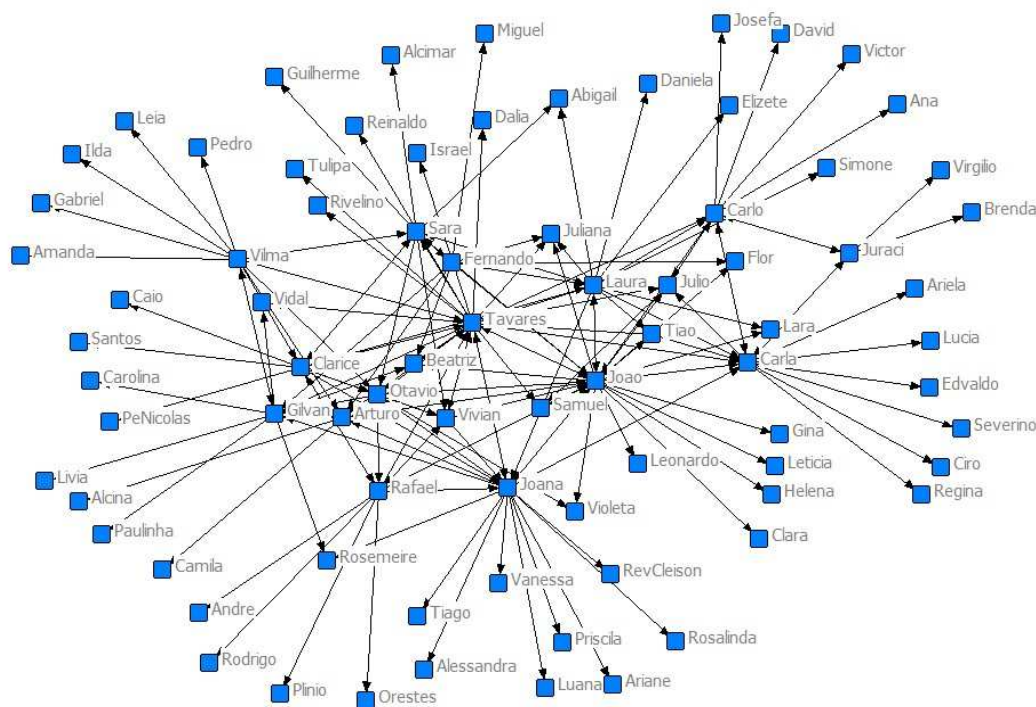


Figura 7 - Rede do Movimento de Moradia em São Paulo⁵⁵.

Apresentamos acima o sociograma da rede total do movimento de moradia na cidade de São Paulo em 2011. A rede apresenta 80 atores e, a priori, conseguimos identificar que se trata de uma rede muito mais próxima à forma estrelada, ou seja, trata-se de uma rede altamente hierárquica que possui atores centrais facilmente verificáveis e uma polarização marcada entre atores centrais e periféricos (WASSERMAN e FAUST, 1994). Para Hanneman

⁵⁴ Pelo excelente auxílio e consultoria para o aprendizado na construção dos sociogramas, agradeço imensamente à Maira Rodrigues – Doutoranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo – USP. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e mestrado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2008). Atualmente é pesquisadora do Núcleo Democracia e Ação Coletiva do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP.

⁵⁵ Reiteramos, neste momento do texto, a importância de manter esta versão do texto em sigilo. Esta versão provisória possui apenas um caráter de avaliação e não de publicação a ser circulada. Isto se deve à necessidade de preservarmos informações pessoais e estratégicas das lideranças do movimento.

(2001), atores centrais são aqueles que a partir do número de relações que estabelecem dentro da estrutura da rede conseguem exercer influência quanto aos demais atores. Assim, atores periféricos dependem dos atores centrais para participarem dos diversos fluxos na rede, sejam eles de bens materiais, imateriais, informações, etc.

A partir de conhecimentos trazidos dos trabalhos de campo, prevíamos esta hierarquia, devido aos diferentes níveis existentes de militância e liderança. E tendo isto em vista, consideramos que a assimetria da rede seria uma característica importante de ser visualizada. Logo, as relações na rede aparecem com setas de direcionamento, com origem e destino. Isto porque aqueles que foram mais citados – atores centrais que são maiores receptores de relações (setas) – podem ser considerados as maiores referências do movimento, pois parte considerável dos atores entrevistados acredita pensar como eles.

Neste sentido, consideramos algumas medidas de centralidade para identificarmos na rede as lideranças que se destacam ainda mais no papel que desempenham. As medidas às quais atribuímos melhor poder de análise no caso do movimento de moradia em São Paulo são: *degree*, *closeness*, *information* e *betweenness*.

Degree nos parece a medida de entendimento mais simples, pois mede a centralidade dos atores baseada na quantidade de contatos com as outras pessoas da rede. Ela é composta por duas medidas: o *indegree*, isto é, a quantidade de vínculos que os atores recebem, e o *outdegree*, a quantidade de vínculos que os atores enviam. Atores com maior centralidade têm maior quantidade de vínculos dentro da estrutura na rede, e por isso, têm maior facilidade de acesso e influência dentro da estrutura da rede. Atores centrais, isto é, que recebem e/ou enviam uma grande quantidade de vínculos dentro da rede ocupam uma posição estrutural privilegiada, pois servem como fontes e condutores de informações, além de influenciar as trocas entre os atores. Abaixo, elencamos os valores da medida dos atores mais centrais na rede em ordem decrescente, ou seja, do mais ao menos central de acordo com os valores.

Tabela 2 - Medidas de Centralidade: *Degree*.

	<i>NrmOutDegree</i>	<i>NrmInDegree</i>
João	25.316	13.924
Tavares	24.051	12.658
Joana	18.987	8.861
Carla	11.392	8.861
Sara	11.392	7.595
Otávio	8.861	7.595
Carlo	10.127	6.329
Gilvan	8.861	6.329
Vivian	5.063	6.329
Arturo	2.532	6.329
Laura	17.722	5.063
Clarice	12.658	5.063
Rafael	12.658	5.063
Júlio	5.063	5.063
Juraci	5.063	2.532
Tião	3.797	2.532
Vilma	13.924	1.266
Fernando	11.392	1.266

A compreensão do *Closeness* se dá através do cálculo das distâncias mínimas que um ator tem que percorrer para interagir e se comunicar rapidamente com outros atores da rede, sem utilizar outros ou muitos atores intermediários. Para Wasserman e Faust (1994), esta medida valora a quantidade de passos (distâncias geodésicas) que um ator necessita para alcançar outro ator da rede quando eles não estão diretamente relacionados. Além disso, a medida relacional *Closeness* é composta por duas medidas: *Incloseness*, representada pela proximidade em relação ao conjunto

de relações que chegam ao ator, e pelo *Outcloseness*, isto é, a proximidade gerada pela quantidade de vínculos que saem daquele ator. Trata-se, então, de uma medição do acesso dos atores a outros atores, calculada através dos vínculos que recebem ou que originam. Abaixo, demonstramos o *closeness* de cada uma das principais lideranças da rede.

Tabela 3 - Medidas de Centralidade: Closeness.

	<i>InCloseness</i>	<i>OutCloseness</i>
Tavares	1.560	50.318
João	1.561	47.590
Joana	1.559	47.590
Laura	1.558	47.305
Otávio	1.559	42.703
Clarice	1.557	42.473
Vilma	1.553	42.473
Rafael	1.556	42.021
Fernando	1.554	40.722
Vivian	1.558	40.102
Sara	1.559	39.698
Tião	1.557	37.441
Júlio	1.558	37.264
Carlo	1.559	36.406
Gilvan	1.558	31.349
Carla	1.559	30.385
Juraci	1.555	27.817

Já ao se considerar todas as trajetórias possíveis entre os atores na rede, a medida relacional *Information* analisa os fluxos de informação possíveis entre todos os atores, considerando certas trajetórias em especial, a saber, a menor trajetória entre dois atores, uma vez que o menor caminho

entre eles propicia uma maior probabilidade da informação ser passada sem “ruídos”, isto é, sem alterações no seu formato original.

Tabela 4 - Medidas de Centralidade: *Information*.

	<i>Information</i>
Tavares	1.124
João	1.119
Joana	1.086
Laura	1.077
Otávio	1.050
Sara	1.041
Carla	1.037
Clarice	1.034
Gilvan	1.017
Fernando	1.013
Vivian	1.006
Vilma	0.998
Rafael	0.996
Carlo	0.984
Arturo	0.963
Júlio	0.937
Tião	0.909
Fatima	0.904
Beatriz	0.902
Samuel	0.830
Lara	0.733
Violeta	0.730
Vidal	0.727

Olga	0.724
Rosemeire	0.723
Abigail	0.723
Juraci	0.721

Por fim, a medida relacional *Betweenness* está relacionada com o grau de intermediação exercido por um ator, ou seja, esta medida calcula o quanto este ator é ponto de intermediação para o caminho mais curto na conexão com dois outros atores. Quanto maior for o *Betweenness* de um ator, mais central ele é na rede, pois ele controla mais o fluxo de informações e troca de recursos, visto que ele é ponte para a circulação destes recursos.

Tabela 5 - Medidas de Centralidade: *Betweenness*.

	<i>Betweenness</i>
João	5.924
Tavares	5.189
Joana	3.265
Carlo	2.564
Vilma	2.386
Gilvan	2.372
Carla	2.208
Laura	1.836
Sara	1.801
Rafael	1.268
Clarice	1.263
Otávio	1.047
Júlio	1.045
Arturo	0.552
Juraci	0.519

Fernando	0.402
Vivian	0.179

- iii. As lideranças mais centrais e os diferentes papéis que desempenham.

Tendo em vista o sociograma gerado pela rede total, e os quatro tipos de medidas para compreendermos as diferentes possibilidades de centralidade identificadas em nossa rede, conseguimos facilmente verificar as três lideranças mais centrais deste recorte do movimento de moradia em São Paulo. São elas: Tavares, João e Joana. Em comum, estas lideranças tem o fato de serem todas representantes da União dos Movimentos de Moradia, terem participado ou participarem do Conselho Municipal de Habitação, serem filiados e já terem sido por mais de uma vez assessores de parlamentares do Partido dos Trabalhadores. Entretanto, os três são lideranças de origens diversas e desempenham papéis diferentes de articulação no interior da rede.

Tavares é uma liderança de longa trajetória no movimento de moradia em São Paulo. Filiado ao PT há 26 anos, atua no movimento de moradia há pelo menos 25, em organizações ligadas à UMM. Durante este grande período de militância, ficou reconhecido no interior do movimento e fora dele não só como uma figura atuante da luta por moradia digna, mas como a face e a voz de diferentes organizações: de seu grupo de base (Movimento de Moradia da Região Sudeste), da UMM, da CMP, da União Nacional por Moradia Popular (UNMP), do Fórum Nacional de Reforma Urbana e atua como advogado de uma importante ONG de Direitos Humanos. Trata-se de uma liderança que construiu com muita habilidade sua capacidade intelectual técnica em sentido gramsciano, pois ao olhar para as necessidades práticas e históricas do movimento, compreendeu que a formação em direito poderia auxiliar no encaminhamento de demandas e na defesa de direitos das famílias ao seu redor, em suas próprias palavras:

“vocês falam como se a coisa técnica atrapalhasse a luta, mas não dá pra discutir as coisas separadas. Temos uma cultura no Brasil das

peessoas não se defenderem juridicamente... ‘judicializar’ o conflito? Estamos só no começo de um processo de avanço dos conhecimentos sobre direito que pode ajudar...é um momento de fragilidade, de criminalização dos movimentos, dos pobres, e estamos atrasados nesse debate, na verdade...” (Tavares – Debate do Fórum Centro Vivo, 25 jul. 2009).

Sem dúvida, sua formação como advogado tornou sua liderança singular, pois fez com que ele se tornasse uma figura de consenso entre diferentes e dissidentes organizações do movimento, ao assessorá-las e defendê-las em despejos e ocupações diversas nos últimos anos, em confrontos com a força armada do Estado (Guarda Civil, Polícia Militar). Esteve próximo a parlamentares e a muitas outras lideranças com as quais construiu estreitos laços de amizade e/ou de confiança. Além da formação em direito, o fato de estar em muitas organizações, participar ativamente de Conselhos e Fóruns públicos e valorizar a articulação entre lideranças e organizações movimentistas ou não, o tornou extremamente requisitado e respeitado pelos militantes de vários setores e níveis do movimento de moradia em São Paulo, sendo reconhecido como uma liderança com integridade moral. No entanto, apesar de sua veia técnica e extremamente articuladora das muitas organizações que representa, Tavares jamais permite ser apresentado como representante de qualquer organização, ou título, que não seja “do movimento de moradia” ou “dos movimentos sociais”, revelando a intenção de manter seu reconhecimento como liderança de movimento social em detrimento de quaisquer posições que passe a assumir.

João é reconhecido pelas demais lideranças como um líder jovem, pois apesar de estar há 18 anos no PT, passou a ser visto como liderança da União dos Movimentos de Moradia apenas mais recentemente. Sua trajetória envolve não só a luta por moradia no centro da cidade, mas também seu reconhecimento individual como liderança homossexual no interior do movimento. As preocupações expressas por João em reuniões, encontros informais e assembleias encontram-se muito mais vinculadas às articulações internas entre as organizações do movimento, reconhecido apenas como liderança da ULC e da UMM, apesar de também estar presente na coordenação da UNMP. Neste sentido, apesar de transitar bem junto à ONGs, Organizações Nacionais e aos parlamentares do PT, seu grande foco como

liderança é a união de pautas no interior da própria UMM. Ou seja, trata-se de uma liderança com grande circulação interna no movimento, muito presente nos diversos encontros de articulação entre as organizações da UMM, segundo ele:

“tipo assim...a gente aprendeu a fazer as articulações e ter muita habilidade para que lá na frente do movimento, ele tenha a força de representar né, porque conforme a quantidade de delegados, é conforme você vai fazer sua reivindicação lá, então eu acho que isso eu aprendi. Ah, outra coisa que eu aprendi antes de ter habilidade é nas colocações, a hora que você tá fazendo algum tipo de intervenção ou avaliação de você ver o que você fala porque ela fala o que ela fala para você não falar, sabe, coisas que vai prejudicar na vida...ter maior habilidade para você pegar a questão da política né e não pessoal. Então, isso a gente foi aprendendo bastante coisas, mas acho que tem pessoas ainda meio leiga na política que ele não acaba acompanhando esse processo ainda, precisa colocar o que a Laura fala que nós somos mais novos né...talvez a gente hoje tá na segunda geração, terceira...terceira...eu tenho quinze anos de União já..dezesseis vou fazer, então né (ri)...”(Entrevista com Laura e João, 15 out. 2009).

É interessante notar que com 16 anos de movimento de moradia, ele ainda era considerado uma liderança jovem e que sua grande intenção de trabalho como liderança é a de fortalecer o movimento para o futuro através do desenvolvimento de uma série de habilidades de articulação e expressão política, com base em uma capacidade intelectual muito mais ligada à dirigência e a criação, desenvolvida mais em meio à prática das relações políticas, do que técnica, ou advinda da sistematização formal de conhecimentos.

Joana, por sua vez, estabeleceu no interior do movimento de moradia e fora dele, uma trajetória de maior projeção. Com sua origem como liderança em meio à atuação nos mutirões autogestionários do Movimento Sem-Terra da Leste 1, organização intermediária filiada à UMM, tornou-se reconhecida pelo amplo conhecimento na lida com assessorias, com a construção civil aliada às demandas do movimento e com as legislações e normas de regularização fundiária. Assim como Tavares, enveredou caminhos pela educação formal, graduando-se em assistência social e hoje também é mestre em arquitetura e urbanismo. No entanto, ao invés de se tornar uma face representativa de diversas instituições em São Paulo, construiu sua liderança

por ser uma grande articuladora da luta por moradia no âmbito nacional. A maior parte das lideranças e militantes do movimento a reconhece pela sua atuação na coordenação da União Nacional por Moradia Popular, pelo seu amplo conhecimento acerca das políticas públicas em habitação e papel de mediação que desempenha junto ao governo federal. Mediação esta que passou por diferentes cargos federais de assessoria: do Ministério das Cidades, do senado e da Caixa Econômica Federal com grande atuação e participação no programa Minha Casa, Minha Vida Entidades.

Abaixo, estruturamos nosso sociograma da rede do movimento de moradia em São Paulo de acordo com as mais diversas instituições que apareceram representadas e mantivemos os nomes das lideranças para conseguirmos identificar com mais facilidade as diferentes relações que elas individualmente valorizam⁵⁶. Com um olhar mais atento é possível perceber como estes diferentes perfis de liderança se manifestam e impactam a dinâmica da rede.

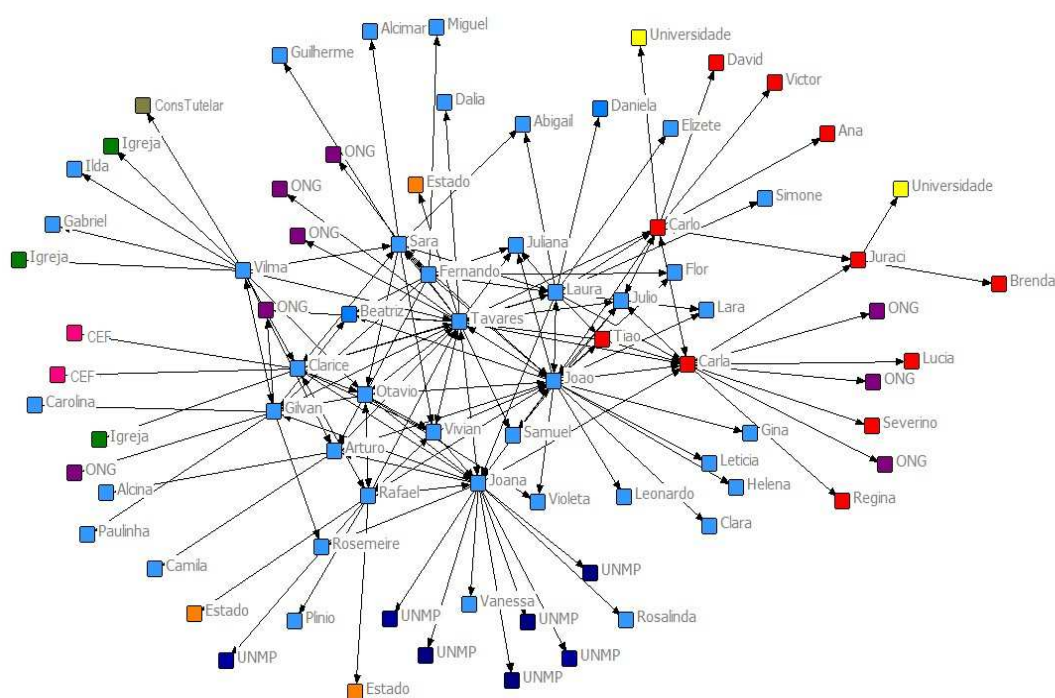


Figura 8 - Rede de Lideranças e Instituições Externas.

⁵⁶ É importante ressaltarmos aqui que em nenhum momento realizamos uma pesquisa de redes que abarcasse indivíduos e instituições. Apenas trocamos os nomes dos indivíduos pelas instituições das quais fazem parte para facilitar a compreensão do argumento.

Legenda:

- Lideranças da UMM;
- Lideranças da FLM;
- Estado: parlamentares, ministros, secretários, etc;
- CEF: membros da Caixa Econômica Federal;
- Universidade: professores universitários;
- ONG: membros de ONGs diversas - Usina Assessoria, Anistia Internacional, Instituto Pólis, Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, etc;
- UNMP: membros da União Nacional por Moradia Popular de outros estados que não São Paulo;
- Igreja: relações concebidas no interior da Igreja Católica – padres, membros de pastorais;
- Conselho Tutelar: membro do Conselho Tutelar.

Como é possível verificar, Tavares, Joana e João assumem papéis distintos na rede. Tavares (UMM/CMP/ONG/FNUR) é a liderança que possui o maior valor de *outcloseness*, ou seja, é o indivíduo que tem mais facilidade em acessar qualquer ator na rede de acordo com as pessoas que citou. Apesar de valorizar muitas relações no interior do movimento, junto a lideranças da UMM de diversas localidades, ele aparece como a principal intersecção entre muitos atores do movimento e membros de ONGs e do Estado. E, apesar de ser um representante da UMM, não se furtou em citar como referência duas lideranças da FLM. Isso se deve, sem dúvida, à sua atuação multifacetada como advogado e representante também de uma importante ONG que atua intensamente junto à defesa das famílias sem-teto, em especial no centro da cidade, em que grande parte das ocupações de prédios é coordenada por grupos filiados à Frente de Luta por Moradia (FLM) e não por membros da UMM.

João (UMM/ ULC) se destaca por ser a liderança com maior *degree*, ou seja, é o indivíduo com o maior número de vínculos no interior da rede. Simplificadamente, poderíamos dizer que se trata da liderança mais popular entre os demais atores da rede. Também é o ator com maior valor de *betweenness*, o que destaca seu poder de intermediação de diversas relações. Esta posição estratégica ocupada por João na rede está vinculada a seus objetivos como liderança e a suas apostas políticas em algumas relações em detrimento de outras. Seus vínculos na rede se encontram estritamente entre lideranças do movimento de moradia e, assim como o Tavares, citou também

lideranças da FLM com as quais interage intensamente por atuar principalmente no centro da capital paulista.

Já Joana (MST Leste 1/ UMM/ UNMP), apesar de ser muito acessada como referência de outras lideranças da UMM, valoriza sua identidade política junto aos militantes da UNMP de outros estados do Brasil. Um resultado que reforça seus empenhos de articular lideranças, conhecimentos e experiências nacionais na luta por moradia digna durante sua trajetória militante. Sem dúvida, outras lideranças se destacam na rede do movimento de moradia em São Paulo, muitas das quais oscilam suas atividades militantes entre estes três papéis mais centrais que destacamos. Esta oscilação se encontra intimamente relacionada à dinâmica das diferentes organizações que compõem o universo de conflitos políticos no qual o movimento de moradia em São Paulo está inserido, conforme veremos a seguir.

iv. Níveis de liderança e a dinâmica das organizações do movimento

Dentre os três principais perfis de lideranças centrais que identificamos com a Análise de Redes Sociais, destacam-se as diferentes relações que estabelecem e/ou representam junto a diferentes organizações, no interior do movimento de moradia em São Paulo, ou no Partido dos Trabalhadores, ONGs e organizações agregadoras nacionais de vários movimentos sociais.

Na interpretação da rede abaixo, destacamos as organizações que cada um dos indivíduos citados compõem para auxiliar uma primeira análise da dinâmica das organizações e seus reflexos no papel desempenhado pelas lideranças.

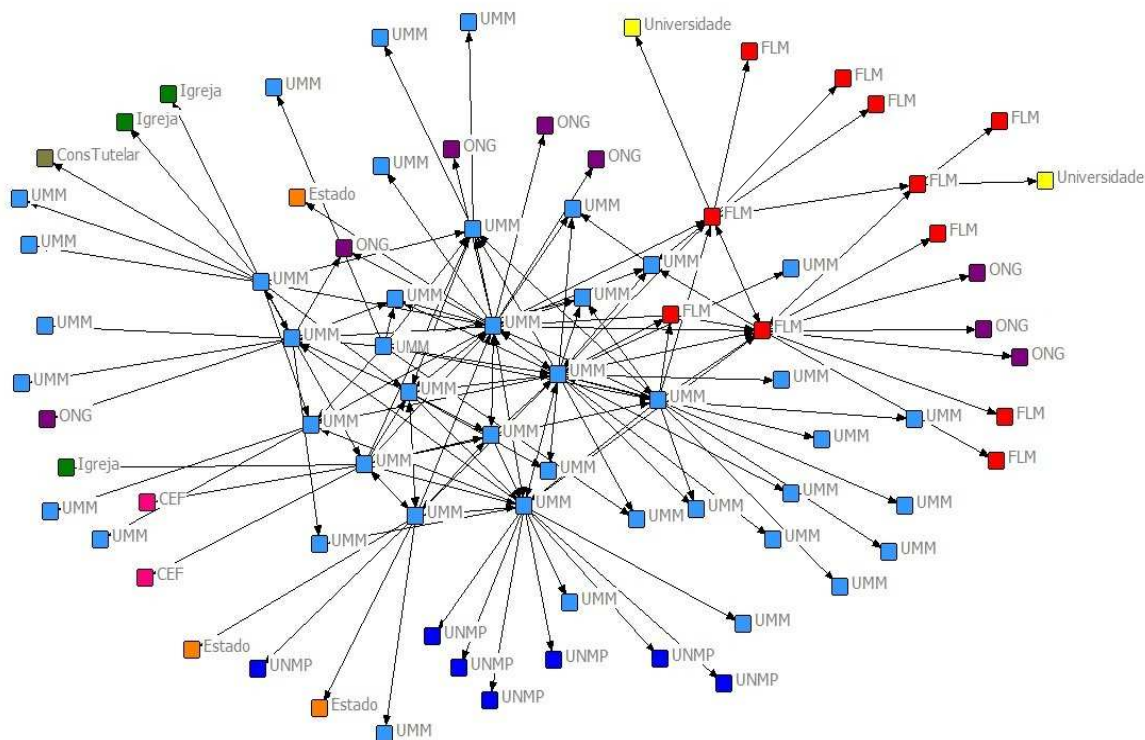


Figura 9 - Rede segundo as instituições.

A princípio, nota-se a centralidade das lideranças da UMM como referências na rede, o que garante à organização uma posição estratégica privilegiada em relação à posição da FLM no que diz respeito ao trânsito de informações e demais recursos possíveis. Isto se deve tanto ao seu pioneirismo na tentativa de articulação das lutas por moradia digna ainda na década de 1980, quanto à consolidação de suas lideranças e organizações serem mais fortalecidas. Tal fortalecimento tem sua base nas múltiplas filiações e representações em organizações que as lideranças da UMM assumem. Dificilmente encontraremos uma liderança da UMM que não represente ou tenha representado também: sua organização de bairro, sua organização intermediária, a coordenação da CMP, da UNMP, do FNRU, de algum setorial do PT, etc.

A FLM, como instituição mais jovem e representada na rede pelo papel desempenhado por apenas algumas de suas lideranças, demonstra menos possibilidade de criar articulações e acessar recursos. A rede nos apresenta 11 lideranças da FLM, 3 das quais mais centrais: Carlo, Carla e

Tião⁵⁷. Estas três lideranças mantêm relações valiosas com demais lideranças da UMM, tanto devido ao trabalho que desempenham juntos no centro da cidade em diferentes ocupações e reintegrações de posse, como também devido à identidade política junto ao PT e ao vínculo com a CMP.

A CMP (Central de Movimentos Populares) foi criada em 1993 com o objetivo de articular pautas e lideranças de diferentes movimentos sociais:

“(...) após um amplo processo de discussão desencadeado pela Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindical (ANAMPOS), que entendia que, assim como na área sindical, era necessária a existência de uma central para reunir os movimentos populares. A entidade atua em diversas áreas e por isso possui os seguintes grupos setoriais: Crianças, Adolescente e Juventude, Negritude, Mulher, etc. No início dos anos 90, a Central era dominada pelo Movimento de Saúde, no entanto, na medida em que este passou a priorizar a atuação em espaços institucionais de gestão e controle social, foram as lideranças dos movimentos de moradia que se tornaram os militantes mais atuantes na Central.” (SILVA, Wanderley, PAZ, 2006, p. 44-46, apud OLIVEIRA, 2010).

O fato da CMP ser uma tentativa de articulação das lutas de diversos setores dos movimentos populares brasileiros, fez com que as lideranças do movimento de moradia que dela fazem parte diretamente sejam consideradas grandes referências das tentativas de construção de pautas e lutas unificadas entre as muitas organizações por moradia digna em São Paulo. Dentre as lideranças do movimento de moradia que também são identificadas como lideranças da CMP encontram-se Tavares (UMM), Laura (UMM), Júlio (UMM), Sara (UMM), Violeta (UMM), e Carlo (FLM). Abaixo, ilustramos os diferentes níveis de organizações e filiações entre elas para melhor compreensão sobre os trânsitos e articulações possíveis às lideranças.

⁵⁷ Ver Figura 5 – Rede de Lideranças e Instituições Externas.

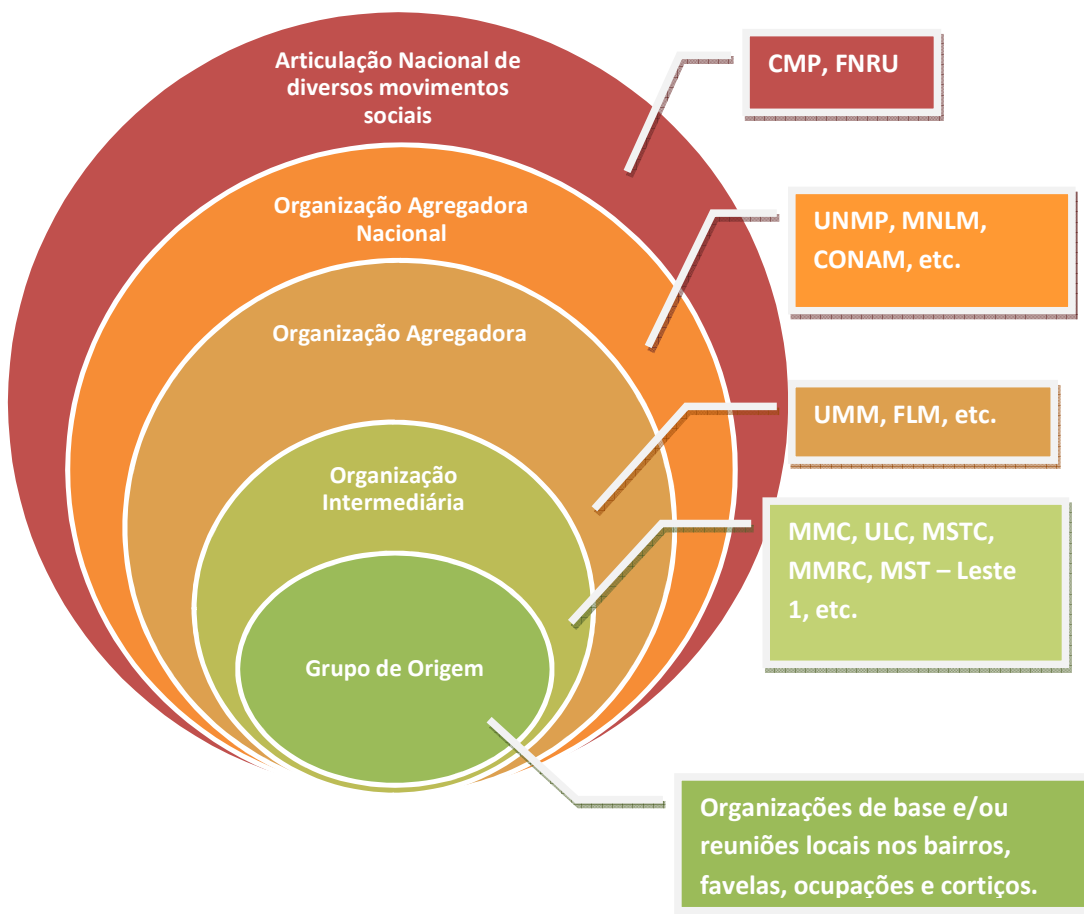


Figura 10 - Filiações Institucionais.

Conforme já salientamos anteriormente, quanto mais e mais diversas forem as inserções das lideranças nos diferentes níveis de organizações do movimento de moradia, mais centrais elas aparecem na rede, pois atuam como referências de temas e pautas mais amplas e articuladas para seu reconhecimento entre os demais militantes. Entretanto, os perfis e prioridades das lideranças para estas inserções as diferenciam dentro da rede, como é o caso dos três indivíduos mais centrais que analisamos, que cumprem papéis fundamentais, porém distintos.

No caso de lideranças que são mais frequentemente identificadas como representantes da articulação das lutas, como membros da CMP, do FNRU, da UNMP, mais legitimidade e reconhecimento adquirem. Isto se deve ao fato de militantes e lideranças valorizarem esforços de resolução de

conflitos e construção da unidade de pautas para várias organizações. Isto não ocorre, entretanto, em meio à alta competitividade por recursos entre as lideranças que se encontram mais próximas aos níveis dos grupos de origem, das organizações intermediárias, e que estão localizadas mais a margem no interior da rede. Para este último caso, podemos citar como exemplo algumas das lideranças do MMC (Gilvan e Vilma) e do Fórum de Cortiços (Clarice). Estas lideranças, apesar de possuírem acesso às lideranças mais centrais na rede, são pouco citadas como referências pelos demais militantes do movimento de moradia. Trata-se de um conjunto de lideranças, que apesar de transitar entre os mais amplos níveis de organizações, permanece em constante valorização da representatividade e das conquistas de suas organizações locais apenas.

O que não quer dizer, porém, que essas lideranças estão desprovidas do acesso a recursos externos ao movimento, como programas habitacionais, por exemplo. De acordo com nosso questionário aberto para pesquisa de redes, elas acessam diretamente membros da CDHU, da CEF, ou até mesmo do Ministério das Cidades. Ou seja, o fato de não serem lideranças amplamente consensuais e diretamente reconhecidas pelo comprometimento com a articulação entre diferentes organizações e lutas, não tem uma relação condicional com o acesso aos recursos disponíveis (informações, políticas públicas, etc.) ao movimento de moradia em São Paulo.

Este acesso a diferentes atores externos ao movimento por lideranças não tão centrais está relacionado a dois fatores: 1. A consolidação de suas trajetórias militantes no interior da trajetória comum de formação da década de 1980 (PT- ONGs – Movimento – setores progressistas da Igreja Católica), e 2. A atuação preponderante dessas lideranças no centro de São Paulo, local em que a disputa pelos recursos habitacionais é mais evidente e mobiliza com mais intensidade os atores envolvidos no conflito pelo território urbano. Este segundo fator, como visto, também é um marco importante das dissidências existentes no movimento e o abordaremos melhor a seguir em contraponto ao histórico das lideranças que vivenciaram os processos dos mutirões autogestionários.

v. Moradia no Centro e Mutirões: duas faces da mesma luta

Dentre os diferentes eixos de luta pela moradia que elencamos para a elaboração da rede, dois se destacam devido aos resultados diversos de centralidade que geraram em suas redes: os mutirões autogestionários e a moradia digna no centro para população de baixa renda. Isto se deve à diferente formação de lideranças que proporcionaram e a diversidade de grupos políticos e organizações locais e intermediárias envolvidas em duas dinâmicas de luta por moradia bastante distintas entre si.

Embora o início historicamente reivindicado por grande parte das organizações do movimento que estudamos seja a luta dos cortiços no centro de São Paulo ainda na década de 1980, foram os processos de mutirões autogestionários que formaram boa parte das lideranças hoje consolidadas na UMM e algumas presentes nas coordenações da FLM. O que analisaremos a seguir é como a centralidade das lideranças se alteram ao tratarmos do centro e ao tratarmos dos mutirões, levando em consideração a rede total e as diferenças de interação e de avaliações proporcionadas por ambas as formas de luta.

a) Moradia no Centro para população de baixa renda:

Como visto anteriormente, a luta por moradia digna no centro da cidade de São Paulo – lócus privilegiado do conflito pelo território urbano⁵⁸ – é tida como o início de diversas organizações e dissidência no interior do movimento de moradia. Dentre os principais aspectos positivos deste eixo de disputa citados pelas lideranças nas entrevistas, estão – em ordem dos mais citados: a) o acesso das famílias de baixa renda a diferentes formas de infraestrutura: emprego, equipamentos públicos (transporte, hospitais, escolas...) e serviços diversos; b) a possibilidade de levar “vida” ao centro; c) a beleza do centro; d) lutar pelo centro é estar mais próximo à Reforma Urbana.

⁵⁸ Ver também: TRINDADE, Thiago. *Ampliando o debate sobre a participação política e a construção democrática: o movimento de moradia e as ocupações de imóveis ociosos no centro da cidade de São Paulo*, 2014, Campinas. Tese de Doutorado.

As lideranças não vêm nenhum aspecto negativo nesse tipo de luta, entretanto, algumas das lideranças que participaram preponderantemente de projetos mutirantes apontam vários: a) falta de vontade e de consistência política do poder público para implementar/ subsidiar unidades habitacionais no centro; b) altas tarifas e custos de vida para as famílias; c) conflitos com a administração municipal; d) repressão; e) as famílias sofrem pressão para sair do centro; f) poluição.

Esta disparidade de avaliações acerca da luta por moradia no centro reflete a ênfase de experiências acumuladas pelas lideranças para concretizar os diferentes objetivos de suas organizações: lideranças de organizações atuantes no centro priorizam esta pauta junto à suas bases para mobilizá-las, logo, dificilmente articulam um discurso que coloque à frente as dificuldades e problemas para defesa da moradia no centro para famílias de baixa renda. Já, as lideranças que têm suas trajetórias junto aos mutirões nas mais diversas regiões de São Paulo, possuem um maior distanciamento cotidiano e crítico das realidades vividas pelas famílias no centro da cidade.

Na figura a seguir, apresentamos a rede formada a partir do foco na moradia no centro para população de baixa renda durante as entrevistas, na qual diferenciamos com cores lideranças mais atuantes no centro e/ou nos mutirões.

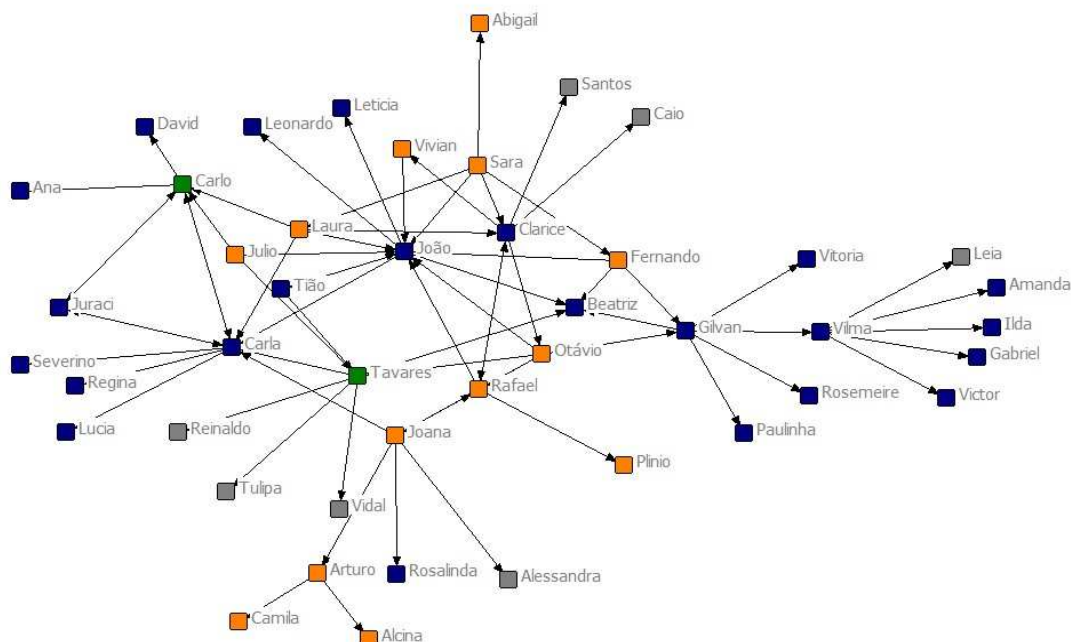


Figura 11 - Rede Moradia no Centro.

Legenda:

- Lideranças que participaram dos processos de mutirão e hoje atuam preponderantemente no centro de São Paulo;
- Lideranças que sempre atuaram preponderantemente no centro de São Paulo;
- Lideranças cujas trajetórias foram construídas preponderantemente junto aos mutirões autogestionários;
- Outros: membros de ONG's, do Estado, de movimentos de moradia em outros estados, etc.

É interessante notar que ao deslocarmos o olhar para um eixo de luta específico, a dinâmica de centralidade dos atores se diferencia sobremaneira da rede do total do movimento. Isso está intimamente relacionado ao fato de as lideranças também construírem suas trajetórias políticas junto aos temas prioritários às bases de suas organizações e ao local privilegiado de sua militância, o que as tornam maiores referências de assuntos e tarefas específicas às suas realidades de atuação, em detrimento de temáticas mais amplas ou concernentes a outras esferas da luta por moradia.

No caso da rede configurada através do eixo moradia no centro para população de baixa renda, as lideranças mais ligadas aos mutirões estão mais a margem, e é possível destacarmos três figuras mais centrais: João (ULC/ UMM), Carla (MSTC/ FLM), e Beatriz (MMC/UMM/CMP)⁵⁹. Novamente, o trânsito das lideranças, entre organizações, mas também entre os espaços de articulação das lutas no centro é determinante para que as lideranças se tornem referências centrais.

Além de João, referência importante na luta dos cortiços e na articulação entre organizações do centro, cujo perfil detalhamos melhor anteriormente, Carla e Beatriz, lideranças de organizações distintas são as mais citadas por demais líderes. Carla, assim como João é identificada como uma liderança mais jovem no movimento e se tornou importante referência nas lutas das ocupações no centro nos anos 2000. Já, Beatriz, atua no MMC, mas se dedica bastante às articulações dentro do PT e da CMP.

b) Mutirões

Os diferentes processos de mutirões autogestionários, principalmente vividos entre o fim da década de 1980 e meados dos anos 1990, foram marcos históricos importantíssimos para muitas organizações do movimento de moradia em São Paulo e à formação e consolidação de suas lideranças. Foi durante a gestão de Luiza Erundina (1989-1992) na capital que tais processos tomaram corpo, fortalecendo o movimento de moradia e suas lideranças como um profundo aprendizado de construção coletiva e de interlocução com o Estado:

“O processo autogestionário requer a estrutura de um movimento social para se estabelecer e se desenvolver. Isto porque todo processo decisório da obra é feito coletivamente: da escolha do tipo de habitação, passando pela execução e acompanhamento dos gastos até a escolha do padrão de condomínio que será utilizado ao final da obra (...). Para se ter uma obra de mutirão autogestionado, é preciso que o movimento social seja reconhecido como sujeito político autônomo, e desta forma a transferência de recursos e da capacidade decisória seja legitimada pelo aparelho de Estado” (Cavalcanti, 2000, p. 65-66).

⁵⁹ As medidas de centralidade podem ser verificadas no anexo.

Os obstáculos eram grandiosos: conquistar interlocução e recursos junto ao Estado, consolidar organizações como movimento social e pleitear legitimidade e direitos para a empreitada. Por conta disso, a coesão entre militantes e lideranças teve de ser assegurada junto a diversos setores do Partido, da Igreja, mas também das Universidades e das ONGs. É possível dizer que embora esta seja uma combinação compartilhada para formação de todas as lideranças do movimento, para as lideranças atuantes nas regiões que atuam – e atuaram – com mutirões ela foi mais eficaz: tanto porque as lideranças oriundas destes processos se mantêm como as maiores referências para (no sentido de serem referências para “dentro”) e do movimento (como nomes que representam o movimento para “fora”), como devido à intensidade e riqueza das trocas de capacidades intelectuais diversas vivenciadas no período de conjuntura favorável⁶⁰, as quais reverberaram como conquistas inclusive às organizações atuantes no centro da cidade.

Dentre os principais aspectos positivos dos mutirões citados pelas lideranças nas entrevistas, estão em ordem de maior citação: a) formação (educação das pessoas, de lideranças, de militantes); b) fortalece o movimento; c) solidariedade coletiva e mútua; d) autonomia, e) qualidade da habitação. Já entre os aspectos negativos citados pelas lideranças do centro, estão: a) lentidão do poder público (tanto para financiamento como para entrega); b) sobrejornada de trabalho às famílias; c) baixo rendimento para dar conta do déficit habitacional. Para as lideranças atuantes em mutirões, os principais problemas encontrados são dois: a) problemas técnicos e b) o privilégio conferido, pelo poder público, às construtoras.

⁶⁰ “a União se fortalece nesse período imediatamente anterior à posse da Erundina, sobretudo a partir de experiências negativas com o Quérzia no Governo do Estado... Quando a Luiza Erundina assumiu o governo, houve uma pressão do movimento de moradia para que se iniciasse alguma experiência na cidade de São Paulo ... Todo esse ‘caldo’ rebateu na iniciativa da PMSP, que resultou em uma proposta de construção de 11 mil unidades habitacionais, construídas por mutirões com autogestão, além de várias outras iniciativas, como obras de infraestrutura para atendimento de pessoas que moram nas favelas e áreas de risco e também pessoas que moram em cortiços... Do ponto de vista positivo, em primeiro lugar, o mutirão com autogestão garante para o próprio trabalhador a perspectiva de passar a gerenciar recursos públicos. Quer dizer, ele passa a ter poder de fato. Os movimentos em outros governos eram meramente reivindicativos; iam para porta da prefeitura para desestabilizar o Estado...” (entrevista com Dito, apud Cavalcanti, 2000, p. 71-72).

A seguir podemos observar a rede configurada através do eixo de “mutirões” nas entrevistas:



- Lideranças que participaram dos processos de mutirão e hoje atuam preponderantemente no centro de São Paulo;
- Lideranças que sempre atuaram preponderantemente no centro de São Paulo;
- Lideranças cujas trajetórias foram construídas preponderantemente junto aos mutirões autogestionários;
- Outros: membros de ONG's, do Estado, de movimentos de moradia em outros estados, etc.

A princípio podemos dizer que se trata de uma rede menos hierárquica do que a rede formada a partir do tema moradia no centro, já que são identificadas ao menos cinco lideranças mais centrais como referências: Rafael (Zona Oeste-Noroeste/ UMM), Vivian (Zona Oeste-Noroeste/ UMM), Joana (MST-Leste 1/ UMM/UNMP), Tavares (Sudeste-Centro/ UMM/ CMP/ ONG) e Samuel (MST- Leste 1/ UMM). Todos estes atores, citados pelo menos três vezes pelos demais tiveram sua formação intensificada pelas experiências dos mutirões e são consideradas lideranças consolidadas do movimento pelos militantes das mais diversas organizações.

vi. Uma rede de mulheres

Como já dissemos, a maior parte de militantes e lideranças do movimento de moradia em São Paulo é composta por mulheres. E isto também se apresenta em nossa rede do movimento de moradia em São Paulo, na qual podemos identificar a presença de 43 mulheres e 37 homens, tal como na figura a seguir.

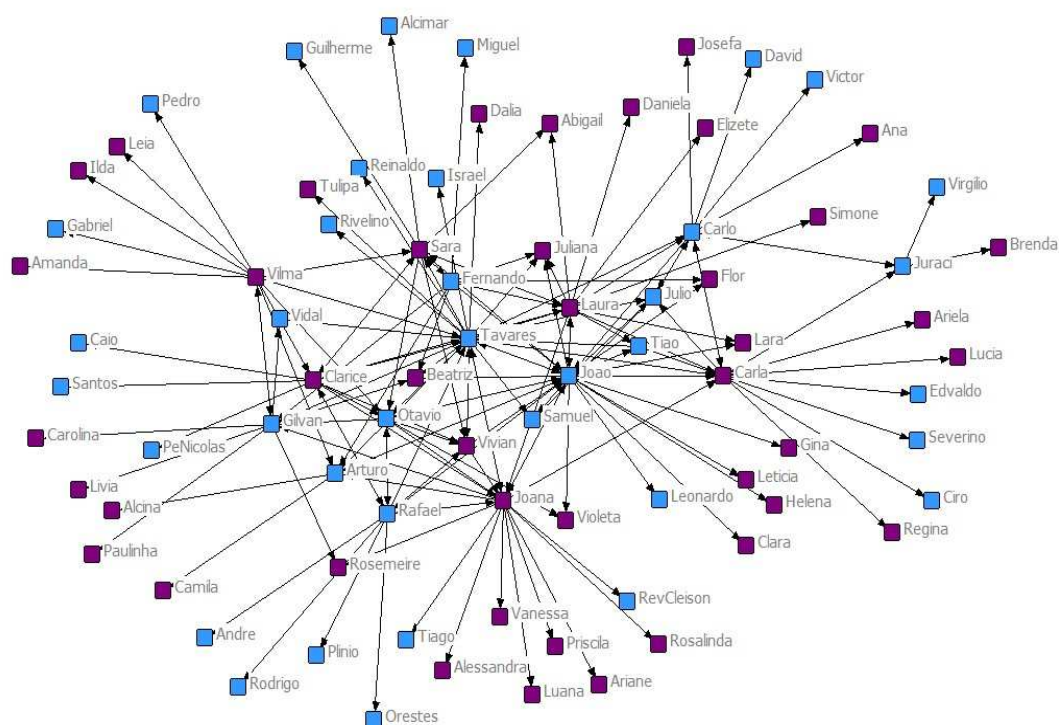


Figura 13 - Rede e Gênero.

Legenda:
■ Homens.
■ Mulheres.

Entretanto, esta maioria numericamente pouco expressiva em nossa rede não reflete a realidade cotidiana do movimento, que nos mostra a olho nu

uma maioria irrefutável de militantes mulheres. Esta diferença entre os números de mulheres na rede total do movimento de moradia e os da realidade cotidiana do movimento se deve ao fato da rede ser muito hierarquizada e indicar preponderantemente lideranças mais reconhecidas entre as próprias lideranças, bem como fortes interlocutores externos, neste caso ainda homens em maior parte. Isto já se revelava em nossas escolhas para as entrevistas: levando em conta os nomes de lideranças que mais apareceram em meio aos trabalhos de campo e ao *survey*, foram entrevistados 11 homens e 7 mulheres. Além disso, temos 66,95% das citações em homens, considerando todos os questionários respondidos para elaboração da rede.

Se fizermos um rápido exercício de retirada daqueles atores que seriam “externos” ao movimento de moradia em São Paulo por não serem parte dele como militantes e lideranças, chegaremos ao sociograma a seguir, que comporta 22 homens e 32 mulheres. E a partir do qual se confirma a maior quantidade de lideranças mulheres no interior do movimento:

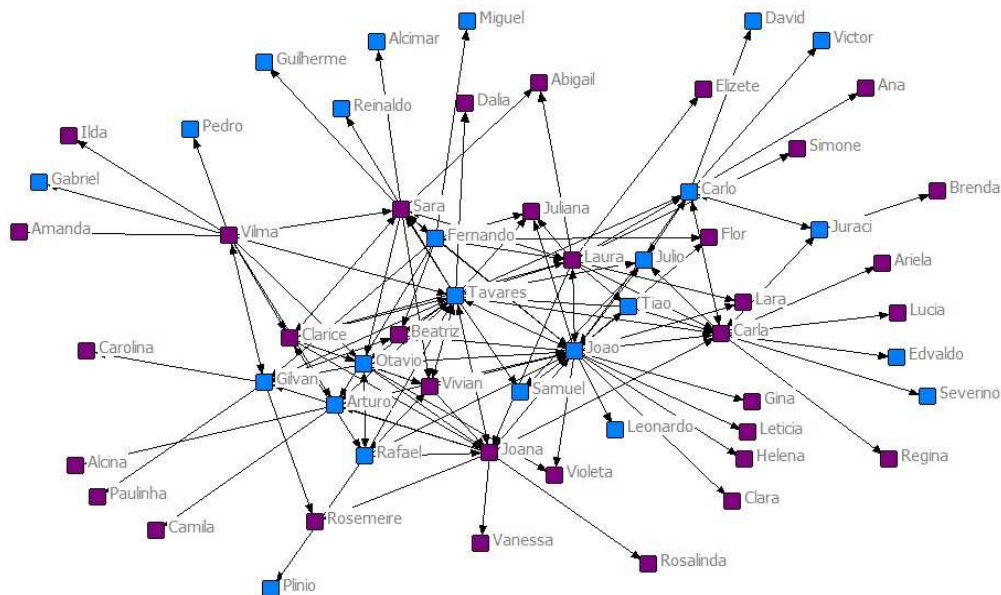


Figura 14 - Rede de Gênero no Interior do Movimento

Porém, se fizermos um segundo exercício de retirar todos os atores homens desta rede de gênero no interior do movimento, veremos que 13

lideranças mulheres perdem as conexões de lideranças que as fazem ser incorporadas à rede, conforme a seguir.

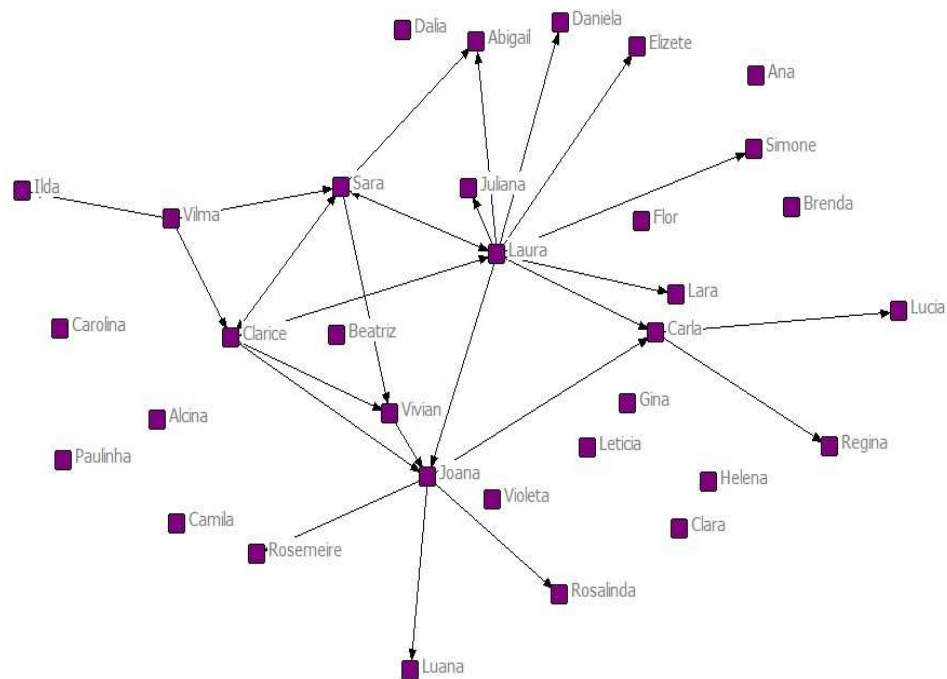


Figura 15 - Rede de Lideranças Mulheres no Interior do Movimento

Isto quer dizer que 40,6 % das lideranças mulheres perdem suas conexões e a integração na rede do movimento senão há o intermédio das lideranças homens. A mesma situação estrutural não ocorre em equilíbrio se fizermos este mesmo exercício, excluindo da rede apenas atores femininos:

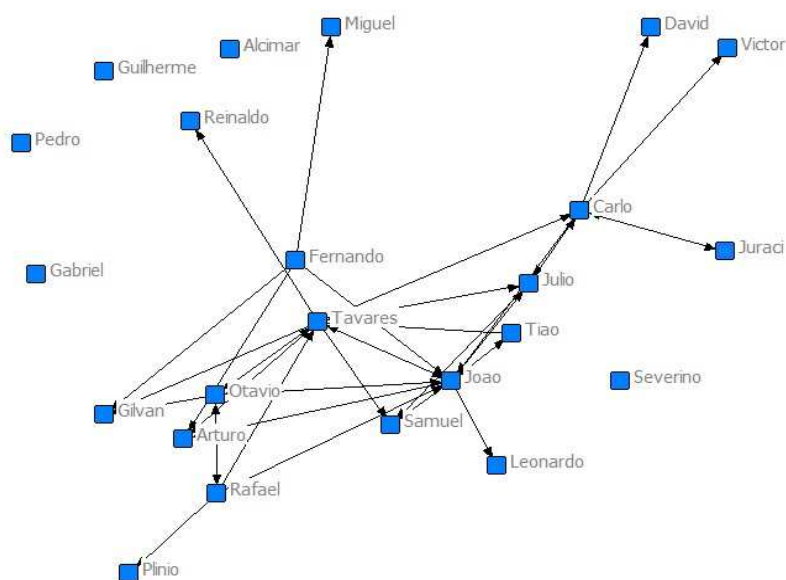


Figura 16 - Rede de Lideranças Homens no Interior do Movimento

No caso das lideranças homens, apesar de serem em menor número, apenas 27,2% perderia suas conexões e a integração na rede caso não houvesse a intermediação de lideranças mulheres. Ou seja, proporcionalmente, as lideranças mulheres necessitam mais da mediação de lideranças homens para se estabelecerem na rede do movimento, o que indica que as posições das lideranças homens tendem a ser mais centrais e estratégicas do que as das lideranças mulheres.

A maior centralidade de homens na rede corrobora com nossas avaliações anteriores de que se vive ainda variadas situações de machismo no movimento de moradia em São Paulo, as quais incidem na formação e consolidação de lideranças. No entanto, esta é uma realidade em transformação. Para além das iniciativas citadas no capítulo anterior, é importante destacar que a maior parte das lideranças femininas optou por fortalecer sua identidade junto a demais mulheres: 54,8% das citações das

mulheres foram em outras mulheres⁶¹. Aliado a isso, é possível identificar que além da Joana, outras lideranças femininas desempenham papéis centrais na rede – em destaque: Laura, Vivian, Sara e Carla. Estas cinco lideranças foram muito citadas e representam a luta por moradia em diversas organizações.

Joana, como visto, tem um papel decisivo na articulação nacional de organizações do movimento e junto ao governo federal. Laura, Vivian e Sara são lideranças, assim como Joana, formadas nas experiências mutirantes e com grande trânsito entre diferentes organizações; as três conhecidas no movimento por serem referências feministas para outras mulheres militantes. Já Carla é a maior referência das duas organizações que coordena no centro de São Paulo: do MSTC e da FLM. Sem dúvida, a essas cinco lideranças femininas são legadas muitas tarefas e atribuições da luta política junto ao Estado, além de serem extremamente reconhecidas por militantes e coordenadores de base que a rede não pôde captar. E são estes fatores que as colocam em posição mais central do que algumas lideranças masculinas consolidadas, como Rafael ou Júlio.

Sendo assim, a realidade das relações entre as lideranças, quando se elucida as diferenciações por gênero, destaca como as militantes mulheres no movimento de moradia de fato precisam acumular mais tarefas e articulações com outros militantes para se fortalecerem e se estabelecerem como lideranças centrais no movimento.

⁶¹ É importante destacar que estes números contemplam a rede total do movimento, incluindo a citação em atores externos ao movimento e que, em contraponto, 47% das citações das lideranças masculinas foram em mulheres.

Considerações Finais

Nossas análises, em meio aos capítulos que apresentamos, destacam alguns aspectos que consideramos fundamentais para compreensão de liderança em movimentos sociais e as especificidades do caso do movimento de moradia em São Paulo. Todos estes aspectos que elucidamos refletem em conclusões acerca de nossa experimentação teórica e metodológica, e as quais exporemos agora. A primeira delas se refere a como os conceitos de classes subalternas e de projeto político podem auxiliar no diagnóstico da atuação intelectual das lideranças no caso do movimento de moradia em São Paulo. E a segunda explicita como os níveis de militância e território influenciam na rede de relações entre as lideranças do movimento de moradia e em sua organicidade em relação às bases.

1. Subalternidade, projeto político e o paradigma intelectuais-lideranças no movimento de moradia em São Paulo

No primeiro capítulo, elucidamos a importância de se analisar as relações de liderança através dos conflitos que elas engendram. Para Gramsci, o conflito de classe emerge como primordial para a análise dos papéis desempenhados pelos intelectuais. E, para dar cabo à análise de lideranças de movimentos sociais por esta chave, a partir de nosso recorte empírico, é preciso entender, mesmo que rapidamente, como a questão de classe aparece no movimento de moradia em São Paulo e como os conflitos trazidos por esta questão reverberam através da ideia de Projeto Político.

De início, é importante ressaltar como Antonio Gramsci elabora pistas para análise da luta de classes através da ideia de subalternidade. A noção de classes subalternas aparece ampliada nos *Cadernos do Cárcere*, e segundo Simionatto (2009), demarca seus nexos dialéticos com o Estado, a sociedade civil, a hegemonia, a ideologia, a cultura e a filosofia da práxis. Ainda, de acordo com a autora, Gramsci:

“Sugere, no estudo das classes subalternas, a observação de uma série de mediações, tais como suas relações com o “desenvolvimento

das transformações econômicas”; sua “adesão ativa ou passiva às formações políticas dominantes”; as lutas travadas a fim de “influir sobre os programas dessas formações para impor reivindicações próprias”; a formação de “novos partidos dos grupos dominantes, para manter o consenso e o controle dos grupos sociais subalternos”; a caracterização das reivindicações dos grupos subalternos e “as formas que afirmam a autonomia” (GRAMSCI, 2002, p.140)” (SIMIONATTO, 2009, p. 42).

Segundo a autora, a categoria “subalterno” e o conceito de “subalternidade” são utilizados mais contemporaneamente para descrever condições de grupos e camadas de classe em situações de exploração ou destituídos dos meios suficientes para uma vida digna (Idem, ibidem). E sendo assim, conseguimos identificar as famílias no interior do movimento de moradia em São Paulo como parte integrante das classes subalternas, pois a condição de subalternidade é latente ao olhar empírico quando se trata da habitação irregular em cortiços, favelas, e em ocupações de prédios vazios e áreas irregulares por famílias de baixa renda. Entretanto essa identificação necessita também “recuperar os processos de dominação presentes na sociedade, desvendando ‘as operações político-culturais da hegemonia que escondem, suprimem, cancelam ou marginalizam a história dos subalternos’ (BUTTIGIEG, 1999, p. 30)” (Idem, ibidem).

E no que tange a compreensão destes processos e a afirmação da autonomia das classes subalternas, o marxista sardo tem duas grandes preocupações: a formação de intelectuais, sobre a qual já discorreremos, e como se dá a luta de classes no interior do Estado:

“A vida estatal é concebida por Gramsci (2000a,p. 42), de modo dinâmico e processual, “como contínua formação e superação de equilíbrios instáveis [...] entre os interesses do grupo fundamental e os interesses dos grupos subordinados.” Isso significa que os interesses do grupo dominante e os dos grupos dominados “implicam-se reciprocamente [...] horizontal e verticalmente”, de acordo com a organização econômica e política de cada Estado-nação. O Estado consiste, ainda, em “todo o complexo de atividades práticas e teóricas com os quais a classe dirigente não só justifica e mantém o seu domínio, mas consegue obter o consenso ativo dos governados” (GRAMSCI, 2000a, p. 331). Para Gramsci, o Estado “anula muitas autonomias das classes subalternas”, pois a “ditadura moderna” ou contemporânea, ao mesmo tempo em que suprime algumas “formas de autonomia de classe, empenha-se em incorporá-las na atividade estatal: isto é, a centralidade de toda a vida nacional nas mãos das classes dominantes torna-se frenética e absorvente” (GRAMSCI, 1977, p. 303), e, nesse processo, torna indistintas as diferenças de classe, fortalecendo a subalternidade. Essa maneira de agir do Estado reveste-se de um grande poder desmobilizador, na

medida em que bloqueia as iniciativas da sociedade civil na articulação de interesses e propostas voltados à luta pela superação entre “governantes e governados”, dirigentes e dirigidos”.

Em nossos capítulos anteriores, explicitamos que principalmente a partir da década de 1990, houve uma ampliação dos espaços de participação no interior do Estado, através de conselhos gestores, orçamentos participativos, fóruns, etc. E as lideranças do movimento de moradia, que estiveram engajadas na construção destes espaços, passaram a disputar neles seus projetos e interesses para a formulação de políticas públicas; fosse através da construção de chapas e bases de voto para a eleição dos membros que compõem tais espaços, ou fosse por meio da assessoria a parlamentares. Gramsci já apontava, em sua obra, as dificuldades deste processo de incorporação das classes subalternas às atividades estatais, afinal, trata-se de um ambiente extremamente desigual, um resultado contraditório da luta de classes. Nas palavras de Bianchi, 2008:

“Estado está destinado a criar condições favoráveis para máxima expansão de um grupo social, mas essa expansão para ser eficaz deve aparecer como expansão universal de toda a sociedade (caderno 13, parágrafo 17), por meio da incorporação à vida estatal das reivindicações e dos interesses dos grupos subalternos, subtraindo-os de sua própria lógica e enquadrando-os na ordem vigente. Incorporação essa que é o resultado contraditório de lutas permanentes e da formação de equilíbrios instáveis e de arranjos de força entre as classes. Um processo limitado pelas necessidades de reprodução da ordem e se restringe ao nível econômico-corporativo” (BIANCHI, 2008, pp.175-6).

A fundamental disputa travada pelo movimento de moradia em São Paulo nas atividades estatais na tentativa de garantir e/ou manter direitos esbarrariam, então, nos limites econômico-corporativos da reprodução da ordem vigente. Mas tal qual sabemos, as experiências das lideranças do movimento junto ao Estado, qualificaram as ações do movimento, gerando novos saberes e técnicas e revelando a dimensão pedagógica da interface com o Estado, ainda de acordo com Bianchi (2008), Gramsci enfatizou esta dimensão educativa e o papel essencial do direito para sua fundamentação:

“A conformação do “homem coletivo” encontra seu momento crucial na passagem do indivíduo singular para a esfera universalizada das classes, e mais especificamente, para aquela esfera na qual as classes se apresentam como sujeitos universais, a esfera da política. Essa passagem era compreendida por Gramsci como uma “relação

pedagógica” ativa, distinta, portanto, de uma mera relação escolar. É no nexo existente entre governantes e governados, dirigentes e dirigidos, intelectuais e não intelectuais que se torna possível identificar de modo mais preciso essa relação e o processo de formação de uma “personalidade histórica”. “Toda relação de hegemonia é, necessariamente, uma relação pedagógica” de construção de novos sujeitos sociais e políticos (caderno 10/II, parágrafo 44). Era essa relação pedagógica, relação de hegemonia que Gramsci tinha em mente quando destacava a tarefa “educativa e formativa do Estado”. É o processo de afirmação de formas civilizatórias que se apresenta nessa tarefa. A incorporação do indivíduo singular do homem coletivo, a afirmação de uma nova forma civilizatória que encontre seu resumo no Estado, exige a aquiescência ativa ou passiva desses indivíduos. Para isso o Direito cumpre uma importante função, não apenas como mero dispositivo jurídico, que atua por meio de sanções legais, mas apresentando uma concepção integral do Direito, p. 192-3.

Este aprendizado das atividades estatais, a partir da década de 1990, que motivou inclusive lideranças do movimento a enveredarem graduações em direito para qualificarem suas disputas por projetos, se consolidou como uma rede complexa de relações entre lideranças, Estado e o Partido dos Trabalhadores. Estas relações estão na base das dissidências do movimento de moradia em São Paulo, pois apesar de todas elas compartilharem os mesmos interesses de classe, nem todas se relacionam com o PT e com o Estado da mesma maneira. É evidente que a capilaridade local também é um fator determinante para que haja mais de uma organização do movimento por bairro, afinal, uma única organização de base e sua coordenação não disporiam de condições objetivas para articular o conjunto de famílias que necessitam de moradia digna em uma mesma região.

De todo modo, diferentes escolhas de relações estratégicas das lideranças com Estado e PT, a depender da conjuntura, foram e são o fator decisivo das dissidências e articulações das organizações deste recorte que analisamos do movimento de moradia em São Paulo (organizações agregadas pela UMM e pela FLM). Apesar de quase todas as lideranças, entrevistadas e citadas na rede que captamos, serem filiadas ao PT há mais de 25 anos, não é a divisão entre correntes e tendências do partido que as diferencia, mas o apoio a diferentes lideranças regionais do PT em suas candidaturas eleitorais:

“tratava-se claramente de uma tentativa de garantir apoio nas eleições para o candidato Chico Alencar, o jornal distribuído na entrada da assembleia mostrava outras lideranças do movimento que

o apoiavam(...). Quase toda a assembleia contou apenas com as falas das lideranças, Gilvan, aparentemente a principal dentre elas, predominou no uso do microfone. Ele tentava relacionar os recursos públicos de habitação com: política, combate à burguesia, garantir a vitória nas eleições da Marta Suplicy e do Chico Alencar, importância das escolhas, e no meio da fala emendou o canto coletivo do clássico do Geraldo Vandré. Concluindo que mesmo que a Marta ganhe vai ter muita luta para garantirem o que ela prometeu. Ao final da assembleia, todos os presentes deveriam levar para casa ao menos dez dos santinhos do Chico Alencar e da Marta Suplicy” (Caderno de campo: Assembleia de uma organização intermediária no período pré-eleições municipais de 2008 – 14 set. 2008).

“estavam chegando todas as lideranças do movimento no centro. Paramos para almoçar com o Tião. Ele nos diz que provavelmente as lideranças de uma das organizações mais importantes da FLM não virão. Diz que apesar de várias lideranças estarem tentando construir essa articulação para o diálogo e a eleição do Haddad, eles não viriam de qualquer jeito. Quando questiono o porquê ele explica que uma das lideranças daquela organização conquistou - por motivos que ele prefere não dizer - uma excelente relação com a atual gestão Kassab, ou membros dela, e provavelmente não vai poder se relacionar com as articulações para a eleição do Haddad, o que enfraquecerá a ação do movimento no centro em defesa dessa e outras candidaturas” (Caderno de campo: reunião de articulação pré-eleições municipais de 2012 – 15 fev. 2012).

“toda eleição é a mesma coisa. O PT e os candidatos nos dividem muito. O Haddad está em Marte e a gente está na Terra. É muito desgaste, precisa ver se vale a pena a articulação...ou cada um faz pelo seu movimento mesmo” (Fala do João. Caderno de campo: reunião de articulação pré-eleições municipais de 2012 – 15 fev. 2012).

“Aqui é movimento, aqui não é PT, por isso a gente precisa escolher bem as palavras...pensar se a articulação é boa para o movimento” (Fala do Gilvan. Caderno de campo: reunião de articulação pré-eleições municipais de 2012 – 15 fev. 2012).

“o Tavares no meio da confusão vem me dizer porque é importante ter um parlamentar para quem ligar nessa hora. Além de ser uma maneira da polícia pensar bem no que está fazendo, as famílias podem perceber que as lideranças de todos os movimentos estão fazendo o possível junto ao Poder Público para que aquilo não aconteça” (Caderno de campo: reintegração de posse de prédio da jornada de ocupações em 2011).

Apenas para as 11 lideranças entrevistadas no questionário de redes, mais de 23 diferentes membros do Estado eleitos pelo PT foram citados entre assessorias, trabalhos conjuntos e apoios. Isto indica a diversidade de possibilidades de relações construídas pelas lideranças do movimento com

outras formas de lideranças, as de seu partido. E estas possibilidades são avaliadas estrategicamente a depender das conjunturas eleitorais. Dessa forma, as diferenças de apoio político entre as lideranças e organizações do movimento tornam duvidosas as interpretações de que há diferentes projetos políticos sendo construídos no movimento de moradia que analisamos. A distinção é muito mais pragmática e se encontra nas estratégias que as lideranças assumem para garantir apoios de parlamentares do partido que eles constroem, em circunstâncias determinadas. É possível inferir que as principais lideranças tem pleno conhecimento dessa estrutura de dissidências e relações, do seu fundamento e de suas consequências nem sempre positivas para as pautas das organizações do movimento. Frases como: “O PT nos divide”, o “PT desgasta muito a gente” são recorrentes em meio às lideranças que consideram a questão importante e permanecem em um esforço crítico cotidiano dessas relações entre partido e movimento social.

Mais recentemente, a partir de 2010, através destes esforços críticos, as lideranças parecem ter atentado ao fato de que o PT é o que divide, mas também o que potencialmente agrega todas as organizações e lideranças do movimento, e, tendo isso em vista, passaram a investir mais nos espaços de articulação e consenso das lideranças, seja por meio de mais ações conjuntas entre as organizações, para construir jornadas de ocupações, por exemplo, seja através da Central de Movimentos Populares que passou a ser mais citada e revigorada nos diálogos entre as lideranças como um ponto em comum entre as organizações do movimento. Este papel de articulação via CMP, fica por conta, principalmente, das três lideranças mais consensuais no movimento: Tavares, Carlo e Julio, conforme detalharemos melhor no item seguinte.

Neste sentido, a percepção de que não há diferentes projetos⁶² no movimento de moradia em São Paulo fica mais precisa ao observarmos de

⁶² É imperioso destacar aqui que as definições das duas organizações agregadoras de seus objetivos e/ou princípios são também muito semelhantes e não indicam diferenças políticas substanciais que justificariam as dissidências:

“A União dos Movimentos de Moradia têm como princípios a construção de movimentos populares de base, com democracia interna, organização horizontal e autonomia, na defesa do direito à moradia e à cidade, de políticas públicas com participação popular e da autogestão como ferramenta de construção de cidadania. Os objetivos que orientam a definição das ações políticas e atividades organizativas da UMM são articulados e complementares entre si e se expressam em nossos eixos de atuação: 1. contribuir com a organização, articulação e fortalecimento dos movimentos de moradia no estado de São Paulo; 2-mobilizar os

maneira ampliada seu contexto, que inclui as relações das lideranças do movimento com o Partido, com o Estado e o balanço crítico que as lideranças tem feito destas. A real disputa de projetos políticos que perpassa as organizações do movimento se mantém, então, numa esfera mais abrangente: de um lado os esforços dissidentes em garantir direitos através de um projeto democrático e participativo, construído através da ideia de Reforma Urbana; e

Movimentos de Sem Teto para pressionar os órgãos Públicos para que implantem programas habitacionais para população de baixa renda; 3-aprofundar as relações com as diversas esferas de governo, participando das instâncias institucionais de controle social, apresentando as propostas dos movimentos de moradia e negociando alternativas de programas e atendimento as demandas populares; 4-incidir na implementação do Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social no Estado de São Paulo e nos municípios paulistas; 5-aprofundar as relações com entidades do campo popular, a partir da compreensão de que é preciso somar esforços e buscar apoios para as diversas frentes de reivindicação e negociação; 6-fortalecer a articulação da UMM com as redes locais de luta pela Reforma Urbana e Direito a Cidade; 7-implementar um programa de capacitação continuada para os participantes dos diversos movimentos de moradia, no sentido de atualizar e de formar novas lideranças, com perfil democrático e comprometido com as bandeiras de luta; 8-estabelecer uma política de comunicação sistemática entre os movimentos e com a sociedade em geral; 9--manter um local de referência para a UMM, no que se refere à documentação, informações e contatos”

(http://sp.unmp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=100&Itemid=97– acesso em 11 mar. 2015).

“A Frente de Luta por Moradia (FLM) é um coletivo de luta por moradia, formado por representantes de movimentos autônomos que somam esforços para conquistar projetos habitacionais. Os movimentos que integram a Frente são comprometidos com a implantação de políticas sociais destinadas à população de baixa renda. A FLM estimula e articula ainda lutas populares em geral, defendendo a luta popular permanente, o mais abrangente possível, com participação intensa das famílias. A Frente participa de outras organizações de luta social, em âmbito internacional, nacional, estadual, regional e municipal, visando somar esforços no sentido de fortalecer o desenvolvimento de programas habitacionais e sociais para as famílias de baixa renda. Princípios: 1. A FLM é um coletivo de luta por moradia, constituído de representação de movimentos autônomos que somam esforços para conquistar projetos habitacionais. Embora esteja assegurada a autonomia de cada movimento, seus procedimentos não podem ser incompatíveis com os princípios gerais da Frente; 2. A FLM entende que a melhora das condições de vida das famílias de baixa renda ocorrerá somente por um processo de luta popular permanente, o mais abrangente possível, com a participação intensa dessas famílias, em defesa de seus interesses econômicos, sociais e políticos; 3. Deste modo, a FLM trabalhará incansavelmente para viabilizar lutas populares, de modo mais amplo possível, em defesa de projetos habitacionais para famílias de baixa renda, mas também projetos sociais de interesse popular, Reforma Urbana, e combaterá todos os entraves que se apresentem e impeçam o desenvolvimento de uma sociedade igualitária; 4. A FLM entende que a participação popular e organização de base são o elemento-chave para melhorar as condições de vida das famílias de baixa renda, por isso dará prioridade à organização de grupos de base em diferentes pontos da cidade, regidos pela democracia interna; 5. O papel da FLM é de facilitar as lutas populares o mais abrangente possível. Entretanto, apoiará lutas específicas de movimentos organizados que sintam/tenham necessidade de travar luta localizada; 6. Todas as conquistas obtidas pela FLM serão partilhadas proporcionalmente à participação quantitativa e qualitativa de seus movimentos organizados; 7. A FLM participará de outras organizações de luta por moradia e social, visando somar esforços no sentido de fortalecer o desenvolvimento de programas habitacionais e sociais para as famílias de baixa renda” (Princípios da FLM: <http://www.portalfilm.com.br/frente-de-luta-por-moradia/principios> - acesso em 11 mar. 2015).

de outro lado o projeto neoliberal que prevê a isenção progressiva do Estado na garantia e construção de direitos, o qual tem seu discurso construído nos conflitos pelo território urbano através da ideia de “Revitalização das Cidades”.

A noção de projeto político que mobilizamos aqui é aquela que se apresenta na obra de Dagnino (2002) que “usa o termo projeto político ‘num sentido próximo da visão gramsciniana, para designar os conjuntos de crenças, interesses, concepções de mundo, representações do que deve ser a vida em sociedade, que orientam a ação política dos diferentes sujeitos’ (p. 282, n. 3)” (RIZEK, 2003, p.163). Trata-se de um conceito que enfatiza o vínculo indissolúvel entre cultura e política:

“Nossa hipótese central sobre a noção de projetos políticos é que eles não se reduzem as estratégias de atuação política no sentido estrito, mas expressam veiculam e produzem significados que integram matrizes culturais mais amplas. [...]. Assim, os distintos projetos políticos, ao mesmo tempo em que se ancoram em configurações culturais existentes, também elaboram e introduzem novos elementos, tensionando e transformando o repertório cultural da sociedade” (DAGNINO, OLVERA E PANFICHI, 2006, p. 39-40).

Para Dagnino, Olvera e Panfichi (2006) é possível identificar dois principais projetos polarizadores dos conflitos teóricos e políticos nas relações Estado – sociedade civil na América Latina: o projeto neoliberal e o democrático-participativo:

“O projeto neoliberal tem como eixo organizador ajustar a economia e a sociedade para o pleno desenvolvimento do capital internacional. Esta concepção é marcada também por uma nova configuração na relação Estado e sociedade civil, adequando o Estado a esta nova realidade, uma vez que este é visto como responsável por gastos excessivos, ineficiente, burocrático e corrupto. Sendo assim, a solução para este Estado é a transferência das responsabilidades sociais estatais para a sociedade civil e para o setor privado, a privatização de empresas estatais, dentre outras medidas para reduzir os gastos do Estado (...).

Por outro lado, o projeto democrático-participativo “[...] estaria constituído por uma concepção de aprofundamento e radicalização da democracia, que confronta com nitidez os limites atribuídos à democracia liberal representativa como forma privilegiada das relações entre Estado e sociedade” (DAGNINO; OLVERA; PANFICHI, 2006, p. 48). Este é o núcleo central deste projeto.

Embora ambos os projetos, democrático-participativo e neoliberal, se denominem democráticos, o primeiro acredita que pela ampliação da participação democrática é possível diminuir as desigualdades sociais à medida que essa discussão contribui para a formulação de políticas públicas com esse objetivo. Dessa forma, podemos dizer que há uma relação orgânica entre o projeto democrático-participativo e os

interesses das classes subalternas. O projeto neoliberal, por outro lado, orienta-se por interesses que visam a expansão do grande capital internacional e a manutenção da ordem capitalista, admitem uma participação democrática limitada, de preferência em ações em que a sociedade civil ocupe a posição do Estado no trato da questão social. Entretanto, segundo Dagnino, Olvera e Panfichi (2006) esses projetos têm se configurado por discursos muito parecidos, que incentivam a participação da sociedade civil. Para o projeto neoliberal o discurso participacionista de revalorização da sociedade civil visa garantir o consentimento da sociedade civil para a privatização das políticas públicas, enquanto o projeto democrático participativo tem como princípio a extensão e generalização do exercício dos direitos” (FERRI, 2009, p.23).

Estes discursos parecidos entre os dois projetos são conformadores daquilo que Dagnino (2004) denomina como *Confluência Perversa*. A perversidade se encontra no uso de referências discursivas aparentemente comuns por projetos políticos antagônicos, referências como:

“participação, sociedade civil, cidadania, democracia. Nessa disputa, onde os deslizamentos semânticos, os deslocamentos de sentido, são as armas principais, o terreno da prática política se constitui num terreno minado, onde qualquer passo em falso nos leva ao campo adversário. Aí a perversidade e o dilema que ela coloca, instaurando uma tensão que atravessa hoje a dinâmica do avanço democrático no Brasil. Por um lado, a constituição dos espaços públicos representa o saldo positivo das décadas de luta pela democratização, expresso especialmente —mas não só— pela Constituição de 1988, que foi fundamental na implementação destes espaços de participação da sociedade civil na gestão da sociedade. Por outro lado, o processo de encolhimento do Estado e da progressiva transferência de suas responsabilidades sociais para a sociedade civil, que tem caracterizado os últimos anos, estaria conferindo uma dimensão perversa a essas jovens experiências” (DAGNINO, 2004, p.97).

Ao atentar para a existência da então chamada Confluência Perversa, a autora pretende destacar os riscos políticos vividos pelos movimentos sociais e outros em sua participação em instâncias decisórias do Estado, pois suas atuações podem acabar servindo aos objetivos do projeto que lhes são antagônicos. Para nós, o conceito de projeto político e a noção de confluência perversa auxiliam a compreensão de como estão dispostos os conflitos de classe no interior do Estado, e o grande desafio das lideranças de movimentos sociais como intelectuais em disputar tomadas de decisão e políticas públicas em favor das classes subalternas que representam. A confluência perversa entre discursos de projetos políticos antagônicos dificulta profundamente e por

muitas vezes marginaliza a ação cotidiana dos movimentos sociais na construção de seus projetos.

Ao voltarmos o olhar para o movimento de moradia em São Paulo, há o caso emblemático da Associação Viva o Centro e do Fórum Centro Vivo, que denuncia referências discursivas comuns entre interesses de classe irreconciliáveis entre o capital imobiliário e a defesa da moradia digna e ocupação do centro pela população de baixa renda, nas palavras de Trindade (2014):

“O centro de São Paulo deve ser compreendido como um palco de disputas políticas. No presente cenário, podemos identificar dois projetos principais envolvidos em tal disputa sobre as políticas relacionadas à área central da cidade. De um lado, o projeto “empresarial”, encarnado pela Associação Viva o Centro. De outro, o projeto “popular”, colocado pelo Fórum Centro Vivo. A Associação Viva o Centro, entidade civil criada em 1991 e formada majoritariamente por setores empresariais, defende uma ampla política de requalificação do centro da capital paulista, com o objetivo fundamental de inserir São Paulo no circuito das cidades mundiais (...) Não por acaso, no final do ano de 2000, é criado, a partir de uma ampla articulação envolvendo diversos atores, o Fórum Centro Vivo (FCV), organização que assumiu como objetivo principal se contrapor ao projeto de renovação/requalificação de caráter empresarial defendido pela Viva o Centro (...).

É interessante ressaltar que o próprio nome da organização em questão já representa um contraponto à ideia de que o centro tenha perdido sua vitalidade em função de um suposto processo de degradação ou deterioração, e por isso precisa ser “revitalizado”. O nome Fórum *Centro Vivo* apresenta uma outra interpretação, de que o centro, na ótica das camadas populares, está, afinal de contas, “vivo”. (...) este contraponto entre a visão das elites e a visão dos mais pobres sobre o centro da cidade é uma das características principais dos embates políticos envolvendo a área central de São Paulo. E, evidentemente, a intenção clara é se contrapor à Associação Viva o Centro, entendida aqui como a porta voz de um projeto de renovação urbana elitista” (TRINDADE, 2014, p.108).

Como sabemos, a defesa da moradia no centro aos pobres é pauta importante e cada vez mais recorrente nos espaços do movimento de moradia em São Paulo. E, por conta disso, o caso da Associação Viva o Centro é tão emblemático, afinal, quando a ideia de renovação ou requalificação urbana, defendida por setores dominantes da sociedade, se confunde com as lutas pela criação de condições e direitos próximos à ideia de Reforma Urbana, exige-se das lideranças do movimento uma maior capacidade de articulação de forças

políticas e de criação de novos conteúdos, formas e intensidades para os discursos e ações de suas organizações, em diversos níveis. Como foi o caso da criação do Fórum Centro Vivo, que agregou diferentes elaborações e instituições, dentre elas: União dos Movimentos de Moradia (UMM); Central dos Movimentos Populares (CMP); Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos; Movimentos dos Ambulantes de São Paulo (MASP); Centro de Mídia Independente (CMI); Pólis – Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais; Integração Sem Posse; Movimento Nacional de Luta em Defesa dos Direitos da População de Rua (MNPR); Frente de Luta por Moradia (FLM); Movimento Passe Livre (MPL); Marcha Mundial das Mulheres; Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM); Movimentos dos Trabalhadores Sem-Teto do Centro (MSTC), Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (LabHab – FAU/USP) (TRINDADE, 2014, p.111).

Tendo essas questões e conceitos em vista, é preciso retornar às formulações de Gramsci para analisarmos o paradigma intelectual-lideranças no movimento de moradia em São Paulo. Em primeiro lugar, quando trazemos a tona a questão da subalternidade e da autonomia das lideranças frente ao Estado, é possível inferir que o papel intelectual desempenhado por cada uma delas está extremamente vinculado às relações que constroem junto às lideranças do PT. Isto significa que do ponto de vista das capacidades intelectuais identificadas por Gramsci, as lideranças se mantêm em suas organizações ou geram dissidências no interior do movimento de acordo com avaliações estratégicas, com o desenvolvimento de sua capacidade de dirigência para garantir às suas bases o melhor apoio político quando necessário for.

Em segundo lugar, e apesar das avaliações estratégicas, o pragmatismo da capacidade dirigente se encerra na organicidade que as lideranças do movimento de moradia mantêm junto ao projeto democrático-popular do Partido dos Trabalhadores. Esta organicidade, que se constrói desde a década de 1980, é o eixo comum das organizações e hoje é tida entre grande parte das lideranças como a chave para as articulações e para o fortalecimento das lutas comuns das organizações por moradia digna, através da CMP. Este fortalecimento, entretanto, deriva de um balanço crítico das

lideranças de que as lutas não diminuíram com a ascensão do PT a diversos cargos públicos, logo, é preciso mais reconhecimento e apoio mútuo entre as próprias organizações do movimento para conquistas mais abrangentes.

Em terceiro lugar, é importante destacar que a relação partido-movimento complexifica a compreensão da autonomia intelectual das lideranças frente a um Estado em sentido restrito preenchido por parlamentares e membros do executivo oriundos do PT e que com elas compartilhariam um mesmo projeto político. Esta complexidade se intensifica nas disputas com o projeto neoliberal em diferentes esferas, inclusive na discursiva quando na construção de pautas e políticas públicas. Estas disputas obrigam as lideranças a qualificarem suas capacidades intelectuais técnicas e criativas para proposições e elaborações na tentativa de garantir os interesses de suas bases nas instâncias públicas de decisão.

Por último, destacamos ainda a necessidade de observarmos como se dá a mediatização entre tradição e organicidade no que se refere à relação lideranças-base no movimento, conforme veremos no item a seguir.

2. As relações no movimento de moradia em São Paulo: os níveis de militância, de território e a questão da organicidade

Para compreensão mais apurada da ideia de organicidade das lideranças quanto ao projeto político que visam construir e às bases que pretendem representar no movimento de moradia em São Paulo, é preciso avaliar como se estabelecem as relações entre cada perfil de liderança nos diferentes níveis do movimento (local-estadual-nacional) e a interferência ou não dos territórios em que atuam no seu contato com a base e com demais lideranças.

A seguir, ilustramos a partir da rede total do movimento de moradia em São Paulo, como se apresentam as lideranças de acordo com os níveis de militância do qual fazem parte. Para orientar a compreensão, simplificamos a categorização dos níveis de militância elaborada no Capítulo 3 para: a) lideranças mais consensuais entre as organizações; b) lideranças nacionais; c) lideranças intermediárias 1; e d) lideranças intermediárias 2. Abaixo, na legenda, maiores detalhes sobre cada um destes níveis.

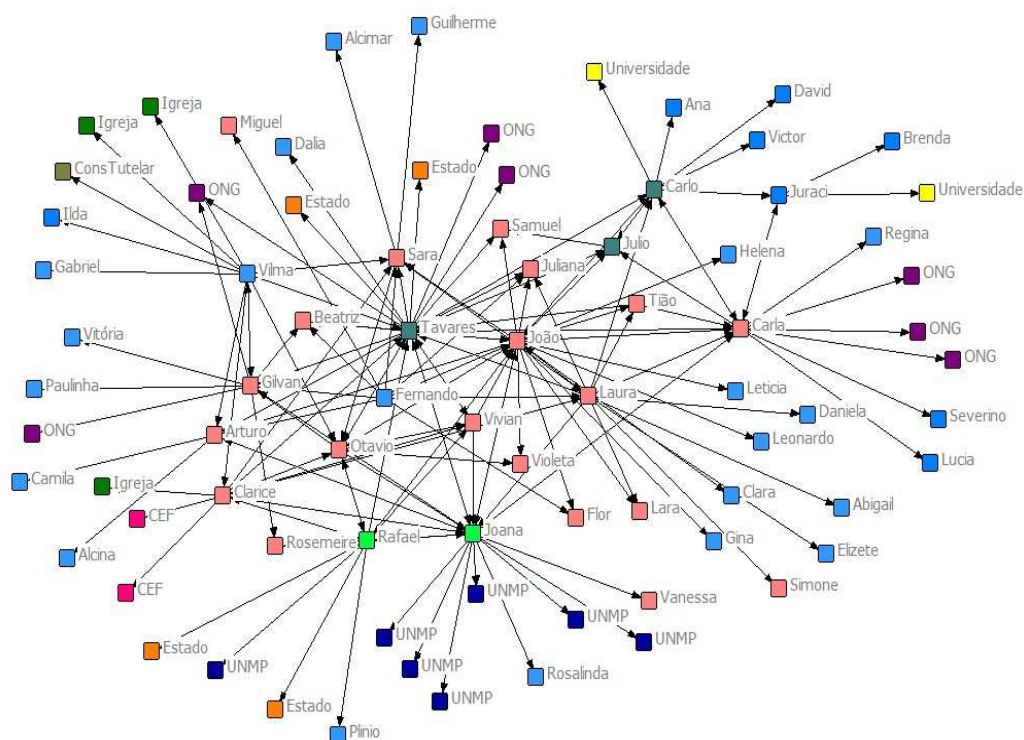


Figura 17 - Lideranças por Níveis de Militância e Atores Externos

Legenda:

- **Lideranças mais Consensuais (3):** aquelas amplamente reconhecidas pelos esforços em articular a unidade entre diferentes organizações, através da atuação na CMP e da presença em diferentes níveis do movimento (local-estadual-nacional);
- **Lideranças Nacionais (2):** aquelas que apesar de ainda trabalharem também em suas organizações locais, são muito mais conhecidas como lideranças nacionais na luta por moradia digna;
- **Lideranças Intermediárias 1 (20):** aquelas muito atuantes em mais de um nível do movimento, centrais no trânsito de informações e tarefas entre as lideranças, mas não necessariamente entre as bases;
- **Lideranças Intermediárias 2 (29):** aquelas que mesmo que atuem em mais de um nível do movimento, voltam seus esforços mais à atuação local e são mais amplamente conhecidas entre as bases;
- Caixa Econômica Federal (2)
- Igreja (3)
- Conselho Tutelar (1)
- Estado (4)
- ONG (7)
- Universidade (2)
- UNMP (7)

Antes de partirmos diretamente para análise do sociograma, é importante ressaltar o caráter de sua elaboração, pois esta se origina de um questionário direcionado às lideranças quanto às suas identidades políticas em relação a demais militantes. As lideranças entrevistadas poderiam, por exemplo, ter citado membros da base, pois tiveram a oportunidade, mas isto, como se pode aferir através da imagem, não ocorre: a maior parte das lideranças citam demais lideranças em diferentes níveis, ou, com menor recorrência, citam atores externos ao movimento. E isto remonta à ideia de homofilia bastante habitual no vocabulário da Análise de Redes Sociais: “Homofilia significa a ocorrência de relações entre atores que possuem atributos similares, e sua tendência nas redes sociais pode ser sintetizada na expressão ‘os iguais se atraem’” (KUNRATH SILVA; ZANATA Jr., 2011-2012, p.117).

Muito embora a rede conte apenas com lideranças e alguns atores externos (membros do Estado, de ONGs, etc.), isso não a torna homogênea. Por meio dos olhares para a rede, alimentados por nosso trabalho de observação participante, é possível notar as importantes nuances entre os atores nela presentes. Dentre os atores entrevistados e/ou citados estão lideranças muito diferentes entre si, no que se refere às atribuições no movimento, interlocução com as bases, articulação da militância e o reconhecimento por outras lideranças e atores externos.

Os dados agregados apresentam **29 lideranças intermediárias 2**, **20 lideranças intermediárias 1**, **3 lideranças** mais consensuais, **2 lideranças** nacionais e um total de **26** atores externos. As lideranças intermediárias somam 49 atores, constatando o apontamento já presente no capítulo 2 de que estas são a maior parte das lideranças presentes no movimento. Recortamos este nível de militância em dois tipos: tipo 1 e tipo 2 porque se tratam de dimensões distintas das atribuições de liderança. As lideranças intermediárias como um todo, percorrem e/ou representam diferentes instâncias do movimento de moradia, sejam organizações de base, estaduais, ou até mesmo nacionais, em menor escala. No entanto, as lideranças intermediárias de tipo 1 representam as organizações das quais fazem parte de maneira a transitarem intensamente nos diversos círculos no interior do movimento, nos quais

concentram seus esforços de articulação e reconhecimento. São lideranças mais reconhecidas e acessadas por outras lideranças do que pelas bases. Já as lideranças intermediárias 2, em geral, são aquelas que apesar de transitarem em alguns círculos ampliados do movimento, permanecem muito mais ligadas à ação local, à coordenação e à atenção mais direta aos grupos de base.

As lideranças “mais consensuais” e as que chamamos de “nacionais” são bem menos conhecidas da base e atuam preponderantemente na articulação das organizações em todos os níveis. As mais consensuais são aquelas que são reconhecidas por outras lideranças pelo esforço na coesão das pautas e atividades entre diferentes organizações, sejam elas no âmbito da UMM ou da FLM, mas sempre através da tentativa de reavivar a Central de Movimentos Populares como agente de consenso entre as organizações. O caso das lideranças nacionais remonta a lideranças que, a depender da conjuntura e da agenda de representação nacional do movimento que precisem cumprir, tornam-se completamente desconhecidas da base, pois atuam muito diretamente com o fortalecimento da pauta da moradia digna junto ao governo federal.

Para não permanecerem dúvidas acerca da elucidação do que representam as atribuições de cada categoria de análise, o perfil de liderança de cada uma destas que foi apresentado no último capítulo: o João corresponde à categoria “liderança intermediária 1”, o Tavares corresponde à categoria “liderança mais consensual” e a Joana corresponde à categoria “liderança nacional”. As “lideranças intermediárias 2”, embora sejam grande parte do contingente não despontam com grande centralidade na rede, permanecendo mais à margem desta.

Neste sentido, a centralidade das lideranças na rede se concentra entre as lideranças “nacionais”, as lideranças “mais consensuais” e algumas dentre as lideranças “intermediárias 1”. O que significa que o reconhecimento e a identificação das lideranças por outras não está condicionada à ideia de prestígio daquelas que seriam consideradas as “maiores” lideranças, tendo em vista às atribuições mais amplas (estaduais e nacionais) e o diálogo intenso com outras organizações dentro e fora do movimento. Até porque, pelo menos

29 vezes as lideranças entrevistadas quiseram estar identificadas com lideranças mais atuantes junto às bases.

No que se refere à questão territorial, a seguir, identificamos novamente que prevalece uma maior quantidade de lideranças oriundas das ações no centro da cidade. É fundamental destacar, entretanto, que no caso das lideranças mais centrais cuja militância não se origina no centro, suas atuações hoje são muito voltadas às atividades promovidas no centro da cidade, e este é o caso de oito lideranças: Tavares, Laura, Julio, Joana, Otávio, Sara, Rafael e Vivian. Este também é o caso de algumas poucas lideranças intermediárias de tipo 2, que precisam se deslocar quando necessário para o auxílio das lutas do centro, tais como: Simone, Vanessa, Camila e Ana. Abaixo o sociograma, para ilustrar a questão territorial mais claramente.

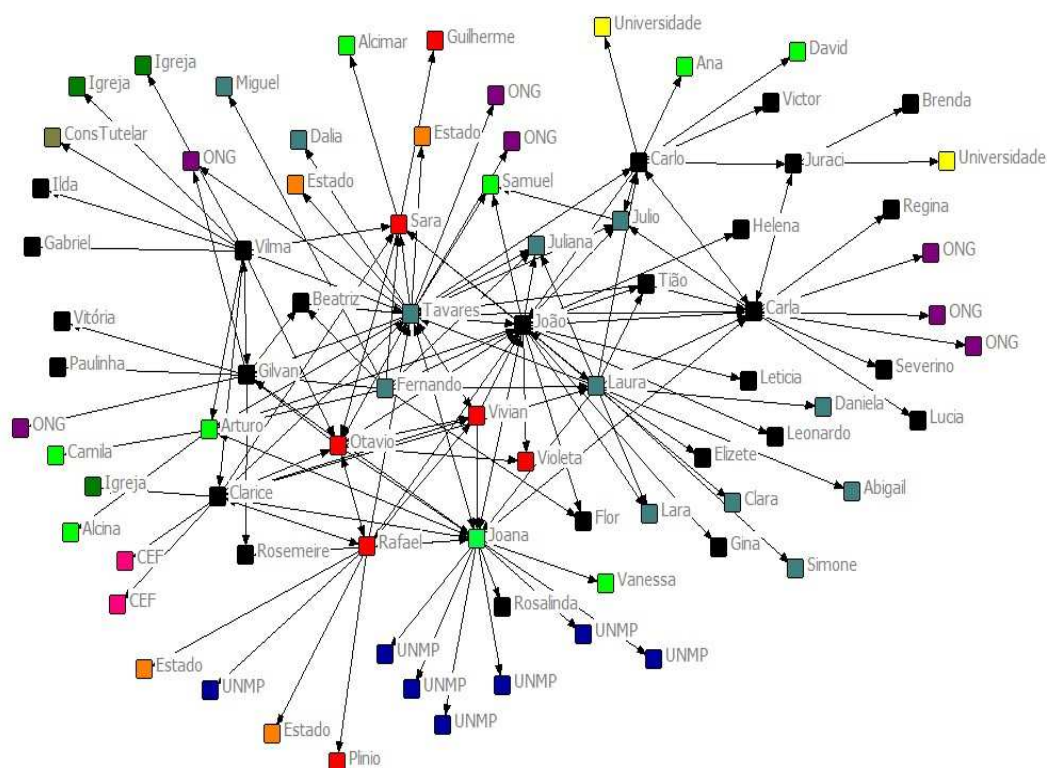


Figura 18 - Lideranças por Região da Cidade

Legenda:

- Lideranças do Centro (26)
- Lideranças das Zonas Sul e Sudeste (12)
- Lideranças das Zonas Oeste, Norte e Noroeste (7)
- Lideranças da Zona Leste (9)
- Caixa Econômica Federal (2)

- Igreja (3)
- Conselho Tutelar (1)
- Estado (4)
- ONG (7)
- Universidade (2)
- UNMP (7)

A concentração das lideranças no centro da cidade – 26 identificadas no sociograma pela origem mais 8 que nele atuam prioritariamente – remonta à intensidade dos conflitos pelos recursos de habitação e por visibilidade entre as organizações na região. Visibilidade esta muito relacionada à proximidade dos recursos políticos sejam eles parlamentares, reuniões do conselho municipal, locais para manifestações ou prédios vazios (sem função social sendo exercida) para ocupações.

Mas, afinal, o que os níveis de militância e de território na rede de lideranças nos diz sobre o papel intelectual por elas exercido?

De início, é possível dizer que apesar da fragmentação em diferentes organizações por diversos níveis (local-estadual-nacional), o movimento de moradia em São Paulo tem uma grande, complexa e coerente hierarquia interna do ponto de vista institucional. Trata-se de um movimento cujos atores tem papéis muito claros e os níveis de decisão e articulação das ações contam com lideranças específicas e determinadas para estas ações, posicionadas estrategicamente no centro da cidade.

No entanto, esta hierarquia é fruto e alvo constante de seus conflitos ulteriores: de gênero, de envelhecimento dos quadros militantes, e da distância das bases. E todos estes conflitos revelam as dificuldades quanto à organicidade destes intelectuais. Todas as lideranças citadas na rede já atuam no movimento de moradia há pelo menos 15 anos, sejam elas intermediárias, consensuais ou nacionais, com exceção da Paulinha, única liderança com menos de 30 anos, que está há 7 no movimento. Porém, a longevidade deste centro diretivo indica uma ampla reprodução e manutenção da hierarquia, como já indicamos nos capítulos anteriores.

Esta reprodução dos meios dirigentes das lideranças acaba por reverberar na ampliação da quantidade de lideranças intermediárias de tipo 2, que já são maioria em uma rede que capta principalmente os atores mais

centrais, pois são elas essenciais para a manutenção das bases no interior do movimento. Esta ampliação se deve prioritariamente ao acúmulo de tarefas e informações junto às lideranças mais centrais.

Isto porque as principais lideranças (consensuais, nacionais e intermediárias 1) transitam por diversas organizações e níveis do movimento; constroem junto a seus pares a agenda de lutas do movimento; passaram a assessorar parlamentares; tornaram-se membros dos Conselhos e coordenação de articulações de lutas (FNUR, CMP); ampliaram sua capacidade técnica, graduando-se e pós graduando-se nas áreas do direito, arquitetura, assistência social; auxiliam na conciliação e aquisição de recursos para evitar despejos e reintegrações de posse...e assim por diante. Todas estas atribuições que formam uma lista quase sem fim, principalmente, a partir da década de 1990 fazem com que:

- a) Não sobre as principais lideranças tempo e/ou fôlego para interagir diretamente, conhecer e ajudar a formar as bases locais;
- b) Por haver um centro diretivo muito fortalecido pelas principais lideranças com estes acúmulos de funções e a ampla identidade e reconhecimento entre elas próprias, há pouco espaço para que as lideranças intermediárias 2 assumam categorias acima na hierarquia. Essa dificuldade é ainda maior no caso das mulheres, como vimos, as quais são a grande parte das lideranças intermediárias de tipo 2 (65% apenas das que aparecem na rede) e das bases;
- c) As lideranças intermediárias 2 ficam com grande parte do trabalho organizativo, tanto para suprir a ausência da liderança principal de seu bairro, como para manter a atenção, mesmo que mínima às bases;
- d) A liderança intermediária 2 tem menos possibilidades de circular e se formar para adquirir e articular conhecimentos de dirigência, técnicos e criativos para compartilhar com os demais militantes e manter a base integrada ao projeto político;
- e) Da mesma forma, um membro da base integrada ao movimento que poderia vir a assumir cargos de coordenação não consegue se tornar liderança, apenas auxiliar a coordenação feita pela liderança intermediária de tipo 2 local com quem ele interage cotidianamente;

O resultado desta “inequação” da hierarquia é que toda a rede de lideranças está sobrecarregada de tarefas, e a base cada vez menos integrada ao projeto político do movimento e, assim, cada vez mais pragmática em uma espera ativa, mas em grande parte acrítica, por recursos habitacionais. E este é um dado da organicidade das lideranças enquanto intelectuais para suas bases. Pois se considerarmos a proximidade e a formação das bases como atributo fundamental da organicidade intelectual das lideranças de movimentos sociais, o movimento de moradia em São Paulo tem em suas lideranças locais (intermediárias) um potencial muito pouco explorado para fortalecer a militância e o projeto político que defendem. Já na consolidação e na reprodução de seu centro diretivo pelas lideranças mais centrais, apesar do grande comprometimento que estas tem com as bases e com a Reforma Urbana, há uma perigosa carga de tradição que em determinadas conjunturas pode levar ao imobilismo e comprometer as conquistas do movimento.

3. Desafios para uma agenda de pesquisa sobre lideranças de movimentos sociais

É importante rememorar, por fim, nosso pressuposto de pesquisa: a liderança é uma forma de relação política complexa, que só pode ser analisada através das demais relações sociais que a sustentam. A complexidade da relação de liderança reside nos inúmeros conflitos pelos quais ela está preenchida: de classe, de gênero, intergeracional, territorial, partidária, etc.

Acreditamos que relações sociais fortes – sejam fortalecidas pelo tempo, pelas origens e conflitos de classe, pelo reconhecimento, por laços afetivos, de identidade étnica, de gênero, etc. – geram lideranças fortes. E que lideranças fortes, quando se relacionam em experiências comuns e intensas da luta política, criam centros diretivos fortes aos movimentos sociais.

Com vistas a explicitar esse pressuposto, elencamos algumas intenções de pesquisa que foram desenvolvidas durante o processo de investigação e detalhadas aqui. Uma delas foi explicitar de maneira introdutória nosso tipo de abordagem ampliada do tema, e o caráter experimental e coletivo do uso de diferentes metodologias para obtenção dos nossos resultados de

pesquisa. Este caráter perpassou toda dissertação, na qual apresentamos dados variados e análises contextualizadas sobre cada um deles à luz de um pormenorizado trabalho de campo realizado de 2008 a 2012.

A segunda intenção consistiu em explicar a concepção de intelectual na obra de Antonio Gramsci, no intuito de dela recuperar os profícuos elementos teóricos que nos permitem olhar a partir de um novo prisma o que se pode compreender por liderança. Para isto, destacamos alguns dentre os parâmetros conceituais do autor para análise das categorias intelectuais e das lideranças de movimentos sociais: a importância da avaliação das relações de classe e da conjuntura política para compreensão do papel intelectual desempenhado; a distinção intelectual do líder através de um conhecimento sistematizado; a valorização dos conhecimentos da vida prática e das experiências políticas; e, por fim, os dilemas envolvidos entre categorizar intelectuais orgânicos e/ou tradicionais.

Como terceira intenção de pesquisa, elucidamos o panorama mais geral das configurações de liderança no movimento de moradia na cidade de São Paulo, por meio de um breve histórico sobre as organizações do movimento, sua heterogeneidade, hierarquia, e os diversos níveis de atuação militante que nelas podemos encontrar. Assim como verificamos, as trajetórias compartilhadas pelas lideranças e os conflitos latentes em meio ao movimento: intergeracional, de gênero, etc.

Já a quarta e última dentre as nossas intenções se apresenta junto à análise de redes sociais aplicada ao Movimento de Moradia na cidade de São Paulo em 2011 para demonstrar quais são e como são os vínculos que permitiram a algumas lideranças de nosso campo empírico se fortalecerem mais do que outras. Como visto durante a exposição, também recuperamos parte da bibliografia internacional recente, e alguns conceitos que permitem analisar mais precisamente a importância das relações como elemento definidor de liderança.

Todas estas intenções abrangidas visaram responder nossa problematização central à concepção da pesquisa: como estão construídas as relações de liderança no movimento de moradia em São Paulo entre 2008 e 2012? E as possibilidades de respostas compreendidas pelos três capítulos apresentados estão condicionadas a diversos fatores, dentre eles: lacunas

teóricas, recorte do campo empírico, proposta de abordagem teórica, ampla experimentação metodológica, etc. Tais condicionantes foram primordiais para avaliação da exequibilidade da pesquisa no interior desta temática, e também apontam os desafios para continuação dos estudos sobre lideranças em movimentos sociais.

As lacunas teóricas apontam a necessidade de balanços bibliográficos mais aprofundados sobre aquilo que já foi pensado no âmbito da academia quanto à ideia de liderança e como isso ecoa no diferentes espaços dos movimentos sociais. No que se refere a propostas conceituais para abordagem do tema, é preciso que mais pesquisadores persistam em novas análises aliadas à empiria dos vários contextos vividos por movimentos sociais. Isto porque criamos aqui expectativas para que ricos debates sejam reproduzidos, de acordo com diferentes panoramas teóricos e experiências de liderança. Neste sentido, o trabalho sobre lideranças no movimento de moradia que desenvolvemos aqui é a proposição de um exercício que considera o conceito de liderança em permanente construção, seja no interior dos movimentos sociais ou nas agendas de pesquisa.

Referências Bibliográficas

ALONSO, Angela. "As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate", in: *Lua Nova*, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009.

ANDRADE, I. C. D. Movimento social, cotidiano e política: uma etnografia da questão identitária dos sem-teto. Dissertação de mestrado. Faculdade De Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, USP, 2010.

AQUINO, Carlos Roberto Filadelfo. *A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia*: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC). Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, USP, 2008.

ARIENTE, Marisa Altomare. *Mulheres em movimento: a participação feminina na luta dos encortiçados pela cidadania em São Paulo*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, PUC-SP, 1998.

BLOCH, Janaina Aliano. *O direito à moradia: Um estudo dos movimentos de luta pela moradia no centro de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2008.

BARATTA, Giorgio. *As rosas e os cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BIANCHI, Álvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

BLIKSTAD, Karin. *O agir coletivo nas interfaces da sociedade civil e do sistema político: o caso da atuação do movimento de moradia de São Paulo sobre a política pública de habitação*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 2012.

BORGATTI, S.P., EVERETT, M.G., FREEMAN, L.C.. *UCINET for Windows: Software for Social Network Analysis*. Analytic Technologies, Harvard, 2002.

BUECHLER, Steven M. *Social movements in advanced capitalism: The political economy and cultural construction of social activism*. New York: Oxford, 2000.

BURT, R.S. *Structural Holes: the Social Structure of Competition*. Harvard University Press: Cambridge, 1992.

BUTTIGIEG, J. Educação e hegemonia. In: COUTINHO, C. N.; TEIXEIRA, A. de P. (Org.). *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 39-50.

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

CARICARI, Ana Maria; KOHARA, Luiz Tokuzi (orgs.). *Cortiços de São Paulo: soluções viáveis para habitação social no centro da cidade e legislação de proteção à moradia*. São Paulo: Mídia Alternativa: Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos; Salvador, BA: CESE, 2006a.

CAVALCANTI, Gustavo Carneiro Vidigal. *Uma concessão ao passado – trajetórias da União dos Movimentos de Moradia de São Paulo*. São Paulo: [USP], 2000.

DAGNINO, Evelina. “Sociedade civil, espaços públicos e a construção democrática no Brasil: limites e possibilidades”. In: _____(org). *Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 279-301.

_____. (org.). *Sociedade civil e espaços públicos no Brasil*. São Paulo, Paz e Terra/Unicamp, 2002. 364 páginas.

_____. “Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa”. In: *Revista de sociologia política*. Universidade Federal de Santa Catarina (Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política). Florianópolis: UFSC: Cidade Futura, n. 5, v.3, 2004a, p. 137-161.

_____. “Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania”. In: _____ (Org). *Os Anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

_____. OLVERA, Alberto J. PANFICHI, Aldo. “Para uma outra leitura da disputa pela construção democrática na América Latina”. In: _____ (Orgs.). *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra; Campinas, SP: Unicamp, 2006, Cap. I, p. 13-91.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

DEBRUN, Michel. *Gramsci: filosofia, política e bom senso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____. Gramsci e a emancipação do subalterno. *Revista de Sociologia Política*. n. 29, Curitiba, 2007, p. 63-78.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. (1999). *Social Movements: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishers.

DIANI, Mario. “Networks and social movements: a research programme”. In: DIANI, M., McADAM, D. (eds) *Social movements and networks*. Relational

approaches to collective action. Oxford/New York: Oxford University Press, 2003, p.299-319.

DIANI, Mario. "Networks and social movements: a research programme". In: DIANI, M., McADAM, D. (eds) *Social movements and networks*. Relational approaches to collective action. Oxford/New York: Oxford University Press, 2003, p.299-319.

DIAS, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim - A Construção do Conceito de Hegemonia*. São Paulo: Editora Xamã, 2011.

_____. "Intelectuais: para que e para quem?", in: LOMBARDI, J. C; MAGALHÃES, L.D.R.; SANTOS, W. S. (orgs.), *Gramsci no Limiar do Século XXI*. Campinas: Librum Editora, 2013, pp. 118-140.

_____. *O outro Gramsci*. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

DURHAM, Eunice , "Movimentos Sociais – A Construção da Cidadania", in: *Novos Estudos CEBRAP*, nº I, Outubro 1984.

EMIRBAYER, Mustafa. "Manifesto for a Relational Sociology". *The American Journal of Sociology*, Vol. 103, No. 2, (Sep., 1997), pp. 281-317

EVERS, Tilman, "Identidade - a face oculta dos movimentos sociais", in: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 4, 1984.

FELTRAN, Gabriel. *Desvelar da Política na Periferia: Histórias de Movimentos Sociais em São Paulo*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

_____. "Deslocamentos: trajetórias individuais entre sociedade civil e Estado no Brasil", in: Dagnino, E.; Oliveira, A.; Panfichi, A. (orgs.). *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. "Margens da Política, Fronteiras da Violência: Uma Ação Coletiva das Periferias de São Paulo". In: *Lua Nova*, São Paulo, 79, 2010, pp. 201-233.

FERRI, Mônica Freitas. *A Disputa entre Diferentes Projetos Políticos no Orçamento Participativo do Município de Vila Velha – ES: Radicalização da Democracia ou Elitismo Democrático?*. Dissertação de Mestrado: UFES, 2009.

FREIRE, Paulo (em entrevista a NOGUEIRA, Adriano). *Que Fazer – Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, 5ª ed., p. 19.

GALVÃO, Andréia. "Marxismo e movimentos sociais". In: *Crítica Marxista*, n.32, p.85-106, 2011.

GOHN, Maria da Glória M. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e luta pela moradia*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GONÇALVES, J. *Ocupar e Resistir: problemas da habitação no centro pós-moderno (SP)*. Dissertação de Mestrado USP, São Paulo, 2006.

GRAMSCI, Antonio. "Nada de espontaneidade pura". In: *Passato e presente*. Turim: Einaudi, 1954.

_____. *Quaderni del carcere*. Edição crítica de Valentino Gerratana. Turim: Einaudi, 1977, 4 v.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000a. v. 3.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000b. v. 2.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

_____. *Cadernos do cárcere*. 6 volumes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. *Concepção dialética da história*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA. “Dossiê: os movimentos sociais e a construção democrática”, in: *Idéias*. Campinas: IFCH-UNICAMP, 5(2)/6(1), 1998/1999.

FREEMAN, L.C. *Centrality in social networks: conceptual clarification*. Social Networks 1, 1979, 215–239.

GURZA-LAVALLE, A.; CASTELLO, G.; BICHR, R.. Quando novos atores saem de cena – Continuidades e mudanças na centralidade dos movimentos sociais. *Revista Política e Sociedade*, nº 05, Outubro, 2004.

HANNEMAN, Robert A. e RIDDLE, Mark. *Introduction to social network methods*. Riverside, CA: University of California, Riverside. Disponível em: http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/C8_Embedding.html, 2005. Acesso em 08 jan. 2015.

HERKENHOFF, Maria Beatriz Lima. *O papel do líder comunitário*. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural/ UFES, 1995.

IASI, Mauro L. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos Melo. “A ação coletiva e seus interpretes”, in: *Pensamento Plural*. Pelotas [01]: julho/dezembro de 2007, p. 65-87.

KUNRATH SILVA; ZANATA Jr. “Diz-me com quem andas, que te direi quem és: uma – breve – introdução à análise de redes sociais”, em *REVISTA USP*, São Paulo, n . 92, pp. 114-130. Dezembro/fevereiro 2011-2012.

LAVALLE, Adrián Gurza, CASTELLO, Graziela e BICHR, Renata Mirandola. “Os Bastidores da Sociedade Civil - Protagonismos, Redes e Afinidades no Seio das Organizações Cívicas”. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP, SP, novembro de 2006.

LIGUORI, Guido. *Roteiros para Gramsci*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Editora Expressão Popular, 1999 (primeira publicação original do texto em 1900).

MACCARTHY, J.D; ZALD, M. N. “Resource Mobilization and Social Movements: A Partial Theory”, in *American Journal of Sociology* 82 (May): 1212, p. 39.

MARTINS, Marcos Francisco. “Gramsci, os intelectuais e suas funções científico-filosófica, educativo-cultural e política”, in: *Pro-Posições*, vol.22, nº3. Campinas set./dez.: 2011.

MARQUES, Eduardo César. “Estado, atores e relações, ou como as relações individuais e as organizações se constroem e reconstroem”. In:____. *Redes*

sociais e permeabilidade do Estado: instituições e atores políticas na produção da infra-estrutura urbana do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, IFCH-Unicamp, 1998, p. 11-32.

MARQUES, Eduardo César. Redes sociais e poder no estado brasileiro: aprendizados a partir de políticas urbanas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 21, nº 60, supl. 60, São Paulo, fev. 2006.

MARQUES, Eduardo César. As redes importam para o acesso a bens e serviços obtidos fora de mercados? *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 24, nº 71, São Paulo, out. 2009.

MAURO, Gilmar. “É preciso investir no processo de formação”. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Socialismo ou barbárie: Rosa Luxemburgo no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: IRLS, 2009.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

_____. “Um objetivo para os movimentos sociais?” São Paulo: *Revista Lua Nova*, junho 1989, nº 17.

_____. *Challenging Codes*. New York: Cambridge University Press, 1996.

MIAGUSKO, Edson. *Movimentos de moradia e sem-teto: experiências no contexto do desmanche*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, USP: 2008.

MISCHE, A. *Partisan publics*. Princeton Univ. Press, 2008.

_____. Cross---talk in movements: reconceiving the culture---network link. In: DIANI, M. e McADAM, D. *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Oxford Univ. Press, 2003.

MISCHE, A. E WHITE, H. *Between conversation and situation: public switching dynamics across network domains*. NY: New School for Social Research, 1998, draft.

MORRIS, Aldon; STAGGENBORG, Suzanne. *Leadership in social movements*, 2002. Disponível em:
www.sociology.northwestern.edu/faculty/morris/doc/morris-leadership.pdf.
Acesso em: 08 jan 2015.

MUNCK, Gerardo L. “Formação de atores, coordenação social e estratégia política: problemas conceituais e do estudo dos movimentos sociais”. In: *Dados*, vol. 40, nº1. Rio de Janeiro: 2007.

NEULHOD, Roberta dos Reis. *Os movimentos de moradia e sem-teto e as ocupações de imóveis ociosos: a luta por políticas públicas habitacionais na*

área central da cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2009.

OLIVEIRA, N. *Os movimentos dos Sem-Teto da grande São Paulo (1995-2009)*. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas: Unicamp, 2010.

PATTERNIANI, Stella. Relatório Parcial – Pesquisa de Mestrado para Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP), Campinas: UNICAMP, 2012.

PINASSI, Maria Orlanda. *Da miséria ideológica à crise do capital: uma reconciliação histórica*. São Paulo: Boitempo, 2009.

RAUBER, Isabel. *Movimientos Sociales y representación política*. 3ª ed. Bogotá: Desde Abajo, 2003.

REGUILLO, Rossana. “Une perspective gramscienne sur les mouvements sociaux”, em *Alternatives Sud*, Vol. I, 4, CETRI/L’Harmattan: Paris, 1994, p.75-92.

RIZEK, Cibele Saliba. “Sociedade civil e espaços públicos no Brasil: um balanço necessário”, em *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2003, vol.18, n.51, pp. 161-165. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000100011>.

SADER, E. S. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, A.; SERAFIM, L.; PONTUAL, P. “Os Movimentos Sociais e sua Relação com os Canais Institucionais”, in: *Observatório dos Direitos do Cidadão*, Instituto Pólis, set. 2008.

SAVIANI, Dermeval. “Introdução: sobre a recepção de Gramsci na educação brasileira”, in: LOMBARDI, J. C; MAGALHÃES, L.D.R.; SANTOS, W. S. (orgs.), *Gramsci no Limiar do Século XXI*. Campinas: Librum Editora, 2013, p. 11-16.

SCHLESENER, Anita. *Revolução e cultura em Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

SECCO, Lincoln. *A história do PT*. São Paulo: Ateliê Editora, 2011.

SENA Jr, C. Z. “Controvérsias Marxistas Sobre a Leitura e a Recepção de Gramsci no Brasil”, in: LOMBARDI, J. C; MAGALHÃES, L.D.R.; SANTOS, W. S. (orgs.), *Gramsci no Limiar do Século XXI*. Campinas: Librum Editora, 2013, p. 118-140.

SILVA, K.M.; TAVARES, E.M.; MACHADO, C.L.B. *Educação popular do campo e envelhecimento nos movimentos sociais*, X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

SILVA, Marcelo Kunrath e MOURA, Joana Tereza Vaz de. Atores sociais em espaços de ampliação da democracia: as redes sociais em perspectiva. *Revista Sociologia e Política*, vol. 16, número suplementar, p. 43-54, ago. 2008.

SILVA, Marcelo Kunrath. “Dos objetos às relações: esboço de uma proposta teórico-metodológica para a análise dos processos de participação social no Brasil”. In: DAGNINO, Evelina e TATAGIBA, Luciana (orgs). *Democracia, sociedade civil e participação*, Chapecó: Ed. Universitária, 2007, p. 477-498.

SIMIONATTO, Ivete. “Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana” em *Rev. Katál.* Florianópolis v. 12 n. 1 p. 41-49 jan./jun. 2009.

TATAGIBA, Luciana; BLIKSTAD, Karin. *As eleições das organizações populares para o Conselho Municipal de Habitação de São Paulo*: limites, potencialidades e tensões presentes nas imbricações do movimento de moradia de São Paulo com o campo político institucional. In: *Associação Latino Americana de Ciência Política - ALACIP*, Buenos Aires, 2010.

TATAGIBA, Luciana; TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves. *Movimentos Sociais e sistema político: os desafios da participação*. São Paulo: Instituto Pólis / PUC-SP, 2005. (Observatório dos Direitos do Cidadão: acompanhamento e análise das políticas públicas da cidade de São Paulo, p. 25).

TATAGIBA, L. TRINDADE, T. PATERNIANI, S. “Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia em São Paulo”, in: *Opinião Pública*, Campinas, vol. 18, nº 2, novembro, 2012, p. 399-426.

TATAGIBA, Luciana. 2009. “Relação entre movimentos sociais e instituições políticas no cenário brasileiro recente: Reflexões em torno de uma agenda preliminar de pesquisa”. Capítulo a ser publicado no livro *Interrogating the Civil Society Agenda: Social Movements, Civil Society, and Democratic Innovation*. Editado por Sonia E. Alvarez, Gianpaolo Baiocchi, Agustín Laó-Montes, Jeffrey W. Rubin, and Millie Thayer.

TRINDADE, Thiago. Direitos e Cidadania: Reflexões sobre o Direito à Cidade. Em *Lua Nova*, São Paulo, 87: p. 139-165, 2012.

WASSERMAN, Stanley, FAUST, Katherine. “Networks, relations, and structure”. In: _____. *Social network analysis*. Methods and applications. Cambridge University Press, 1999, p. 03-54.

VERRI, N. *Os Sem-Teto do centro de São Paulo: um balanço dos anos 2001 e 2004*. Tese de Doutorado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas: Unicamp, 2008.

Anexo

1 - Questionário Pesquisa Rede do Movimento de Moradia do Centro de São Paulo:

A. Dados de controle

A1. Número da Entrevista: _____ A2. Iniciais do Entrevistador: _____ . A3. Data: ____/____/2010

A4. Nome do Movimento [POR EXTENSO E A SIGLA]: _____.

A5. Nome do(a) Entrevistado(a):

_____.

A6. Sexo: 1. Feminino. 2. Masculino.

A7. Local da Entrevista: _____.

B. Dados do Entrevistado – Vida profissional e inserção em organizações civis

B1. Em que ano você nasceu? _____.

B1a. Atualmente você está trabalhando, mesmo que seja fazendo um bico ou em um serviço temporário?

1. Sim ----- **ir para B2.**

2. Não ----- **ir para B3.**

B2. E neste trabalho você é?

1. Empregado com carteira assinada ---- **ir para B3a.**

2. Empregado sem carteira assinada ---- **ir para B3a.**

3. Autônomo ---- **ir para B3a.**

4. Tem negócio próprio ---- **ir para B3a.**

5. Funcionário Público ---- **ir para B3a.**

6. Outros. B2a. Qual? _____ ---- **ir para B3a.**

B3. E você diria que atualmente você é:

1. Desempregado.

2. Dona de Casa.

3. Estudante.

4. Aposentado.

B3a. Você já trabalhou em algum órgão público ou já assessorou algum partido político ou parlamentar (deputado, vereador, etc.)?

1. Sim ----- **B3b.** Qual (is) e quando? _____
_____.
2. Não.

B4. Qual foi o último ano da escola que você concluiu?

1º Grau						2º Grau						Superior		Pós		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16 +

ENSINO FUNDAMENTAL ENSINO MÉDIO UNIVERSITÁRIO

B5. Você é filiado a algum partido político?

1. Sim ----- **B5a.** Qual? _____ **B5b.** Há quanto tempo? _____ (ir para B6).
2. Não --- ir para **B5c**
B5c. Já foi filiado? 1. Sim ---- **B5d.** De qual partido? _____
2. Não.

B6. Qual sua religião de criação, aquela que foi dada por seus pais ou responsáveis?

_____.

B6a. Qual sua religião atual?

_____ ---- **B6b.** Há quanto tempo pratica essa religião? _____.

B7. Em que cidade você nasceu? _____.

B8. Em que zona da cidade de São Paulo você mora?

1. Zona Norte.
2. Zona Sul.
3. Zona Leste.
4. Zona Oeste.
5. Centro.
6. Outro. **B8a.** Qual? _____.

99. NS/NR.

B9. Qual a sua situação em relação à moradia, você:

1. Tem casa própria.
 2. Mora em casa alugada.
 3. Mora de favor.
 4. Mora em uma ocupação.
 5. Mora na rua ou em um albergue ---- ir para Bloco C.
 6. Outros. **B8a.** Qual? _____.
99. NS/NR.

B10. Você já morou alguma vez na rua ou em albergues?

1. Sim. 2. Não. 99. NS/ NR.

C. Vínculos Associativos

C1. Participa de algum outro movimento social?

1. Sim. 2. Não (ir para C2). 99. NS/NR (ir para C2).

C1a. Quais? Há quanto tempo?

	Quais? (Nome dos Movimentos)		Há quanto tempo?
C1a1		C1b1	
C1a2		C1b2	
C1a3		C1b3	
C1a4		C1b4	
C1a5		C1b5	

C2. Você conhece o Movimento de População de Rua?

1. Sim ----- C2a. Quem você conhece de lá? _____

2. Não.
99. Não Sabe/ Não respondeu.

C3. Atualmente, você participa de algum conselho de políticas públicas ou de outros espaços de participação junto ao governo?

1. Sim. 2. Não (ir para C4). 99. NS/NR (ir para C4).

C3a. Quais? Há quanto tempo?

	Quais? (Nome dos Espaços de Participação)		Há quanto tempo?
C3a1		C3b1	
C3a2		C3b2	
C3a3		C3b3	
C3a4		C3b4	
C3a5		C3b5	

C4. Você já participou, em algum outro momento, de algum conselho de políticas públicas ou outros espaços de participação?

1. Sim. 2. Não (ir para D1). 99. NS/NR (ir para D1).

C4a. Quais? Quando?

	Quais? (Nome dos Espaços de Participação)		Quando?
C4a1		C4b1	

C4a2		C4b2	
C4a3		C4b3	
C4a4		C4b4	
C4a5		C4b5	

D. Dados Relacionais

D1. Qual a sua opinião sobre as ocupações? Para você, quais são os pontos positivos e os pontos negativos das ocupações?

Positivos	Negativos

99. Não sabe/ Não respondeu ----- **ir para D3.**

D2. Pensando agora nas pessoas que você conhece e que fazem parte do movimento de moradia ou que atuam em prol da moradia digna. Me diga, quais você acha que possuem opinião parecida com a sua em relação às ocupações?

Nome da pessoa	Instituição/ Movimento	Há quanto tempo conhece?
D2a1	D2b1	D2c1
D2a2	D2b2	D2c2
D2a3	D2b3	D2c3
D2a4	D2b4	D2c4
D2a5	D2b5	D2c5

98. Ninguém.

99. Não Sabe/ Não Respondeu.

D3. O que você acha da proposta de moradia no centro para a população de baixa renda? Para você, quais são os pontos positivos e os pontos negativos dessa proposta?

Positivos	Negativos

99. Não sabe/ Não respondeu ----- ir para **D5**.

D4. Pensando agora nas pessoas que você conhece e que fazem parte do movimento de moradia ou que atuam em prol da moradia digna. Me diga, quais você acha que possuem opinião parecida com a sua em relação à proposta de moradia no centro para população de baixa renda?

Nome da pessoa	Instituição/ Movimento	Há quanto tempo conhece?
D4a1	D4b1	D4c1
D4a2	D4b2	D4c2
D4a3	D4b3	D4c3
D4a4	D4b4	D4c4
D4a5	D4b5	D4c5

98. Ninguém.

99. Não Sabe/ Não Respondeu.

D5. Qual sua opinião sobre os mutirões auto-gestionários? Para você, quais são os pontos positivos e os pontos negativos dos mutirões?

Positivos	Negativos

99. Não sabe/ Não respondeu ----- ir para **D7**.

D6. Pensando agora nas pessoas que você conhece e que fazem parte do movimento de moradia ou que atuam em prol da moradia digna. Me diga, quais você acha que possuem opinião parecida com a sua em relação à propostas como mutirões auto-gestionários?

Nome da pessoa	Instituição/ Movimento	Há quanto tempo conhece?
D6a1	D6b1	D6c1
D6a2	D6b2	D6c2
D6a3	D6b3	D6c3
D6a4	D6b4	D6c4
D6a5	D6b5	D6c5

98. Ninguém.

99. Não Sabe/ Não Respondeu.

D7. O que você acha dos espaços institucionais de participação, como os conselhos de moradia, por exemplo? Para você, quais são os pontos positivos e os pontos negativos desses espaços de participação?

Positivos	Negativos

99. Não sabe/ Não respondeu ----- ir para **E1**.

D8. Pensando agora nas pessoas que você conhece e que fazem parte do movimento de moradia ou que atuam em prol da moradia digna. Me diga, quais você acha que possuem opinião parecida com a sua em relação aos espaços institucionais de participação?

Nome da pessoa	Instituição/ Movimento	Há quanto tempo conhece?
D8a1	D8b1	D8c1
D8a2	D8b2	D8c2
D8a3	D8b3	D8c3
D8a4	D8b4	D8c4
D8a5	D8b5	D8c5

98. Ninguém.

99. Não Sabe/ Não Respondeu.

E. Redes EgoCentradas

E1. Na última manifestação de rua que você participou pela causa da moradia, com quem você se articulou, quem você chamou e quem chamou você para participar da manifestação?

97. Nunca participou de uma manifestação de rua ---- **ir para E2.**

98. Não se articulou com ninguém ----- **ir para E2.**

99. Não sabe/ Não respondeu ----- **ir para E2.**

Pessoa 1: _____ Instituição: _____.

Pessoa 2: _____ Instituição: _____.

Pessoa 3: _____ Instituição: _____.

Pessoa 4: _____ Instituição: _____.

Pessoa 5: _____ Instituição: _____.

E1a. Agora vou perguntar um pouco sobre a relação entre essas pessoas... A(o) “pessoa 1” e a (o) “pessoa 2” tem contato? A(o) “pessoa 1” e a (o) “pessoa 3” tem contato?....**(continuar até completar a tabela)**

	Pessoa 1	Pessoa 2	Pessoa 3	Pessoa 4	Pessoa 5
Pessoa 1	Não Aplica	1. Sim	1. Sim	1. Sim	1. Sim
		2. Não	2. Não	2. Não	2. Não
		99. NS/NR	99. NS/NR	99. NS/NR	99. NS/NR

Pessoa 2	Não Aplica	Não Aplica	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR
Pessoa 3	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR
Pessoa 4	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	1. Sim 2. Não 99. NS/NR
Pessoa 5	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica

E2. Para terminar, vou listar agora alguns programas habitacionais do governo, me diga quais deles você tentou acessar, tanto para você quanto para benefício de outras pessoas:

E2a. Programa de Cortiços (Sehab/ CDHU)	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2b. Programa Provisão de Moradias (SH/ CDHU)	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2c. Programa de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais (federal)	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2d. Programa Minha Casa Minha Vida (federal)	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2e. Programa de Habitação de Interesse Social (federal)	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2f. Programa Crédito Solidário (federal)	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2g. Programa Locação Social	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2h. Bolsa Aluguel	1. Sim	2.Não	99. NS/NR
E2i. Outros. E2j.Quais? _____	1. Sim	2.Não	99. NS/NR

****Se não participa, não participou ou nem tentou participar de nenhum, encerrar entrevista.**

E3. Pensando agora no último programa que tentou acessar, dentre esses que eu te perguntei, me diga: Quem você procurou para te ajudar a acessar esse programa? Não precisam ser pessoas apenas do Movimento, me diga quem foram as pessoas mais importantes para você nesse processo.

Pessoa 1: _____ Instituição: _____.

Pessoa 2: _____ Instituição: _____.

Pessoa 3: _____ Instituição: _____.

Pessoa 4: _____ Instituição: _____.

Pessoa 5: _____ Instituição: _____.

E4. Agora, me diga um pouco sobre a relação entre essas pessoas... O (a) "pessoa 1" e o(a) "pessoa2" tem contato? A(o) "pessoa 1" e a (o) "pessoa 3" tem contato?....(continuar até completar a tabela).

	Pessoa 1	Pessoa 2	Pessoa 3	Pessoa 4	Pessoa 5
Pessoa 1	Não Aplica	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR
Pessoa 2	Não Aplica	Não Aplica	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR
Pessoa 3	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	1. Sim 2. Não 99. NS/NR	1. Sim 2. Não 99. NS/NR
Pessoa 4	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	1. Sim 2. Não 99. NS/NR
Pessoa 5	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica	Não Aplica

Encerrar a entrevista: Obrigado por sua participação!

2-2 Medidas de centralidade obtidas por eixo de luta do Movimento de Moradia

Rede Total	nBetweenness	Rede Ocupações	nBetweenness	Rede Moradia no Centro	nBetweenness	Rede Mutirões	nBetweenness	Rede Participação Institucional	nBetweenness
João	5.924	Joana	11.640	João	5.055	Tavares	4.849	Tavares	30.043
Tavares	5.189	Tavares	11.514	Carla	4.722	Sara	4.152	Tião	21.367
Joana	3.265	João	10.672	Clarice	2.748	Joana	3.455	Carla	20.906
Carlo	2.564	Laura	9.516	Otávio	2.496	Otávio	2.642	Sara	17.283
Vilma	2.386	Gilvan	8.136	Tavares	2.399	Rafael	2.410	Carlo	14.983
Gilvan	2.372	Sara	7.832	Carlo	1.744	Laura	2.091	Rafael	14.983
Carla	2.208	Carlo	6.989	Joana	1.575	Arturo	1.045	Joana	14.402
Laura	1.836	Carla	5.269	Rafael	1.447	Vivian	0.610	Laura	12.466
Sara	1.801	Vilma	5.233	Tião	1.057	João	0.523	Otávio	11.885
Rafael	1.268	Rafael	4.659	Juraci	0.740	Carlo	0.465	João	11.808
Clarice	1.263	Clarice	4.659	Arturo	0.634	Carla	0.407	Arturo	8.011
Otávio	1.047	Fernando	3.091	Laura	0.388	Juraci	0.174	Juraci	3.949
Júlio	1.045	Arturo	3.011	Vivian	0.179	Júlio	0.058	Clarice	3.949
Arturo	0.552	Otávio	0.573	Fernando	0.132	Victor	0.000	Samuel	3.249
Juraci	0.519	Vivian	0.430	Alcina	0.000	Alcina	0.000	Vivian	2.904
Fernando	0.402	Juliana	0.000	Caio	0.000	Ariane	0.000	Juliana	2.600
Vivian	0.179	Paulinha	0.000	Pedro	0.000	Orestes	0.000	Lara	1.916

Tiago	0.000	Elizete	0.000	Brenda	0.000	Josefa	0.000	Gilvan	1.161
Israel	0.000	Tião	0.000	Sara	0.000	Violeta	0.000	Júlio	0.813
Miguel	0.000	Alcina	0.000	Ilda	0.000	Lara	0.000	Violeta	0.742

Rede Total	OutClosen ess	Rede Ocupações	OutClosen ess	Rede Moradia no Centro	OutClosen ess	Rede Mutirões	OutClosen ess	Rede Participação Institucional	InClosene ss
Tavares	50.318	Laura	28.972	Sara	10.654	Tião	8.714	Tavares	10.966
Joana	47.590	Joana	27.679	Laura	7.599	Clarice	5.103	Otávio	10.742
João	47.590	João	27.679	Otávio	6.687	João	5.030	Sara	10.660
Laura	47.305	Tavares	27.193	Joana	6.607	Sara	4.828	Tião	10.579
Otávio	42.703	Fernando	26.957	Clarice	6.509	Otávio	4.822	Joana	10.553
Vilma	42.473	Sara	26.957	Rafael	6.509	Tavares	4.822	João	10.553
Clarice	42.473	Carlo	25.203	Fernando	3.880	Joana	4.817	Vivian	10.474
Rafael	42.021	Clarice	24.603	Júlio	3.645	Rafael	4.751	Samuel	10.422
Fernando	40.722	Júlio	24.219	Vivian	3.598	Vivian	4.703	Juliana	10.319
Vivian	40.102	Vilma	24.031	João	3.520	Carla	2.846	Arturo	10.294
Sara	39.698	Otávio	24.031	Tião	3.498	Gilvan	2.632	Violeta	10.294
Tião	37.441	Rafael	23.846	Tavares	3.101	Laura	2.632	Rafael	10.194
Júlio	37.264	Vivian	22.464	Carla	2.698	Carlo	2.563	Carla	10.096
Carlo	36.406	Gilvan	20.667	Carlo	2.696	Arturo	2.439	Laura	10.048

Gilvan	31.349	Tiã	3.686	Juraci	2.694	Júlio	2.381	Júlio	9.953
Carla	30.385	Carla	3.571	Vilma	2.500	Juraci	2.381	Lara	9.953
Juraci	27.817	Juraci	3.559	Arturo	2.326	Fernando	2.326	Alcimar	9.813
Arturo	1.282	Arturo	3.333	Amanda	2.222	Rosemeire	2.326	Guilherme	9.813
Pedro	1.250	Miguel	3.125	Gabriel	2.222	PeNicolas	2.326	Ariane	9.722
Victor	1.250	Vitória	3.125	Léia	2.222	Vilma	2.326	Priscila	9.722
Tiago	1.250	Paulinha	3.125	Ilda	2.222	Beatriz	2.326	Vanessa	9.722
Caio	1.250	Beatriz	3.125	Pedro	2.222	Vitória	2.326	Camila	9.502
Elizete	1.250	Elizete	3.125	Abigail	2.222	Paulinha	2.326	Alcina	9.502
Orestes	1.250	Simone	3.125	Elizete	2.222	Lúcia	2.326	Carlo	9.502
Lúcia	1.250	Reverendo Cleison	3.125	Flor	2.222	Josefa	2.326	Clarice	9.459
Guilherme	1.250	Juliana	3.125	Rosalinda	2.222	Victor	2.326	Orestes	9.417
Dália	1.250	Rosemeire	3.125	Alessandra	2.222	Virgílio	2.326	Rodrigo	9.417
Gina	1.250	Alcina	3.125	Santos	2.222	Guilherme	2.326	Lúcia	9.333
Miguel	1.250	Camila	3.125	Caio	2.222	Alcimar	2.326	Daniela	9.292
Ariane	1.250	Ciro	3.125	Plínio	2.222	Rodrigo	2.326	Abigail	9.292
Alcina	1.250	Ariela	3.125	Camila	2.222	Orestes	2.326	Simone	9.292
Israel	1.250	Edvaldo	3.125	Alcina	2.222	Vanessa	2.326	Juraci	8.861
Ilda	1.250			Gilvan	2.222	Priscila	2.326	Josefa	8.824

Juliana	1.250			Leticia	2.222	Ariane	2.326	Victor	8.824
Brenda	1.250			Leonardo	2.222	Violeta	2.326	PeNicolas	8.787
Plínio	1.250			Tulipa	2.222	Simone	2.326	Virgílio	8.268
Gabriel	1.250			Reinaldo	2.222	Daniela	2.326	Gilvan	2.632
Josefa	1.250			Vidal	2.222	Abigail	2.326	Rosemeire	2.625
Ana	1.250			Beatriz	2.222	Lara	2.326	Beatriz	2.625
André	1.250			Brenda	2.222	Camila	2.326	Paulinha	2.625
Leonardo	1.250			David	2.222	Alcina	2.326	Vilma	2.625
Santos	1.250			Ana	2.222	Juliana	2.326	Vitória	2.625
Violeta	1.250			Regina	2.222	Samuel	2.326	Fernando	
Virgílio	1.250			Severino	2.222				
Priscila	1.250			Lúcia	2.222				
Reinaldo	1.250								
Vidal	1.250								
Léia	1.250								
Lívia	1.250								
Lara	1.250								
Paulinha	1.250								
David	1.250								
Clara	1.250								

Severino	1.250								
Reverendo Cleison	1.250								
Tulipa	1.250								
Leticia	1.250								
Vanessa	1.250								
Alessandra	1.250								
Beatriz	1.250								
Amanda	1.250								
Alcimar	1.250								
Rosemeire	1.250								
Vitória	1.250								
Flor	1.250								
PeNicolas	1.250								
Ciro	1.250								
Rivelino	1.250								
Ariela	1.250								
Camila	1.250								
Rodrigo	1.250								
Helena	1.250								

Regina	1.250								
Rosalinda	1.250								
Simone	1.250								
Edvaldo	1.250								
Samuel	1.250								
Abigail	1.250								
Luana	1.250								
Daniela	1.250								

Rede Total	InCloseness	Rede Ocupações	InCloseness	Rede Moradia no Centro	InCloseness	Rede Mutirões	InCloseness	Rede Participação Institucional	nCloseness
Vilma	1.553	Tião	3.125	Vilma	2.222	Tião	2.326	Tavares	10.966
Fernando	1.554	Fernando	4.984	Sara	2.222	Fernando	2.326	Otávio	10.742
Juraci	1.555	Vivian	5.008	Júlio	2.222	Clarice	2.326	Sara	10.660
Rafael	1.556	Vilma	5.016	Amanda	2.273	Gilvan	2.326	Tião	10.579
Clarice	1.557	Clarice	5.041	Gabriel	2.273	João	2.381	Joana	10.553
Tião	1.557	Sara	5.082	Léia	2.273	Carla	2.381	João	10.553
Laura	1.558	Carlo	5.099	Fernando	2.273	Rosemeire	2.381	Vivian	10.474
Vivian	1.558	Júlio	5.099	Laura	2.273	PeNicolas	2.381	Samuel	10.422
Júlio	1.558	Otávio	5.107	Ilda	2.273	Vilma	2.381	Juliana	10.319

Gilvan	1.558	Gilvan	5.116	Pedro	2.273	Beatriz	2.381	Arturo	10.294
Joana	1.559	Rafael	5.124	Abigail	2.273	Vitória	2.381	Violeta	10.294
Otávio	1.559	Laura	5.124	Elizete	2.324	Paulinha	2.381	Rafael	10.194
Sara	1.559	Miguel	5.132	Flor	2.324	Lúcia	2.438	Carla	10.096
Carlo	1.559	Joana	5.167	Joana	2.490	Carlo	2.438	Laura	10.048
Carla	1.559	João	5.167	Otávio	2.493	Júlio	2.438	Júlio	9.953
Tavares	1.560	Tavares	5.175	Clarice	2.497	Josefa	2.496	Lara	9.953
João	1.561	Arturo	5.254	Rafael	2.497	Juraci	2.496	Alcimar	9.813
Pedro	1.573	Vitória	5.272	Arturo	2.546	Victor	2.496	Guilherme	9.813
Ilda	1.573	Paulinha	5.272	Rosalinda	2.546	Virgílio	2.555	Ariane	9.722
Gabriel	1.573	Beatriz	5.272	Alessandra	2.546	Sara	2.838	Priscila	9.722
Léia	1.573	Elizete	5.281	Santos	2.554	Rafael	2.840	Vanessa	9.722
Amanda	1.573	Simone	5.281	Caio	2.554	Otávio	2.842	Camila	9.502
Miguel	1.574	Reverendo Cleison	5.326	Vivian	2.554	Joana	2.844	Alcina	9.502
Brenda	1.575	Juliana	5.345	Plínio	2.554	Tavares	2.844	Carlo	9.502
Virgílio	1.575	Rosemeire	5.382	Camila	2.604	Vivian	2.846	Clarice	9.459
Caio	1.576	Alcina	5.410	Alcina	2.604	Guilherme	2.905	Orestes	9.417
Orestes	1.576	Camila	5.410	Gilvan	2.617	Laura	2.905	Rodrigo	9.417
Plínio	1.576	Juraci	5.860	Tião	2.837	Alcimar	2.905	Lúcia	9.333

André	1.576	Carla	5.871	João	2.853	Rodrigo	2.907	Daniela	9.292
Santos	1.576	Ciro	6.043	Tavares	2.912	Orestes	2.907	Abigail	9.292
PeNicolas	1.576	Ariela	6.043	Leticia	2.918	Vanessa	2.911	Simone	9.292
Rodrigo	1.576	Edvaldo	6.043	Leonardo	2.918	Priscila	2.911	Juraci	8.861
Elizete	1.577			Tulipa	2.977	Ariane	2.911	Josefa	8.824
Livia	1.577			Reinaldo	2.977	Arturo	2.917	Victor	8.824
Paulinha	1.577			Vidal	2.977	Violeta	2.917	PeNicolas	8.787
Vitória	1.577			Beatriz	3.008	Simone	2.972	Virgílio	8.268
Simone	1.577			Juraci	3.179	Daniela	2.972	Gilvan	2.632
Daniela	1.577			Carlo	3.186	Abigail	2.972	Rosemeire	2.625
Victor	1.578			Carla	3.205	Lara	2.981	Beatriz	2.625
Tiago	1.578			Brenda	3.250	Camila	2.985	Paulinha	2.625
Guilherme	1.578			David	3.257	Alcina	2.985	Vilma	2.625
Ariane	1.578			Ana	3.257	Juliana	3.002	Vitória	2.625
Josefa	1.578			Regina	3.276	Samuel	3.095	Fernando	
Ana	1.578			Severino	3.276				
Priscila	1.578			Lúcia	3.276				
David	1.578								
Reverendo Cleison	1.578								

Vanessa	1.578								
Alessandra	1.578								
Alcimar	1.578								
Rosalinda	1.578								
Luana	1.578								
Lúcia	1.579								
Severino	1.579								
Ciro	1.579								
Ariela	1.579								
Regina	1.579								
Edvaldo	1.579								
Abigail	1.579								
Dália	1.580								
Gina	1.580								
Israel	1.580								
Leonardo	1.580								
Reinaldo	1.580								
Clara	1.580								
Tulipa	1.580								
Leticia	1.580								

Rosemeire	1.580								
Rivelino	1.580								
Helena	1.580								
Vidal	1.581								
Lara	1.581								
Flor	1.581								
Juliana	1.582								
Violeta	1.582								
Samuel	1.582								
Arturo	1.583								
Beatriz	1.583								
Alcina	1.603								
Camila	1.603								

Rede Total	NrmOutDeg ree	Rede Ocupações	NrmOutDeg ree	Rede Moradia no Centro	NrmOutDeg ree	Rede Mutirões	NrmOutDeg ree	Rede Participação Institucional	NrmOutDeg ree
João	25.316	Gilvan	16.129	Otávio	11.364	Otávio	11.905	Tavares	19.048
Tavares	24.051	Laura	16.129	Tavares	11.364	Gilvan	11.905	Joana	16.667
Joana	18.987	Joana	16.129	Sara	11.364	Tavares	11.905	Laura	14.286
Laura	17.722	Sara	16.129	Laura	11.364	Laura	11.905	Sara	14.286

Vilma	13.924	Tavares	16.129	João	11.364	João	11.905	Otávio	14.286
Clarice	12.658	João	16.129	Carla	11.364	Joana	11.905	João	14.286
Rafael	12.658	Fernando	16.129	Clarice	11.364	Rafael	11.905	Rafael	14.286
Fernando	11.392	Carlo	12.903	Joana	11.364	Sara	9.524	Gilvan	11.905
Carla	11.392	Carla	12.903	Vilma	11.364	Carla	7.143	Carla	9.524
Sara	11.392	Otávio	9.677	Carlo	9.091	Tião	7.143	Arturo	9.524
Carlo	10.127	Vilma	9.677	Fernando	9.091	Carlo	7.143	Carlo	9.524
Otávio	8.861	Rafael	6.452	Júlio	6.818	Arturo	4.762	Vivian	9.524
Gilvan	8.861	Clarice	6.452	Juraci	6.818	Clarice	4.762	Samuel	7.143
Júlio	5.063	Arturo	6.452	Rafael	6.818	Júlio	2.381	Tião	7.143
Juraci	5.063	Vivian	6.452	Tião	4.545	Juraci	2.381	Juliana	4.762
Vivian	5.063	Júlio	6.452	Arturo	4.545	Vivian	2.381	Juraci	4.762
Tião	3.797	Tião	3.226	Vivian	2.273	Orestes	0.000	Violeta	4.762
Arturo	2.532	Juraci	3.226	Alcina	0.000	Alcina	0.000	Clarice	4.762
Tiago	0.000	Paulinha	0.000	Caio	0.000	Violeta	0.000	Júlio	4.762
Miguel	0.000	Juliana	0.000	Brenda	0.000	Josefa	0.000	Lara	4.762
Israel	0.000	Ciro	0.000	Lúcia	0.000	Ariane	0.000	Alcina	2.381
Alcina	0.000	Alcina	0.000	Leonardo	0.000	Lara	0.000	Orestes	2.381
Guilherme	0.000	Miguel	0.000	Pedro	0.000	Vanessa	0.000	Josefa	2.381
Pedro	0.000	Ariela	0.000	David	0.000	Victor	0.000	Victor	2.381

Juliana	0.000	Camila	0.000	Ilda	0.000	Guilherme	0.000	Guilherme	2.381
Gabriel	0.000	Elizete	0.000	Elizete	0.000	Alcimar	0.000	Ariane	2.381
Orestes	0.000	Vitória	0.000	Vidal	0.000	Rosemeire	0.000	Rosemeire	2.381
Lúcia	0.000	Simone	0.000	Tulipa	0.000	Vitória	0.000	Vanessa	2.381
Leonardo	0.000	Edvaldo	0.000	Leticia	0.000	Beatriz	0.000	Beatriz	2.381
Dália	0.000	Rosemeire	0.000	Amanda	0.000	PeNicolas	0.000	PeNicolas	2.381
Brenda	0.000	Reverendo Cleison	0.000	Beatriz	0.000	Juliana	0.000	Alcimar	2.381
Santos	0.000	Beatriz	0.000	Severino	0.000	Fernando	0.000	Paulinha	2.381
Violeta	0.000			Flor	0.000	Camila	0.000	Camila	2.381
Virgílio	0.000			Plínio	0.000	Rodrigo	0.000	Rodrigo	2.381
Josefa	0.000			Gilvan	0.000	Lúcia	0.000	Lúcia	2.381
Elizete	0.000			Gabriel	0.000	Vilma	0.000	Vilma	2.381
Vidal	0.000			Camila	0.000	Simone	0.000	Simone	2.381
André	0.000			Ana	0.000	Samuel	0.000	Vitória	2.381
Lívia	0.000			Regina	0.000	Virgílio	0.000	Virgílio	2.381
Lara	0.000			Rosalinda	0.000	Priscila	0.000	Priscila	2.381
Paulinha	0.000			Alessandra	0.000	Abigail	0.000	Abigail	2.381
David	0.000			Santos	0.000	Paulinha	0.000	Daniela	2.381
Victor	0.000			Reinaldo	0.000	Daniela	0.000	Fernando	0.000

Clara	0.000			Abigail	0.000				
Caio	0.000			Léia	0.000				
Severino	0.000								
Reverendo Cleison	0.000								
Tulipa	0.000								
Leticia	0.000								
Vanessa	0.000								
Gina	0.000								
Beatriz	0.000								
Ariane	0.000								
Alcimar	0.000								
Rosemeire	0.000								
Vitória	0.000								
Flor	0.000								
Ilda	0.000								
PeNicolas	0.000								
Ciro	0.000								
Rivelino	0.000								
Plínio	0.000								

Amanda	0.000								
Ariela	0.000								
Camila	0.000								
Rodrigo	0.000								
Ana	0.000								
Helena	0.000								
Regina	0.000								
Rosalinda	0.000								
Alessandra	0.000								
Simone	0.000								
Edvaldo	0.000								
Samuel	0.000								
Priscila	0.000								
Reinaldo	0.000								
Abigail	0.000								
Léia	0.000								
Luana	0.000								
Daniela	0.000								

Rede Total	NrmInDegree	Rede Ocupações	NrmInDegree	Rede Moradia no Centro	NrmInDegree	Rede Mutirões	NrmInDegree	Rede Participação Institucional	NrmInDegree
João	13.924	Tavares	19.355	João	18.182	Tavares	7.143	Tavares	19.048
Tavares	12.658	Joana	16.129	Carla	13.636	Joana	7.143	Joana	16.667
Joana	8.861	João	16.129	Carlo	9.091	Rafael	7.143	Laura	14.286
Carla	8.861	Laura	9.677	Tavares	6.818	Vivian	7.143	Sara	14.286
Sara	7.595	Sara	9.677	Clarice	6.818	Samuel	7.143	Otávio	14.286
Otávio	7.595	Carla	9.677	Rafael	6.818	Otávio	4.762	João	14.286
Carlo	6.329	Rafael	9.677	Beatriz	6.818	Sara	4.762	Rafael	14.286
Gilvan	6.329	Gilvan	6.452	Juraci	4.545	Arturo	4.762	Gilvan	11.905
Vivian	6.329	Carlo	6.452	Gilvan	4.545	Violeta	4.762	Carla	9.524
Arturo	6.329	Otávio	6.452	Otávio	2.273	Lara	4.762	Arturo	9.524
Laura	5.063	Clarice	6.452	Laura	2.273	Juliana	4.762	Carlo	9.524
Clarice	5.063	Arturo	6.452	Joana	2.273	Laura	2.381	Vivian	9.524
Rafael	5.063	Júlio	6.452	Fernando	2.273	João	2.381	Samuel	7.143
Júlio	5.063	Juraci	6.452	Tião	2.273	Carla	2.381	Tião	7.143
Juliana	5.063	Juliana	6.452	Arturo	2.273	Carlo	2.381	Juliana	4.762
Beatriz	5.063	Rosemeire	6.452	Vivian	2.273	Júlio	2.381	Juraci	4.762
Samuel	3.797	Fernando	3.226	Alcina	2.273	Juraci	2.381	Violeta	4.762
Juraci	2.532	Vilma	3.226	Caio	2.273	Orestes	2.381	Clarice	4.762

Tião	2.532	Vivian	3.226	Brenda	2.273	Alcina	2.381	Júlio	4.762
Violeta	2.532	Paulinha	3.226	Lúcia	2.273	Josefa	2.381	Lara	4.762
Vidal	2.532	Ciro	3.226	Leonardo	2.273	Ariane	2.381	Alcina	2.381
Lara	2.532	Alcina	3.226	Pedro	2.273	Vanessa	2.381	Orestes	2.381
Rosemeire	2.532	Miguel	3.226	David	2.273	Victor	2.381	Josefa	2.381
Flor	2.532	Ariela	3.226	Ilda	2.273	Guilherme	2.381	Victor	2.381
Abigail	2.532	Camila	3.226	Elizete	2.273	Alcimar	2.381	Guilherme	2.381
Vilma	1.266	Elizete	3.226	Vidal	2.273	Rosemeire	2.381	Ariane	2.381
Fernando	1.266	Vitória	3.226	Tulipa	2.273	Vitória	2.381	Rosemeire	2.381
Tiago	1.266	Simone	3.226	Leticia	2.273	Beatriz	2.381	Vanessa	2.381
Miguel	1.266	Edvaldo	3.226	Amanda	2.273	PeNicolas	2.381	Beatriz	2.381
Israel	1.266	Reverendo Cleison	3.226	Severino	2.273	Camila	2.381	PeNicolas	2.381
Alcina	1.266	Beatriz	3.226	Flor	2.273	Rodrigo	2.381	Alcimar	2.381
Guilherme	1.266	Tião	0.000	Plínio	2.273	Lúcia	2.381	Paulinha	2.381
Pedro	1.266			Gabriel	2.273	Vilma	2.381	Camila	2.381
Gabriel	1.266			Camila	2.273	Simone	2.381	Rodrigo	2.381
Orestes	1.266			Ana	2.273	Virgílio	2.381	Lúcia	2.381
Lúcia	1.266			Regina	2.273	Priscila	2.381	Vilma	2.381
Leonardo	1.266			Rosalinda	2.273	Abigail	2.381	Simone	2.381
Dália	1.266			Alessandra	2.273	Paulinha	2.381	Vitória	2.381

Brenda	1.266			Santos	2.273	Daniela	2.381	Virgílio	2.381
Santos	1.266			Reinaldo	2.273	Gilvan	0.000	Priscila	2.381
Virgílio	1.266			Abigail	2.273	Tião	0.000	Abigail	2.381
Josefa	1.266			Léia	2.273	Clarice	0.000	Daniela	2.381
Elizete	1.266			Sara	0.000	Fernando	0.000	Fernando	0.000
André	1.266			Vilma	0.000				
Lívia	1.266			Júlio	0.000				
Paulinha	1.266								
David	1.266								
Victor	1.266								
Clara	1.266								
Caio	1.266								
Severino	1.266								
Reverendo Cleison	1.266								
Tulipa	1.266								
Leticia	1.266								
Vanessa	1.266								
Gina	1.266								
Ariane	1.266								

Alcimar	1.266								
Vitória	1.266								
Ilda	1.266								
PeNicolas	1.266								
Ciro	1.266								
Rivelino	1.266								
Plínio	1.266								
Amanda	1.266								
Ariela	1.266								
Camila	1.266								
Rodrigo	1.266								
Ana	1.266								
Helena	1.266								
Regina	1.266								
Rosalinda	1.266								
Alessandra	1.266								
Simone	1.266								
Edvaldo	1.266								
Priscila	1.266								
Reinaldo	1.266								

Léia	1.266								
Luana	1.266								
Daniela	1.266								

3- Anexo 3: Conteúdo de questionário do Survey

Quest. nº



GRUPO DE PESQUISA EM MOVIMENTOS SOCIAIS DA UNICAMP

Pesquisa: As relações entre movimentos sociais e instituições políticas no contexto democrático.

O caso do movimento de moradia da cidade de São Paulo

Evento: Encontro Estadual de Moradia Popular > Organização: União dos Movimentos de Moradia

São Paulo, de 15 a 17 de maio de 2009

FILTRO INICIAL: Você está participando deste evento como militante, delegado ou como observador? (Se a pessoa abordada for observadora, agradeça, e finalize a abordagem. O questionário só deve ser aplicado a militantes e delegados).

Anotar: 1.militante 2.delegado

Cota de questionários a serem realizados (assinale com um **X** a qual grupo esse questionário se refere). **Você precisa completar a seguinte cota de entrevistas:**

Militantes moradores da cidade de São Paulo : 16 questionários ____.

Militantes do ABCD (moradores de Diadema ou Santo André): 2 questionários____.

Militantes da Macro Sudeste (moradores de Embu, Osasco ou Taboão da Serra): 3 questionários____.

Militantes do Interior (moradores de Campinas, Jundiaí, Sorocaba ou Baixada Santista): 4 questionários____.

1) (Atenção: Apenas para os que moram em São Paulo).

1. Em que bairro você mora em São Paulo? _____.

88. Não se aplica porque não mora em SP.

2) Qual sua idade: ____ anos

3) Sexo: 1) Fem. 2) Masc.

4) Como você se considera em relação a sua cor?

1) Branco.

2) Pardo/mulato.

3) Negro.

4) Amarelo/oriental.

5) Indígena.

88) NS/NR (Não sabe ou não quis responder).

5) Está empregado no momento?

1. Sim. 2. Não.

5.1) Se sim, qual o seu vínculo de trabalho?

1) Trabalhador no setor informal (sem carteira assinada).

2) Trabalhador com carteira assinada.

3) Trabalhador do setor público.

4) Aposentado.

5) Outros.

88) NSA.

5.2) Quanto tempo você gasta da sua casa até o seu local de trabalho?

1) menos de 30 minutos.

2) entre 30 minutos e 1 hora.

3) entre 1 e 2 horas.

4) mais de 2 horas. 88) NSA.

6) Qual a sua escolaridade?

- 1) 1º grau incompleto (até ___ série).
- 2) 1º grau completo.
- 3) Ensino médio incompleto.
- 4) Ensino médio completo.
- 5) Ensino superior em curso.
- 6) Ensino Superior completo.
- 7) Mais que ensino superior completo.
- 8) Frequentou EJA.
- 9) Nenhuma escolaridade/ analfabeto.
- 99) Não sabe/ NR.

7 – Qual é o tipo de sua moradia?

- 1) Cortiço.
- 2) Ocupação.
- 3) Com amigos e/ou parentes.
- 4) Favela.
- 5) Casa alugada.
- 6) Casa própria.
- 7) Morador de rua.
- 8) Outros.
- 99) NS/NR.

8) Somando toda a renda de quem trabalha em sua casa, qual a sua renda familiar?

- 1) Até 2 salários..... (930,00).
- 2) Até 2 a 4 salários..... (de 931,00 a 1860,00).
- 3) De 4 a 8 salários..... (de 1861,00 a 3720,00).
- 4) De 8 a 12 salários..... (3721,00 a 5.580,00).
- 5) Mais de 12 salários.... (mais de 5.581,00).
- 6) Não tem renda.

99) NS/NR.

9) Você ou sua família recebe algum tipo de benefício do governo? (ex. bolsa família, bolsa gás, PET, bolsa aluguel, etc.)

1. Sim.

2. Não.

9.1) Se sim, qual: _____.

10) Você tem religião?

1) Católica.

2) Evangélica.

3) Outra: _____.

4. Não.

11) Você é próximo a algum partido político?

1. Sim.

2. Não.

11.1) Se sim, qual? _____.

88) NSA.

11.2). Há quanto tempo? _____.

88)NSA.

12) Há quanto tempo você participa do movimento de moradia? _____.

13) Por que você decidiu participar do movimento de moradia?

14) Como você participa do movimento? *[mencionar alternativas. Pode marcar mais de uma].*

- 1) Faz parte de uma organização/associação ou movimento de luta pela moradia no meu bairro.
- 2) É membro de um fórum ou ONG de luta pela moradia.
- 3) Participa dos atos de rua e protestos promovidos pelo movimento.
- 4) Participa em seminários etc. promovidos pelo movimento.
- 5) Discute os problemas da moradia com vizinhos e amigos.
- 6) Acompanha as lutas do movimento pelos jornais ou outros meios de comunicação.
- 7) Recebe informações sobre o movimento por email e assino listas de apoio.
- 8) Outras: _____.
- 9) não sabe.

15) Para os que marcaram (na Q14) as opções 1 ou 2:

15.1) Qual o nome da organização/movimento/ong em que você milita? _____. 88)NSA.

15.2) Com que frequência você participa das reuniões ou dos encontros dessa organização/movimento?

- 1) semanalmente.
- 2) quinzenalmente.
- 3) mensalmente.
- 4) Não participo das reuniões.
- 5) Outros _____.
- 88) NSA.

16) Como você ficou sabendo da existência do movimento de moradia? *(não mencione as alternativas, mas anote todas que forem mencionadas).*

- 1) Em reunião da igreja.

- 2) Por amigos/familiares.
- 3) na escola.
- 4) No sindicato.
- 5) No partido.
- 6) Na ocupação.
- 7) Na associação de moradores.
- 8) na prefeitura/subprefeitura.
- 9) Políticos.
- 10) Outra forma: _____ (anote).
- 99) NS/NR.

17) Nos últimos dois anos (2008, 2009), você participou – pelo menos uma vez de alguma dessas atividades? *[Mencionar alternativas. Assinalar em caso positivo. Pode marcar mais de uma].*

- 1) Marcha em defesa da moradia.
- 2) Audiência com o prefeito/secretários.
- 3) Audiência na Câmara de Vereadores.
- 4) Reuniões do conselho de habitação.
- 5 Assinatura de abaixo assinado.
- 6) Mutirão.
- 7) Bloqueio de ruas.
- 8) Ocupação.
- 9) Seminários, congressos ou encontros promovidos pela igreja, ONGs ou universidades.
- 10) Seminários, congressos ou encontros promovidos pelo movimento.
- 11) Eventos promovidos por outros movimentos.
- 12) Outras atividades _____.
- 13) não participou de nenhuma.
- 99) não lembra/ NS.

18) Em qual dessas atividades você tem participado com mais frequência, atualmente, como militante do movimento?

(Anotar) _____ (anotar por extenso, inclusive se ele disser “nenhuma delas”).

19) E em qual delas você participava mais há 10 anos atrás?

_____. (anotar por extenso.)

88) não se aplica, porque não militava.

99) Não lembra/NS.

20) Em qual (s) dessa (s) atividade (s) você nunca

participaria? _____. (anotar por extenso)

20.1) Por quê? _____ (anotar por extenso).

21) Das ações listadas a seguir, aponte as três que na sua opinião são as mais importantes para avançar a luta

- 1) Pressão por meio de manifestações de rua, marchas e eventos de protesto.
- 2) Participação em conselhos e outros espaços de diálogo/ negociação com Estado.
- 3) Ocupações.
- 4) Eleger um vereador/ prefeito/governador que apóie o movimento.
- 5) Fortalecer o movimento através da participação.
- 6) Ter conhecidos e boa relação com as pessoas do governo.
- 7) Influenciar/alterar as leis (atuação no campo legislativo).
- 8) Outro: _____.
- 99) NS/NR.

22) Qual é a sua opinião sobre as ocupações de prédios ou terrenos públicos/privados (“festas”)? (anote, inclusive se disser “não sei”).

23) Você já ouviu falar do conselho municipal de habitação?

- 1) Sim.
- 2) Não.

23.1) Se sim, você acha que o conselho tem sido importante para a luta do movimento?

1) Sim.

2) Não.

99)NS/NR.

23.2) Por quê? *(anote).*

24) Quem são para você as principais referências no movimento de moradia hoje (ou seja, pessoas que têm liderança, que falam pelo movimento, que estão à frente puxando as lutas)? *(anote, inclusive se disser “não sei” ou “não lembro”).*

25) Para você quais são as instituições que mais apóiam a luta do movimento? *(pode marcar mais de uma alternativa).*

1) ONGs_____.

2) Partido_____.

3) Igreja_____.

4) Vereadores_____.

5) Estudantes/ Universidade.

6) Defensoria pública.

7) Outros _____.

8) NS/NR.

26) Para você, quais são os inimigos do movimento de moradia? *(anote, inclusive se disser “não sei”).*

27) Você conhece algum companheiro que já conquistou a moradia?

1) Sim.

2) Não.

27.1) Se sim, ele permaneceu no movimento?

1) Sim.

2) Não.

88) NSA.

28) Além de participar do movimento, você já procurou outras formas ou pessoas para tentar conseguir sua moradia?

1) Sim.

2) Não.

28.1) Se sim, quais: (anote).

88) NSA.

29) Pensando na sua experiência, o que a militância nesse movimento trouxe para sua vida pessoal? (anote, inclusive se disser “não sei”).

30) Pensando agora na cidade de São Paulo, qual é para você a principal contribuição desse movimento?(anote, inclusive se o entrevistado disser “não sei”).

31) Você acha importante a luta pela moradia no centro? Por quê? ?(anote, inclusive se o entrevistado disser “não sei”).

32) Alguns dizem que o Brasil está se tornando um país cada vez mais democrático. Você concorda? Por quê? (anote, inclusive se disser “não sei” ou “não lembro”).